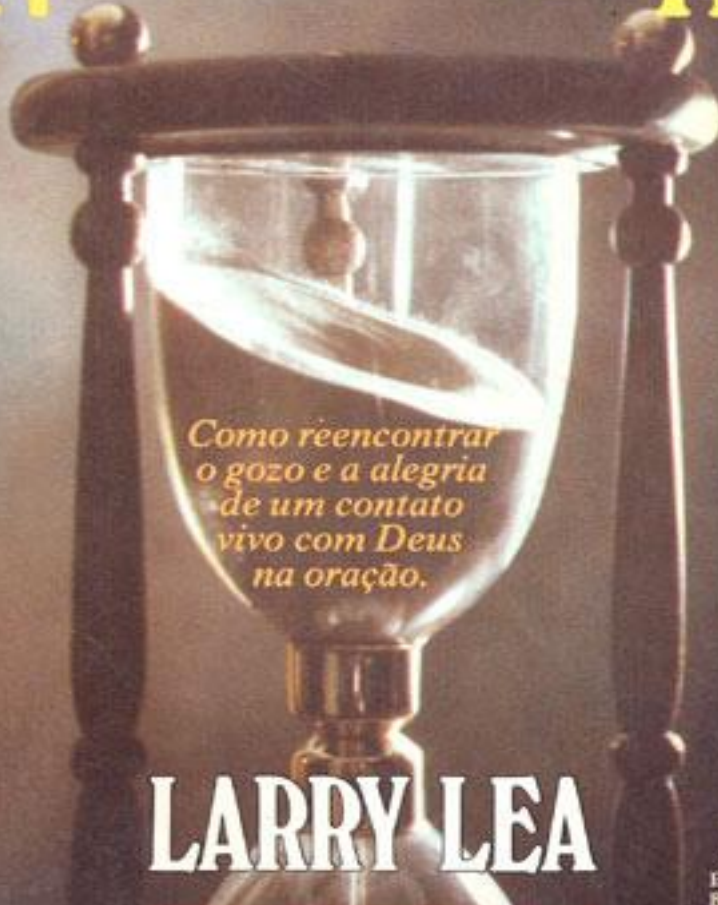


NEM UMA HORA?

NEM UMA HORA?



*Como reencontrar
o gozo e a alegria
de um contato
vivo com Deus
na oração.*

LARRY LEA




Editora
Betânia

Índice

Primeira Parte — Preparação

1. O Nome Dele Não é Henry! 13
2. Mudança Radical..... 18
3. Leia os Textos em Vermelho e Busque Poder 24
4. O Chamado Mais Importante 29
5. Progressão Espiritual 36
6. Senhor, Ensina-nos a Orar 41
7. Nem Uma Hora Pudestes Vigiar Comigo? 48

Segunda Parte — Promessas

"Pai *nosso*, que estás nos céus, santificado seja o teu nome."

8. Santificando o Nome de Deus 53
9. Apropriando-nos das Promessas de Deus 63

Terceira Parte — Prioridades

"Venha o teu reino, *faça-se a tua vontade*."

10. O Reino de Deus em Nós e Nossa Família 77
11. O Reino de Deus em Nossa Igreja e Nossa Pátria 87

Quarta Parte — Provisão Material

"O pão nosso de cada dia *dá-nos* hoje."

12. Alinhado com a Vontade de Deus 99
13. Satisfazendo as Condições de Deus 108

Quinta Parte — Pessoas

"E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores."

14. Um Bom Relacionamento com Todos 119

Sexta Parte — Poder

"E não nos deixes cair em tentação; *mas* livra-nos do mal."

15. Revestindo-nos da Armadura de Deus 131
16. Uma Cerca de Proteção 142

Sétima Parte — Louvor

"Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém."

17. O Mais Dinâmico Mandamento Divino	151
---	-----

Oitava Parte

Pré-Requisitos, Exemplos a Serem Seguidos, Participação

18. Dar o Primeiro Lugar às Coisas Mais Importantes .	
.....	161
19. Exemplos a Serem Seguidos	
.....	170
20. Por Causa de Dez	
.....	176
Plano de Oração.....	183

Prefácio

Na fria e escura noite em que Cristo foi traído, seus discípulos não permaneceram em oração com ele nem uma hora. Estavam no jardim do Getsêmani, mas enquanto Jesus orava intensamente, com uma agonia de espírito tão profunda que seu suor pingava no chão, como gotas de sangue, os discípulos dormiam, inconscientes dos eventos transcendentais que estavam para ocorrer. Então o Senhor, com o espírito carregado de tristeza, acordou-os e indagou: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?" (Mt 26.40.)

E as condições da igreja hoje acham-se espelhadas nesse trágico episódio. Jesus, nosso Sumo Sacerdote e intercessor, está orando, mas seus discípulos dormem. E com isso Satanás está ganhando todas as batalhas por *negligência* nossa. Seria impossível calcular quantas derrotas, quantos fracassos espirituais, quantas perdas morais, quantas separações de casais e outras tragédias semelhantes poderiam ter sido evitadas se os crentes tivessem orado mais. É impossível estimar a quantidade de perdas que poderiam ser evitadas e de penalidades que poderiam ter sido suspensas, se o povo de Deus tivesse dedicado mais tempo à oração. A culpa é minha, e sua também.

Mas não foi para ficar colocando complexos de culpa em ninguém que escrevi este livro. Escrevi-o porque sei o que é ter um chamado para interceder, e o que acontece quando deixamos que a fadiga, as interrupções e as pressões da vida sufoquem esse chamado. Durante seis anos, Deus instou comigo para que obedecesse à sua súplica de vigiar com ele uma hora por dia. Quando finalmente atendi, minha vida e meu ministério passaram por uma transformação radical.

Uma coisa posso garantir: quando oramos uma hora por dia, opera-se em nós um processo extraordinário. É claro que ele não ocorre da noite para o dia; acontece lentamente, de forma quase imperceptível. O Espírito de Deus enraíza no solo de nosso coração um forte *desejo* de orar. E esse anseio vai desalojando as ervas daninhas da apatia e da negligência. Depois o anseio amadurece e produz constância. Um belo dia descobrimos que orar não é mais um peso, uma obrigação. É que a disciplina da oração produziu o prazer de orar. Aí começamos a ansiar pelo momento da comunhão.

E a oração vai operando uma obra sobrenatural em nós, permeando cada aspecto de nossa vida, dando-lhe uma nova

configuração. Sentimos o coração impregnado da presença de Deus e das suas promessas. Descobrimos as prioridades dele para nossa vida, aprendemos a observá-las e a alinhar com elas nossas petições; aprendemos a nos apropriar das provisões de Deus para nossas necessidades. "Começamos a gozar maior alegria e senso de realização em nosso relacionamento com outros, e isso coloca nossa vida numa dimensão inteiramente nova. E à medida que passamos a andar no Espírito, em vez de seguir as inclinações da carne, aprendemos a viver pelo poder de Deus e a ocupar a posição de vencedores, conquistada por Cristo para nós.

Por que sei disso? Sei, porque foi o que me aconteceu quando atendi ao chamado de Deus para orar. Sei, porque foi isso que aconteceu aos discípulos após a ascensão de Cristo. Vamos pensar um pouco aqui. O que transformou aqueles homens hesitantes, desanimados e sonolentos descritos nos capítulos finais dos evangelhos, no batalhão decidido, unificado e arrojado, retratado no livro de Atos? O que fez deles esse exército espiritual forte, que pegava as adversidades no ar e as transformava em oportunidades; um exército que sabia tomar decisões firmes, e não inseguro, confuso; um exército que, em apenas uma geração, virou o mundo de cabeça para baixo, em nome de Jesus Cristo? *A oração.* A oração que fez descer dos céus o poder de Deus, e abriu as comportas de seus infinitos depósitos espirituais.

E o que poderá mobilizar os desanimados, hesitantes, sonolentos discípulos de hoje, transformando-os num poderoso exército, que avance cantando hinos de libertação, proclamando a restauração do homem? A oração; a oração que arrancará das firmes garras de Satanás as vitórias que Cristo já conquistou para nós; a oração que atacará os portões do inferno.

Quem ainda não sabe orar com persistência durante uma hora, diariamente, mas gostaria de aprender, ponha em prática os segredos espirituais aqui expostos, os quais me foram revelados pelo Espírito de Deus nos momentos quando estava de joelhos. E à medida em que você for aprendendo a orar como Jesus ensinou, sua vida espiritual não será mais aquela constante frustração, caracterizada por ensaios e erros; ao contrário, será fácil e natural vigiar com o Senhor uma hora.

Vamos inclinar a cabeça agora e fazer a seguinte oração: "Jesus, implanta em meu coração o desejo de orar. Capacita-me a manter um momento de oração diário. Que a oração deixe de ser um dever para mim e passe a ser um prazer. Faz de mim um poderoso guerreiro de teu exército."

Fez essa oração? Orou com sinceridade? Então, soldado, acho melhor tirar sua farda do baú, dar polimento nos botões de cobre, e lustrar as botas, pois o exército de Deus está-se preparando para começar a avançar.

Primeira Parte

PREPARAÇÃO

O

CAPÍTULO UM

O Nome Dele Não é Henry!

Eu tinha 17 anos — em 1968 — quando fui trancado na ala psiquiátrica do Hospital Mother Frances, em Tyler, Texas. Tinha um automóvel conversível novinho em folha, uma namorada belíssima; era campeão de golfe de meu Estado, o que me rendera uma bolsa de estudos para a universidade. Morava numa imensa mansão (tendo só para mim todo o andar superior dela; dois quartos, dois banhos e um gabinete de estudos). Possuía tudo que um jovem pode desejar. Mas, apesar disso, fiquei completamente louco, pois todas as minhas posses eram coisas exteriores; interiormente não tinha nada.

Algumas semanas antes, havia tentado "pedir socorro" ao meu pai, um homem que havia enriquecido no ramo do petróleo.

— Pai, me ajude! suplicara.

Mas ele era alcoólatra, e não conhecia a Jesus. Seu coração encontrava-se tão vazio quanto o meu. A única coisa que fez foi fitar-me uns instantes, não querendo crer no que ouvia, e em seguida exclamou, com forte sentimento de frustração:

— Larry, você é um rapaz que tem tudo, e ainda assim se sente deprimido. Deve estar tomando drogas.

Minha mãe, que era crente, veio em minha defesa.

— Meu filho não iria mexer com drogas, replicou, chocada com a insinuação de papai. Deve estar com tumor no cérebro ou algo parecido.

E ficou nisso. Certo dia, ainda nessa fase de depressão, resolvi ir à igreja num domingo pela manhã, desejoso de encontrar ali algo que fosse real. Estava tão necessitado de

orientação espiritual que ao final do culto fui à frente, (apesar de saber que todos os meus colegas estavam sentados na última fila, a me olhar). E disse ao pastor:

— Pastor, será que pode ajudar-me? Estou a ponto de enlouquecer, e não sei o que há de errado comigo.

Sabe qual foi a resposta do pastor? Deu-me um tapinha no ombro, e procurou tranqüilizar-me dizendo em voz baixa:

— Isso vai passar, meu filho. Você é um bom rapaz. Olhe aqui, preencha este cartão.

Tudo que meu pai podia me oferecer era dinheiro, e a igreja, por seu lado, apenas um cartão para preencher. Não sabia a quem mais recorrer; e, como minha mãe continuasse insistindo em que devia estar doente, resolvi ir ao médico. Fiz diversos exames, mas não se constatou uma causa física para meus males emocionais. Então fui internado na ala psiquiátrica do hospital para me submeter a uma bateria de testes psicológicos.

Pouco depois da internação, entrou em meu quarto um médico que me disse num tom de voz compreensivo:

— Acha-se um pouco deprimido, não é? Estes comprimidos aqui são excelentes, concluiu entregando-me quatro tranqüilizantes.

Daí por diante, de quatro em quatro horas, alguém vinha trazer-me os quatro comprimidos. Foi o fim; perdi todo o contato com a realidade, e mergulhei num mundo de penumbra. Os médicos disseram que se tratava de um colapso nervoso, mas na verdade o que eu tinha mesmo era um "colapso pecaminoso". Era pecador e ainda não tinha conhecimento da expiação realizada por Cristo. Também não sabia que era possível ter-se um propósito definido na vida.

Permaneci naquele hospital um mês e meio, sempre fechado entre suas paredes, sem ver o sol. Grande parte do tempo encontrava-me deitado, num profundo estado de torpor provocado pelas drogas, com os olhos revirados. Quando recobrava a consciência, pensava que a faxineira, uma senhora de cor, era minha mãe, e que o paciente do quarto em frente era o médico. E ali estava eu: herdeiro de uma grande fortuna, mas tinha perdido a razão. Afinal, meus pais, muito consternados e não sem certa relutância, tomaram as providências para que fosse transferido para o hospital estadual para doentes mentais.

Mas antes de ser levado para lá, certo dia, dei uma saída do quarto, e pus-me a caminhar pelo corredor, onde vi um crucifixo. Curioso, tirei-o da parede e, fazendo grande esforço para colocar os olhos em foco e aclarar as idéias, consegui ler a inscrição em latim: INRI. A mente ainda muito embotada, continuei a vaguear pelos corredores daquele hospital católico, recolhendo todos os crucifixos que encontrava, e pensando naquelas letras confusas. Assim que as freiras me viram segurando os crucifixos junto ao peito, vieram correndo para recuperá-los. Mas, ao vê-las, disparei também, perseguido por elas. Até esse momento estivera resmungando desconexamente. Mas aí passei a berrar aparvalhado: "O nome dele não é Henry... o nome dele não é Henry. O nome dele é Jesus!"

Alguns dias depois, houve um momento, no quarto, em que consegui recobrar totalmente a lucidez. Então me ajoelhei e me pus a clamar:

"Jesus! Jesus misericordioso!"

Não foi uma oração muito certinha pelos padrões religiosos. Simplesmente clamava por Jesus chorando, soluçando, suplicando-lhe que me acudisse.

De repente, ouvi uma voz interior falando ao meu coração. "Agora você é meu filho", dizia ele. "Levará minha mensagem a esta geração. Será meu ministro; minha voz." Em seguida, disse-me que podia me levantar e ir para casa.

Sentia-me completamente bom, mas não poderia sair, pois as portas estavam trancadas.

No dia seguinte, o médico veio me examinar e fez a pergunta de rotina:

— Como está indo, Larry?

— Agora estou bem melhor, respondi.

Não entendendo bem, ele teve um instante de hesitação e depois indagou secamente:

— Por que acha que está melhor?

Fitei-o firmemente e disse:

— Porque ontem conversei com Deus.

Ele franziu as sobrancelhas e resmungou meio cético:

— Ah, bom.

Mas era impossível ele não perceber que meu tormento interior dera lugar a uma imensa paz. Alguns dias depois me deu alta.

Reconheço que é meio estranho pensar que alguém possa iniciar um relacionamento com Deus numa ala psiquiátrica, mas foi o que me sucedeu. Clamei a Jesus e ele entrou ali, atravessando portas trancadas e janelas gradeadas. Veio direto ao meu coração, e me fez um chamado para servir à minha geração. Quando saí do hospital ia como um potrinho recém-nascido, de pernas bambas; reiniciava a vida. Dessa vez, porém, não estava só; a partir daquele momento ele sempre cuidou de mim.

Por que fiz questão de voltar a essas páginas sombrias de minha vida para narrá-las aqui? Porque esse meu período de sofrimento está esquecido; é coisa do passado. Hoje, gozo uma paz profunda, e minha vida tem um propósito divino. E acredito que você, leitor, está incluído nesse propósito. Deus me fez chegar até você para que também participe da bênção que me concedeu.

Não sei em que pontos minhas experiências podem ser semelhantes às suas, nem a que altura desta exposição a Palavra do Senhor tocará seu coração, mas certamente tocará — e a verdade o libertará. E tudo que há de negativo em sua vida — os hábitos arraigados que o impedem de receber as melhores bênçãos de Deus, as formas obsoletas de enxergar a si mesmo e aos outros, as tradições estéreis que o controlam, embora a verdade há muito as tenha derrubado — tudo isso será contestado pelo Espírito de Deus, que faz novas todas as coisas.

Então eu o convido a gozar da mesma graça que gozo, e a aprender, sob a orientação amiga e terna do Espírito Santo, o que aprendi por meio das dolorosas experiências que vivi, mas que foram tão preciosas para mim.

Como está você agora? Será que sua situação é tão desesperadora como foi a minha? Encontra-se num lugar de onde não possa sair, nem pagando; um lugar de onde não há meio de escape? Talvez não esteja numa situação dessas; talvez esteja apenas passando por uma fase de tédio espiritual, com a sensação de que não há nada de novo em sua experiência de vida. Converteu-se há alguns anos, e agora tem a impressão de que já ouviu tudo que tinha de ouvir. Há quanto tempo, pensa você meio cético, Deus não revela nada de novo a ninguém?

Pois deixe-me dizer-lhe uma coisa: pare de tentar resolver seus problemas por meio de racionalizações, ou de esperar que se solucionem com o tempo. Ore a respeito deles.

É bem provável que sua situação não seja desesperadora, mas pode ser que o seja, não sei. O fato é que Deus só vem ao nosso encontro, comunica-nos sua paz e equaciona nossos problemas quando nos ajoelhamos e lhe falamos do quanto necessitamos dele, e invocamos o seu nome; e só fazemos isso quando estamos desesperados. É o que você tem a fazer. Faça isso, amigo. Faça-o agora.

E ao clamar a Deus não esqueça: o nome dele não é Henry. O nome dele é Jesus!

Mudança Radical

Já se passaram quase duas décadas desde o dia em que, de joelhos, chorando, numa ala psiquiátrica de hospital, busquei a presença de Cristo e sua paz inundou todo o meu ser. Agora sei o que operou minha cura. Era a primeira vez na vida que tinha consciência de que Deus estava-me vendo ah, onde me encontrava, e de que ele me conhecia, precisava de mim e tinha um objetivo para minha vida, e de que eu também precisava dele.

Todos os seres humanos, inclusive você que me lê, têm essas mesmas necessidades básicas. Todos precisamos de que alguém nos *veja*; precisamos de que *alguém* precise de nós; precisamos ter um *objetivo para a vida*. Dar vida a outro ser humano não basta. Dedicar-se a uma carreira profissional ou viver uma existência de consumismo também não suprem a carência espiritual que todos temos. E enquanto ela não for preenchida haverá sempre em nosso coração uma plaqueta com os dizeres: "Há vagas."

Quando encontrei Jesus, parece que minha vida passou a pulsar num novo compasso; agora tinha sentido e propósito definidos. Não conseguia ficar calado; tinha que contar o fato a outros. Mas o problema é que os pastores não permitiam que eu falasse em suas igrejas porque me consideravam "fanático". Então pregava na sorveteria, ou em qualquer outro lugar onde encontrasse alguém para me escutar. Afinal tive uma oportunidade. Deram-me permissão para pregar uma vez só na Primeira Igreja Batista de Kilgore, Texas, minha cidade natal.

Do púlpito, notei que havia ali um *hippie*, ouvindo a pregação. Mas como tinha o olhar vago, concluí que devia estar completamente dopado ou então muito embriagado. Instantes depois reconheci-o: era Jerry Howell, tecladista de um grupo de rock denominado The Mouse and *the Traps* (O rato e as ratoeiras). Jerry era um dos "ratoeiras". Naquela ocasião, uma das músicas do grupo estava em primeiro lugar nas paradas, em Dallas. Os jovens da cidade adoravam Jerry, mas aos olhos dos pais, é claro, não passava da escória da raça humana.

Ao final do culto, ele veio falar comigo.

— Eu me identifiquei muito com tudo que você disse, comentou com naturalidade.

— E por que veio à igreja, Jerry? indaguei apertando a mão que me estendia.

Deu um suspiro.

— É que há seis meses, quando meu pai morreu, prometi-lhe que levaria meu irmão à igreja todos os domingos. Estou só cumprindo a promessa que fiz a ele.

Aqui abaixou a voz e continuou:

— E nesses seis meses sua mensagem foi a primeira que teve algum sentido para mim.

Depois daquilo não consegui mais tirar aquele rapaz da cabeça. Senti que ele estava à procura de alguém que o ajudasse. Resolvi ligar para ele e convidá-lo para ir à igreja comigo.

— Jerry, principiei meio hesitante, aqui é o Larry Lea.

Do outro lado da linha um profundo silêncio.

— Agora sou conselheiro dos jovens da Primeira Igreja Batista de New London, expliquei, sem acrescentar, porém, que era a única igreja batista dessa cidadezinha. Jerry, continuei um pouco mais confiante, queria que um dia desses você fosse comigo lá para tocar órgão. Você conhece aquele hino "A Graça Eterna de Jesus", não conhece? Então você toca e eu canto. E assim dirigimos a reunião dos jovens.

— Eu? indagou ele. Está querendo que eu toque órgão numa igreja?

Naquele instante eu ainda não sabia que nos últimos quatro anos ele se drogava todos os dias. E mais tarde fiquei sabendo também que, no momento em que eu ligara, ele se encontrava no quintal de sua casa aparando a grama apenas para manter a cabeça lúcida.

— Estou precisando muito de sua ajuda, Jerry, afirmei. Você tem muito talento, cara, e Deus pode usá-lo de maneira extraordinária em sua obra. Deus o ama e tem um plano definido para sua vida. Vou passar em sua casa à noite para apanhá-lo, e, quem sabe, talvez possa até arranjar uma namorada para você, concluí, e fiquei esperando a resposta.

— Uma namorada? indagou espantado. Uma moça de igreja?

As sete da noite passei pela casa dele para levá-lo ao culto. Vestia uma calça jeans desbotada e camiseta. Seu cabelo louro estava muito comprido, dando-lhe pela cintura; mas no alto da cabeça era acentuadamente calvo. Seu velho furgão estava na rampa da entrada. O veículo tinha cortinas na janela e um sofisticado aparelho de som estereofônico, tocando músicas de Jimi Hendrix e Led Zeppelin no último volume. E ali estava eu, com o cabelo cortado direitinho, minha fita de Jim Nabors cantando o "Pai Nosso", e uma Bíblia grande sobre o painel do carro. Quando ele entrou, olhou para mim e em seguida para a Bíblia e depois para mim, e para a Bíblia de novo, e só então virou-se para a frente. E como ficou calado! Dali fomos às casas das moças para apanhá-las, e Jerry sem dizer uma palavra.

Assim que entramos na igreja, fiz um gesto com a cabeça indicando a plataforma, e disse:

— O órgão fica ali, Jerry. É só tocar.

E ele tocou "A Graça Eterna de Jesus", de um modo como aquela música nunca tinha sido tocada antes numa igreja. Eu cantei e preguei, e foi assim que dirigimos a reunião.

Já eram mais ou menos 11:30 da noite quando chegamos de volta à residência dele, após ter deixado as moças em casa. Foi aí que ele abriu a boca, praticamente pela primeira vez.

— Larry, esse Jesus tem mesmo alguma coisa para a gente? perguntou com certa ansiedade.

Eu nem soube o que responder, pois ele estava muito confuso, muito drogado, e, ainda por cima, sofria um esgotamento nervoso. Mas fiz uma oração rápida, pedindo

orientação de Deus. No início da conversa, ele já fizera uma porção de perguntas que eu não soubera responder. E a algumas delas replicara com sinceridade: "Não sei, Jerry." Mas, nesse instante, Deus como que encheu minha boca de palavras e fiquei a falar de Jesus com ele por algum tempo.

Quando acabamos de conversar eram cerca de 3:30 da madrugada. Ele fixou os olhos diretamente à sua frente, deu um suspiro profundo, e indagou:

— Como é que consigo isso?

Então eu (com minha "larga" experiência de ganhador de almas) respondi:

— Faça o seguinte: abra a Bíblia em Mateus 5, 6 e 7 (os únicos textos que eu conhecia), ajoelhe-se e comece a clamar: "Jesus! Jesus! Jesus!" Aí você sente uma coisa, e assim fica sabendo que conseguiu.

E Jerry entrou em casa e fez exatamente o que eu dissera. Mas, antes mesmo que se ajoelhasse, Deus já salvara sua alma, libertara-o do vício de drogas que o dominava havia quatro anos e o chamara para pregar o evangelho. Quando tudo terminou, foi à casa de seu melhor amigo, Max, o baterista do conjunto. Eram seis horas da manhã, do dia 4 de julho. Max encontrava-se no fundo do quintal dando comida para seus coelhos. (Esses caras eram todos meio estranhos. Cada um tinha uma mania.) Assim que Jerry deu a volta pelo canto da casa o outro o avistou, soltou uma exclamação de espanto:

— Cara, o que foi que lhe aconteceu?

— Conheci um sujeito esquisito chamado Larry Lea, e ficamos a noite inteira conversando sobre Jesus.

— Ó cara, como posso conseguir isso?

E Jerry lhe ensinou direitinho.

— Pegue a Bíblia, leia Mateus 5, 6 e 7, depois ajoelhe-se e

...

As 7:30 da manhã meu telefone tocou. Era Jerry.

— Larry, aconteceu comigo! Depois vim para a casa do Max, falei-lhe de Jesus, e aconteceu com ele também.

Mas você sabe como o Max é diferente, não sabe? Acho melhor dar uma chegadinha aqui para ver se está tudo certo.

Mas esse não foi o único telefonema que Jerry deu nesse dia. O seguinte foi para o barbeiro. Como a barbearia de seu bairro estivesse fechada devido ao feriado¹, ligou para o próprio barbeiro.

— Sr. Buck, principiou meio hesitante, aqui é o Jerry Howell. Será que poderia cortar meu cabelo hoje?

Buck nem pestanejou.

— Claro, rapaz, respondeu rápido como um relâmpago. Venha cá.

E em seguida não resistiu à tentação de comentar:

— Há muito tempo estou querendo cortar seu cabelo.

Um mês depois, Jerry Howell, bem barbeado e de cabelo cortado, entrou para uma escola bíblica, acompanhado de um "sujeito esquisito" chamado Larry Lea. Certo dia ele comentou comigo o seguinte:

— Larry, Deus me chamou para pregar o evangelho, e estou sentindo que devo realizar uma campanha evangelística.

E foi o que fez. Cerca de seis meses após sua conversão, já ganhara para Cristo cerca de mil pessoas.

Hoje ele pastoreia uma de nossas igrejas, a "Igreja Sobre a Rocha", em Kilgore, Texas, a mesma cidade onde havia quem o considerasse a escória da raça humana. Como foi que ocorreu uma mudança tão radical? O que houve foi que Jesus chamou-o e lhe disse:

"Estou vendo você aí, Jerry Howell, escondido atrás de suas muralhas pessoais. Mas preciso de você para realizar um serviço muito especial. Tenho uma causa à qual pode dedicar sua vida. A única coisa que tem de fazer agora é dizer que precisa de mim."

Neste ponto, quero fazer-lhe uma pergunta muito importante. E você, leitor amigo, sente que precisa experimentar uma transformação radical em sua vida? em sua casa? nas suas relações de amizade? Está cansado de suas dúvidas e incredulidades? Jesus o está vendo; e o enxerga exatamente como é. Ele precisa de você para uma tarefa que só você pode realizar. E você também precisa dele.

Jesus operou uma transformação radical em Larry Lea, quando este tinha dezessete anos e se encontrava na ala

1 4 de julho — Independência dos Estados Unidos. NR

psiquiátrica de um hospital. Depois fez o mesmo com um *hippie* do Texas, de nome Jerry Howell. E pode transformar totalmente a sua vida também. Não é preciso ler Mateus 5, 6 e 7, não. Basta que se ajoelhe e clame a Jesus. E não se preocupe com mais nada, pois quando sentir uma coisa dentro de você, compreenderá que ele o tocou.

CAPÍTULO TRÊS

Leia os Textos em Vermelho e Busque Poder

E assim, eu e Jerry Howell, dois bebês espirituais, ainda em desenvolvimento, fomos estudar na Faculdade Batista de Dallas, e fomos designados para o mesmo quarto. Além de assistir às aulas, a única coisa que fazíamos era "ler os textos em vermelho" e buscar o poder de Deus. Praticamente devorávamos as palavras de Jesus que vinham impressas em vermelho. Sentíamos-nos cativados pelos milagres dele, por sua compaixão e pelo poder com que socorria os desvalidos. Queríamos muito ter o poder que ele possuía, fazer as obras que fizera. Tínhamos fome e sede de receber mais e mais de Cristo.

Certa noite resolvi sair e dar uma caminhada. Era uma noite clara e silenciosa. As luzes refletidas no lago lá embaixo compunham um cenário sereno, tranqüilizador. Pus-me a caminhar no alto do morro, conversando com Deus.

A certa altura, parei e olhei para as estrelas. Mas o desejo ardente que havia em meu coração se fixava num alvo que ia além daqueles brilhantes pontos luminosos.

— O Deus, clamei, o rosto molhado de lágrimas, quero tudo que o Senhor tiver para me dar. Por favor,

Pai, se existe poder neste teu evangelho, eu o quero! Dá-me poder, Senhor ...

Acredito que todo crente esteja ciente de como é arriscado fazer uma oração dessas. Pois instantes depois tive consciência de que meus lábios estavam murmurando algumas palavras numa língua que nunca ouvira antes, e que agora escutava espantado. Apavorado, tapei a boca com a mão e exclamei:

"Mas, Senhor, nós não cremos nessa experiência!"

Isso joga por terra suas convicções doutrinárias? Não se preocupe; jogou por terra as minhas também. Na hora não entendi claramente o que havia acontecido, mas percebi que estava muito parecido com aquela experiência dos discípulos, descrita no livro de Atos.

E durante algum tempo reprimi aquilo. Mas, certa noite, fui visitar um pastor, que impôs as mãos sobre mim e orou. E outra vez me veio aquela nova linguagem de oração, como que borbulhando. Dessa vez deixei que fluísse. Entendi que era uma operação do Espírito Santo, que inundava todo o meu ser, em resposta à oração ardente e sincera que eu fizera. Jerry também já fora batizado com o Espírito Santo. Embora não tivéssemos tido a intenção de alardear nossa experiência, nem provocar divisões, pouco depois a maioria dos 400 rapazes de nosso dormitório, futuros pregadores batistas, ficou sabendo dos dois sujeitos que oravam numa língua esquisita. As reações foram as mais diversas. Alguns demonstravam uma gélida indiferença; outros, um forte interesse; e outros ainda uma franca hostilidade, além de muitos outros sentimentos semelhantes.

À noite, quando nos ajoelhávamos ao lado da cama para orar, ouvíamos o rangido de portas se abrindo por todo o corredor e o rumor de pés que corriam e paravam junto a nosso quarto. Uma noite, Jerry ergueu-se sem fazer ruído, caminhou silenciosamente até a porta e abriu-a de chofre. E ali, agachados junto ao portal, estavam diversos colegas, que levaram um grande susto e ficaram meio sem jeito.

Acabamos todos rindo bastante com o ocorrido, e os outros estudantes puderam verificar que, embora no aconchego de nosso quarto eu e Jerry orássemos em outras línguas, não estávamos rolando pelo chão, nem balançando pendurados nos fios das lâmpadas. Estávamos, isso sim, vivendo numa nova e poderosa dimensão no que diz respeito ao louvor e à intercessão. E os mais interessados logo perceberam também

que estávamos dispostos a falar dessa nova experiência que tanto nos edificava, a quem quisesse "correr o risco".

Nos primeiros tempos, tivemos a impressão de que poderíamos conviver bem com aqueles outros pregadores batistas. Mas, certo dia, um dos professores da faculdade, que ouvira falar que eu recebera o batismo do Espírito, tentou argumentar comigo,

— Meu filho, disse ele, se você quer usar essa língua em seus momentos de oração, particularmente, tudo bem. Mas não saia por aí contando o que se passou com você e dizendo aos outros como eles também podem ter a mesma experiência.

Senti os olhos encherem-se de lágrimas, e respondi mansamente.

— Não posso, senhor.

Vi que ele ficou tenso, o queixo rígido, e a resposta calma e deliberada que me deu parecia cortar-me como uma faca.

— Nesse caso, você não terá ministério, Larry.

Mas aquele professor não foi o único a temer por mim por causa da experiência que eu tivera. Quando meu pai teve ciência do que me ocorrera, fez uma advertência:

"Cuidado, Larry, senão você vai acabar dirigindo cultos numa dessas tendas de lona, para uma porção de gente de dente cariado, dessas que botam espuma pela boca."

E durante algum tempo tive a impressão de que era isso mesmo que iria acontecer.

Mas 1972 foi um ano muito bom para mim. Formei-me na faculdade; casei-me com Melva Jo, e recebi um convite de Howard Conatser, pastor da Igreja Batista de Beverly Hills, em Dallas, que me chamou para ser co-pastor de sua igreja e trabalhar especificamente com os jovens.

Fiquei surpreso e ao mesmo tempo encantado com o convite, mas na verdade não tinha vontade de ser pastor de jovens. Meu desejo era tornar-me evangelista, como James Robison, e foi o que respondi ao pastor Conatser.

"Mas então ore a respeito disso", respondeu-me com sua voz grave, profunda, num tom de tranquilidade.

E foi o que fiz, e para minha surpresa Deus me orientou no sentido de aceitar o cargo.

Naquela época eu não era muito de fazer rodeios para solucionar um problema; achava que era melhor ir direto ao assunto. Quando fiquei sabendo que o grupo de jovens da igreja vivia de programas, festinhas, passeios e excursões, fui

à frente, alvejado pela expressão crítica daqueles cinquenta pares de olhos, e disse:

"Pessoal, não vamos mais fazer essas coisas. Agora, vamos ler os textos em vermelho e buscar o poder de Deus."

O resultado foi impressionante. Da noite para o dia, o número de jovens passou de 50 para 14. Um fenômeno de crescimento!

E, para piorar as coisas, certo dia uma jovem veio em minha direção, com os olhos fuzilando de raiva e uma expressão de desafio no rosto, e me fez uma ameaça:

— Olhe aqui, o senhor vai ter que fazer as coisas do jeito que nós queremos, senão vamos tirá-lo daqui, como já fizemos com os outros quatro líderes que já tivemos.

Respirei fundo, tentei controlar o tremor interior que me dominava, e desejei que ela não percebesse como minha voz tremia, e sugeri-lhe uma saída:

— Minha irmã, disse-lhe fitando-a diretamente nos olhos, vocês não poderão tirar-me daqui porque não foram vocês que me colocaram aqui. Estou aqui porque Deus me pôs aqui, e não vou sair. Será mais fácil você pedir sua carta para outra igreja, do que eu sair com a minha mudança.

Isso encerrou a discussão, e deu início a uma nova vida para muitos daqueles jovens.

E assim começamos a reunir com os 14 que ficaram. Tínhamos reuniões às terças, quartas, quintas e domingos, sempre à noite. Depois de alguns meses, os 14 haviam aumentado para 140, e ao fim de dois anos de trabalho contávamos com cerca de 1.000 jovens em nossas reuniões. E a assistência aos concertos evangélicos que promovíamos era ainda maior. Deus abençoara minha obediência ao seu chamado e o testemunho fiel daqueles jovens. (Muitos deles hoje são membros de nossa igreja, a Igreja Sobre a Rocha.)

Mas aconteceu-me a pior coisa que pode suceder a um pregador. Tornei-me um pregador de sucesso, sem cultivar bem minha vida espiritual e comunhão com Deus. Não me entendam mal. Não parei de orar. De vez em quando fazia orações fervorosas, mas minha comunhão com Deus era esporádica, e inconstante.

Externamente, tudo parecia estar indo muito bem. Estava sempre falando a grande número de jovens. Desenvolvíamos um ministério de música com a realização de concertos

semanais, que reunia milhares de jovens, e que, durante cinco anos, foram televisionados para todo o país.

Mas no meu interior algo estava-se passando. Meus próprios sermões estavam servindo para me mostrar meu erro. E várias e várias vezes, após um culto, eu me refugiava numa sala vazia nos fundos do salão, e clamava a Deus, arrependido de minha negligência na comunhão com ele. Pelo que me lembro, foi uma das fases de minha vida em que me senti mais abatido. Mas Deus estava para me dar a chance de atender a outro chamado — o maior de todos!

CAPÍTULO QUATRO

O Chamado Mais Importante

Howard Conatser faleceu em 1978, e fui convidado para assumir o pastorado da igreja, que tinha então três mil membros. Foi uma oferta muito tentadora para um jovem pastor de 28 anos, mas naquele instante Deus me revelou que não deveria aceitar. Um senhor que era membro da comissão encarregada do assunto me procurou e me fez o convite mais ou menos nos seguintes termos:

— Meu rapaz, vamos triplicar seu salário, arranjar-lhe um programa de televisão, e você vai ficar rico e famoso. Nós só queremos que pregue sermões que façam as pessoas ir à frente, e "dê as cartas" da maneira certa; e assim você será um sucesso.

Foi outra daquelas minhas conversas francas, olho no olho, a que eu já estava-me acostumando. Então endireitei os ombros e respondi-lhe de forma direta:

— Meu senhor, parei de jogar baralho no dia em que converti.

E com isso ganhei uma passagem de volta para minha cidade natal, Kilgore.

Embora na ocasião eu já estivesse me formando na universidade e a essa altura eu e minha esposa já ti-

vêssemos três filhos, voltamos a morar na casa de meus pais, ocupando o mesmo quarto que fora meu, quando jovem.

Parecia que meu futuro desmoronara por completo. E, Deus sabe mesmo levar a gente a orar de verdade, não sabe?

Mais ou menos nessa época, conheci Bob Willhite, pastor da Primeira Igreja da Assembléia de Deus de Kilgore, e ele me convidou para dirigir cultos de evangelismo em sua igreja. Havia alguma coisa naquele homem de cabelos grisalhos e fala tranqüila que conquistou minha simpatia. Senti logo que estava diante do homem que seria de fato um pastor para mim e disse-o a ele.

Dirigi esses cultos especiais de evangelismo durante quase dois meses naquela igreja de oração, e uns 500 jovens se converteram. Testemunhamos a conversão de toda uma classe de formandos de um ginásio local.

Porém, o que de mais importante ocorreu nesse período foi que eu também passei por uma mudança. Deixei de ser um mero pregador de púlpito, para me tornar um homem cujo maior interesse na vida era a oração. Isso se deu da seguinte forma.

Certo dia estava conversando com o pastor Wülhite e lhe disse:

— Pastor Willhite, estou sabendo que o senhor é um homem de oração.

— É verdade, replicou. Eu oro mesmo. Faz mais de 30 anos que me levanto todos os dias de manhã bem cedo para orar.

Senti meu coração bater fortemente e pensei comigo mesmo: *O Jesus, aqui está um homem que é um genuíno servo teu.* E disfarçando um pouco o entusiasmo, continuei:

— Será que permitiria que eu orasse com o senhor enquanto estiver dirigindo esta série de cultos?

— Pois não, replicou o pastor. Passo em sua casa para apanhá-lo às 5:00.

Acho melhor confessar logo que, quando o relógio disparou às 4:15, no dia seguinte, sua estridente campainha, não tive a mínima vontade de me levantar. Não veio nenhum anjo se postar ao lado de minha cama para me dizer:

"Vamos, meu filho; sigamos para o lugar da oração."

Minha vontade era cobrir a cabeça e dormir, mas consegui me levantar, ir meio cambaleante para o chuveiro, me vestir, e quando o carro do pastor Willhite entrou em nossa rampa já estava com a mente mais alerta.

E naquela madrugada, quando nos dirigíamos para a igreja, eu não tinha a menor idéia do que Deus iria operar em minha vida, mas tinha certeza absoluta de que estava atendendo ao chamado mais importante para meu ministério — o chamado à oração.

Esse é o tipo de chamado que fica martelando em nossa mente, até que atendamos a ele. Ele me rondava havia seis anos. E assim que tomei a decisão de obedecer, verificou-se uma mudança decisiva em meu ministério. A partir daquele dia, passei a levantar-me cedo para orar. É claro que no início eu só buscava o auxílio de Deus, e orava sempre pedindo: "Senhor, dá-me isso ou aquilo. Faz isso ou aquilo." Mas, à medida que o tempo passava, comecei a buscar mais e mais a face do Senhor, ansioso para gozar de comunhão com ele, da sua amizade, desejoso de que sua natureza compassiva, amorosa e santa se formassem em mim.

Sentia-me mais ou menos como uma criança, que não sabia distinguir a mão direita da esquerda. Percebi que ainda teria que aprender muita coisa a respeito da oração e da comunhão com o Pai. E o clamor constante de meu coração era: "Senhor, ensina-me a orar; ensina-me a orar." Foi nesse período de dois anos, quando viajava de um lado para outro fazendo trabalhos evangelísticos, que, certo dia, no momento em que orava o Espírito Santo começou a revelar-me algumas verdades sobre o Pai Nosso que mais adiante irei expor.

Certa ocasião, eu estava no Canadá, dirigindo uma série de trabalhos evangelísticos entre jovens, quando Deus me disse:

"Vá para Rockwall, e fortaleça meu povo ali."

Rockwall é uma cidade com pouco mais de 10.000 habitantes, localizada num planalto, do qual se avista o Lago Ray Hubbard, e dista cerca de 40 quilômetros de Dallas. É uma cidade pequena, na menor comarca do

Texas. Se Deus tivesse me dito: "Saia fora da terra", acho que não teria ficado tão perplexo quanto fiquei. Na verdade, naquela hora, para mim não havia muita diferença entre as duas coisas.

Mas mudei-me com minha família para lá, e comecei a pôr em prática os princípios que Deus me ensinara sobre fundação de igrejas. E assim, em 1980, iniciamos ali a Igreja Sobre a Rocha, com apenas treze membros. Reuníamos-nos numa casa, que logo ficou pequena para nós; então nos mudamos para o ringue de patinação da cidade. No primeiro domingo em que realizamos o culto nele, a assistência foi de duzentas pessoas. Mas em pouco tempo aquele salão também não nos comportava mais, e nossa igreja passou a congregar-se no refeitório da escola estadual de Rockwall. O grupo estava crescendo rapidamente, e percebemos que precisávamos urgentemente construir nosso templo. E então começamos a economizar o máximo que podíamos.

Certo dia, um velho conhecido meu, um indiano de nome P. J. Titus, que desenvolvia um ministério sobejamente conhecido, procurou-me em meu gabinete, com um pedido muito sério. Deus colocara em seu coração a visão de fundar uma escola bíblica na índia, e precisaria de 20.000 dólares para concretizá-la.

Imediatamente me lembrei do dinheiro que a igreja tinha na poupança, 20.000 dólares, cuja finalidade seria a construção de nosso templo, e travou-se em mim uma luta íntima. Compreendi que se tratava de uma questão crítica sobre a qual teria de orar, e então pedi a Titus que voltasse no dia seguinte, quando lhe daria uma resposta.

Oramos, procurando conhecer a vontade de Deus a esse respeito, e o Espírito Santo nos disse que deveríamos semear nossa última semente, e não guardá-la. Mas eu nem fazia idéia da reação que meu amigo teria. No dia seguinte, quando ele veio ao meu gabinete e lhe entreguei o cheque de 20.000 dólares, ele rompeu em choro, a ponto de soluçar.

Quando afinal se acalmou e conseguiu falar, explicou-me por que aquele cheque tinha tanto significado para ele.

— Eu havia dito a Deus que, se você me desse esse dinheiro para fundar a escola bíblica, iria embora dos listados Unidos, onde estou vivendo já há alguns anos, voltaria à índia e passaria o resto da vida pregando ao meu povo.

E é exatamente isso que ele está fazendo. E como li vemos a coragem de semear nossa preciosa semente em vez de guardá-la ou de usá-la para nós mesmos, temos lioje a segunda maior escola bíblica da índia, onde Titus está preparando homens e mulheres para ganharem seu povo para Deus.

Mas assim que ele saiu levando nossos 20.000 dólares fiquei sem saber como ia resolver a situação. Ainda estávamos nos reunindo num refeitório alugado, e agora nossas finanças estavam a zero. Eu acreditava que Deus ia dar-nos os meios, mas nem imaginava que instrumento ele usaria para tal.

Certo domingo, após o culto, um genuíno vaqueiro texano aproximou-se de mim e, com sua fala arrastada, típica dos vaqueiros, disse-me:

"Das duas uma, ou o senhor veio direto do céu ou direto do inferno. De modo geral, não gosto muito de pastores, mas do senhor eu gostei. E Deus me falou que você vai ser meu pastor."

Em seguida conduziu-me até onde estava estacionada sua camioneta, da qual tirou um velho pé de bota e me entregou. Vendo minha expressão interrogativa, explicou:

"Faz já algum tempo que sou crente, mas nesses últimos anos tenho estado participando de rodeios aqui e ali, e não pude filiar-me a nenhuma igreja. Então fui só colocando meu dízimo nesta bota velha. Agora Deus me disse para entregá-los para o senhor."

Ali dentro havia 1.000 dólares. E no momento em que olhei no interior dela, Deus me revelou que iria usar o incidente para sua glória.

No domingo seguinte, levei a bota para o culto e contei à congregação o que se passara. Espontaneamente, todos começaram a vir à frente e a colocar dinheiro dentro dela para construção do templo de que tanto precisávamos. E o milagre continuou nos domingos seguintes. E foi assim que construímos o prédio sem precisar pedir dinheiro emprestado, e quando nos instalamos nele não devíamos nem um centavo.

Mas logo no primeiro domingo em que nos reunimos no templo, ele já ficou lotado, e fomos obrigados a ter dois cultos por domingo, e logo depois três, quatro, cinco cultos dominicais para podermos acomodar todas as pessoas que vinham à nossa igreja. Além disso, tivemos que realizar cultos de meio de semana também na terça e quinta-feira, pois na quarta-feira apenas o salão não comportava mais todo mundo que comparecia.

Nossos registros revelam que dos treze membros iniciais passamos para 11.000; que contamos com um corpo pastoral de 32 componentes, e mais de 460 grupos de estudo bíblico e oração em lares. Para abrigarmos essa abundante colheita,

tivemos que construir um santuário com capacidade para mais de 11.000 pessoas.

E como se tudo isso não bastasse para alegrar o coração deste pastor de 36 anos, no início de 1986 Oral Roberts convidou-me para ser vice-reitor da Universidade Oral Roberts, e supervisionar as divisões teológica e espiritual da escola. Respondi-lhe que não poderia abandonar minha igreja, e esse índio de 68 anos aproximou-se mais de mim e respondeu:

"Mas não estou querendo que a deixe. Pelo contrário, quero que traga para nossa escola o espírito e o fluxo vital dela."

Os diáconos da igreja me liberaram das tarefas administrativas e do trabalho de aconselhamento, que ocupam grande parte do tempo do pastor, ficando encarregado apenas de orar e pregar, dirigir o movimento de avivamento da oração, de âmbito nacional, que fundamos sob a orientação de Deus, e dedicar-me ao preparo da liderança espiritual através do ministério da Universidade.

Já lhe ocorreu ficar pensando em alguma decisão importante tomada anos atrás, uma decisão simples, mas que transformou sua vida? Pois eu muitas vezes paro para pensar na resolução que fiz, e sempre dou graças a Deus por haver atendido ao chamado dele para assumir um ministério mais importante que o de pregar — o chamado à oração.

Nem todos os crentes são chamados para pregar, mas todos somos chamados para orar. Orar, para nós, é um dever; e também um privilégio. Como a água, o alimento e o oxigênio, a oração é necessária à nossa sobrevivência e desenvolvimento espiritual. E, no entanto, quantos crentes a consideram uma prática opcional.

Corrie ten Boom, a apreciada autora do livro *Refúgio Secreto*, costumava indagar dos crentes com quem falava:

"Para você a oração é o pneu *sobressalente* ou o *volante do carro*?"

Pare um pouco para pensar nessa questão, bem lá no íntimo, lembrando-se de que o chamado mais importante que existe é o chamado à oração. Você já atendeu a ele?

CAPÍTULO CINCO

Progressão Espiritual

No passado, o povo de Deus ouvia a voz dele diretamente, o que era ótimo. Mas nós também precisamos escutá-la. "Hoje, se ouvirdes a sua voz..." (Hb 3.7 — grifo nosso.) O Espírito Santo está entregando uma mensagem à Igreja nestes dias. Deus está convocando seu povo para orar, e é essencial que demos ouvido a esse chamado, pois a base sobre a qual se assentam todas as coisas que devem acontecer daqui por diante é: "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos." (Zc 4.6.)

Precisamos entender que não é por nós mesmos, pelo nosso esforço próprio, que cultivamos o desejo de orar. Ele é despertado em nós pelo Espírito Santo. Se você está ciente de que ele já colocou esse desejo em seu coração, faça uma pausa agora e dê graças a Deus por isso. Mas, se ainda não o possui, peça ao Senhor que o desperte em seu coração. Depois peça-lhe que o ajude a colocá-lo em prática. E à medida que for adquirindo o hábito de orar, ele mesmo operará a "mudança de marcha", e você verá a oração deixar de ser uma atividade penosa e cansativa, e se transformar num santo deleite! Deus está ansioso para ver nosso coração transformado numa casa de oração. Por quê? Porque ele tem muitas bênçãos para nos dar, e dar a outros por nosso intermédio. E assim que começamos a orar, desencana- (leia-se em nós uma progressão espiritual. Deixe-me explicar melhor.

Corria um dia como outro qualquer no templo de Jerusalém, com os negócios de sempre, até o momento em que Jesus entrou. Naquele instante, seu desprazer deu as mãos a uma ira santa. Ele improvisou um chicote de cordas, encaminhou-se diretamente para os cambistas e para os que vendiam e compravam bois, ovelhas e pombas, e os expulsou dali, bem como aos seus artigos comerciais. E antes que os que assistiam à cena se refizessem do susto, ele já estava de volta, agora para derrubar as mesas e cadeiras dos cambistas e vendedores de pombas. As moedas rolaram pelo chão e ainda deslizavam por ali quando ele gritou para eles: "A minha casa será chamada casa de oração, vós, porém, a transformais em covil de salteadores."

Em seguida, os cegos e aleijados entraram pelo templo, cientes de que, não sendo culpados de nada, não tinham nada a temer. E Jesus os curou, em meio a risos e vozes de crianças que entoavam hosanas ao Senhor. Mas os principais sacerdotes e os escribas, irritados, exigiam que Jesus mandasse que os meninos se calassem. Mas ele replicou calmamente: "Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?" (Ver Mt 21.12-16.)

Vamos analisar esse texto para descobrir a bela progressão espiritual que há nele. Primeiramente, Jesus limpou o templo, tornando-o uma casa pura (v. 12). Em seguida, fez a declaração de que ele seria chamado casa de *oração* (v. 13). Feito isso, o templo se tornou uma casa de poder, pois cegos e aleijados foram curados por Jesus ali (v. 14). Por último, tornou-se a casa do *perfeito louvor* (v. 16).

Será que não devia haver essa mesma progressão na vida do crente e da Igreja? Lembremos que Paulo disse: "Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3.16.) Eu e você somos parte da Igreja, que é a habitação de Deus por inter- médio do Espírito (Ef 2.20-22). Mas, infelizmente, muitas vezes nosso templo também se encontra impuro, dominado por ganância, intenções indignas e atos egoísticos.

Quantos crentes há que falam uma coisa e vivem outra; isso é um deboche. Deus não abençoa uma igreja impura. Enquanto a Igreja de Cristo não permitir que o Espírito venha purificar-lhe a alma, removendo a falsa religiosidade e transformando-a numa casa de oração, ela não será a casa de poder e do perfeito louvor.

Ouçamos a solene advertência de Deus à sua Igreja: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações como foi na provocação, no dia da tentação no deserto..." (Hb 3.7,8.) Esse verso dá a entender que os filhos de Israel viram frustrada sua missão de ocupar a terra de Canaã porque não deram atenção à voz de Deus.

O Senhor havia prometido que lhes daria aquela terra. Mas como dez dos doze espias que Moisés tinha enviado à terra retornaram acovardados, cheios de temores, pois a terra lhes parecera inconquistável, toda aquela geração pereceu no deserto. É verdade que dois deles, Josué e Calebe, tinham fé e afirmaram: "Eia! subamos e possuamos a terra, porque certamente prevaleceremos contra ela." (Nm 13.30.) Mas

quando se fez a votação, a opinião dos outros dez superou a desses dois.

Deus não opera de acordo com os nossos planos. Ele estava disposto a fazê-los atravessar o rio Jordão, mas o povo se deixou prender em insignificantes questões de rotina diária. Um membro da liderança, que estava desejoso de "subir" mais, comentaria com ar de orgulho:

"Já observou que Moisés parece que não é mais ungido?"

E uma esposa meio frustrada comentaria com o marido:

"Veja se consegue trazer mais maná para seus filhos!"

E um ancião, até bem intencionado, poderia dizer em tom de advertência:

"Josué e Calebe estão com uma confiança excessiva. Como é que podem ficar dizendo por aí: "Nós conseguiremos conquistar a terra", quando todo mundo sabe que eles são mais fortes que nós?"

Eles temeram os gigantes e não a Deus. Ficaram a olhar apenas para os problemas e não para as promessas. Viram apenas as cidades muradas, em vez da vontade de Deus. E como não deram ouvidos ao que o Espírito estava dizendo, ficaram a vagar pelo deserto 40 anos. E ali morreram, e seus ossos ali ficaram e se ressecaram.

E hoje a situação do crente não é diferente da deles. Estamos aqui para possuir a terra, irmãos. Mas, em vez disso, ocupamo-nos em melhorar mais e mais nossas residências, em assistir a nossos programas de televisão, em pagar as prestações de nossos eletrodomésticos, preocupados em ter "coisas". Em meio a tudo isso, o Espírito Santo está-nos chamando à oração, mas nós não estamos ouvindo.

A Igreja de hoje está muito distanciada do cristianismo bíblico. A mediocridade tomou conta do Corpo de Cristo, e nós a estamos aceitando como coisa normal. Neste final dos tempos, Deus está acelerando o ritmo dos acontecimentos, e no entanto 99% do nosso povo está ficando para trás. Desejamos ardentemente ver a operação do poder de Deus, mas para que isso se dê é necessário que cultivemos a disciplina da oração.

Não sei se você já fez uma oração do tipo dessa que eu fiz: "Senhor, peço-te que retires de minha vida tudo que não tem nada a ver com Jesus. Quero que permaneça em mim apenas aquilo que sirva para glorificar e engrandecer a Jesus Cristo, o Senhor." Para que essa petição se torne realidade em nós, é preciso que as coisas que *podem* ser abaladas, *sejam* abaladas,

para que "as cousas que não são abaladas permaneçam" (Hb 12.27).

Certa vez preguei um sermão nesses termos, e depois uma jovem comentou o seguinte:

— Parece que o senhor está falando que é preciso haver um grande abalo.

E ela tinha razão. Vai haver muito abalo por aí.

Será que você, leitor, se pudesse conversar comigo, diria assim:

"Larry, nestes últimos anos minha vida tem experimentado fortes abalos"? E alguns talvez afirmem isso a respeito da igreja que freqüentam. Estão ocorrendo muitos abalos, muita agitação, muitas mudanças. Por quê? Para que possamos subir o próximo degrau dessa progressão espiritual.

E hoje, se você ouvir a voz de Deus conclamando-o a orar, não endureça seu coração. Peça ao Espírito que não lhe dê descanso enquanto sua prática de oração não sair do plano do simples desejo e não passar a ser um hábito diário, e depois um santo prazer. Deixe que Jesus expulse de sua vida tudo que está impedindo que seu templo se torne uma casa de oração. Esses bois malcheirosos, essas ovelhas a balir, essas pombas que arrulham e moedas enferrujadas não merecem tomar o lugar da santa presença de Deus.

Vamos encarar os fatos. Se não começarmos a orar logo, no ano que vem não teremos crescido espiritualmente; estaremos no mesmo ponto em que nos encontramos agora. Mas para que se cumpra a promessa de transformação temos que enfrentar a agonia da decisão. Então o que decidiremos: continuaremos a tocar a vida como de costume, ou estamos prontos para dar o próximo passo com Deus?

Jesus está esperando que façamos a oração: "Senhor, faz de meu templo uma casa pura, uma casa de oração, de poder e de perfeito louvor, para tua glória." E ele deseja começar a operar essa progressão espiritual em seu templo neste exato momento. E você, deseja o mesmo?

CAPÍTULO SEIS

Senhor, Ensina-nos a Orar!

Depois que o pai de meu amigo Bob Tyndall faleceu, este pegou certo dia a Bíblia que fora dele, e pôs-se a folheá-la. Era uma Bíblia bem manuseada, que o Sr. Tyndall sempre carregava consigo. Numa das páginas, meu amigo descobriu um comentário escrito à mão, na margem: "Jesus não nos ensinou a pregar; nem nos ensinou a cantar. Ele nos ensinou a orar."

O Sr. Tyndall tinha razão. Para Jesus, a oração era uma prática prioritária. Relatando o início do ministério de Cristo, o evangelista Marcos diz o seguinte: "Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava." (1.35.) Mais tarde, já pelo meio de seu ministério, ele subiu ao monte, a fim de orar sozinho, depois de haver feito a multiplicação dos pães para alimentar 5.000 pessoas, como vemos em Mateus 14.23. E já no final de seu ministério Lucas faz menção do fato de que ele saiu para orar, como era seu costume (Lc 22.39-41).

Jesus tinha o hábito de orar, e ensinou isso a outros, não apenas por meio de palavras mas também pelo exemplo. Pelos evangelhos percebemos que a oração era a atividade em que Jesus mais se empenhava. Depois, então, transbordando de unção e compaixão, ele saía do local da intercessão para ir colher os frutos das vitórias obtidas em oração: milagres grandiosos, revelações cheias de autoridade, curas maravilhosas e poderosas libertações. A oração era uma prática tão arraigada nele, que mesmo no momento em que se encontrava na cruz, enfrentando a zombaria e o deboche dos que se achavam ali, as primeiras palavras que pronunciou foram uma oração, o que não nos espanta nem um pouco (Lc 23.34).

Ele encarou a morte do mesmo modo como havia passado pela vida: sem temor. E ao morrer confiou seu espírito aos cuidados do Pai, dizendo: "Está consumado." (Jo 19.30.) Mas não devemos pensar que a morte dele representou o fim de seu ministério de oração. O autor de Hebreus afirma que o ministério dele no céu, hoje, é a intercessão: "Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles." (7.25.) Seu ministério constante no céu é oração. Ele ora por mim, e por você também.

Jesus nunca faria algo que não tivesse valor, ou que fosse enfadonho, sem vida; e tampouco nos pediria que o fizéssemos. E nesse momento ele dirige a todos nós o chamado mais importante que existe. Repete para nós as mesmas palavras que disse aos discípulos no jardim do Getsêmani: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca." (Mt 26.40,41.) Jesus quer que aprendamos a passar momentos de comunhão com ele, a permanecer com ele uma hora em oração.

E acho que sei como cada um se sente. Eu já kavia-lhe respondido que "sim" muitas vezes; tinha o desejo de orar, mas não tinha disciplina para colocá-lo em prática.

Lembro-me de uma ocasião em que preguei no Boliche Bronco, ainda em Dallas. (A Igreja Batista de Beverly Hills se mudara para essa antiga pista de boliche, pois o templo ficara pequeno para a congregação.) Havia cerca de três mil jovens naquela noite no salão, e quando fiz o apelo uns quinhentos deles vieram à frente. Nunca me esqueci daquele momento. Na hora em que olhei para todos aqueles rostos e disse: "Acertem a vida com Deus", no meu interior uma voz indagou: "E quando é que você vai se acertar com Deus?" Quando saí do púlpito, muitos devem ter pensado que eu ia conversar com os decididos. Na verdade, dirigia-me para uma sala dos fundos, onde me prostrei diante do Senhor.

Sentia-me profundamente frustrado com essa questão da oração. Relembrando isso hoje, acredito que era uma *santa* frustração. O Espírito de Deus simplesmente não me deixava contentar com menos, tinha que assumir o ministério da oração.

Mas não quero dar aqui uma impressão errada. Todos nós orávamos muito naquela igreja. Várias vezes tivemos vigílias. Oramos pedindo a Deus uma grande colheita de almas. E em quatro anos a igreja passou, dos 400 membros iniciais, para mais de 3.000. Mas Deus estava instando comigo para que adotasse a prática de me levantar bem cedo pela manhã, e orar até obter a vitória, e que possuisse sempre a autoridade e a unção de Deus. Era preciso que assumisse a oração como uma prática diária, em vez de orar às pressas, por ocasião de eventos especiais, para ficar "abençoado".

Naquela época, quando estava trabalhando como líder dos jovens da igreja, fui convidado para realizar uma campanha

avivalista para a mocidade de Hereford, Texas (uma cidade próxima a Amarilo, na região oeste do Estado). Desde que me convertera, abrigava o anseio de ser evangelista, e por isso fiquei muito satisfeito com o convite que me tinham feito. O trabalho estava sendo realizado por igrejas de todas as denominações, com exceção de uma. Então cada dia o culto seria numa delas.

O início da campanha não foi muito promissor. Na primeira noite, o culto foi na Igreja de Deus. Fazia muito frio, e lá dentro o ambiente estava frio também. Preguei da melhor maneira que pude, e em seguida fiz o apelo, mas ninguém foi à frente.

No dia seguinte, a reunião foi na Igreja da Assembléia de Deus. A parte do louvor e oração foi muito boa, mas a pregação e apelo foram uma cópia fiel do que se passara na noite anterior. Eu tinha a impressão de que todo mundo estava pensando: "Quando é que *ele vai fazer alguma coisa? Quando é que vai começar a acontecer o que estamos esperando?*" Ou pelo menos era o que eu próprio estava indagando.

No terceiro dia, fomos para a Igreja Metodista. Fiz questão de chegar um pouco mais cedo, para passar alguns momentos em comunhão com Deus. Mas quando estava procurando um bom lugar para orar, apareceram duas freiras católicas trazendo um violão. Vieram diretamente para mim e disseram:

"Pastor Lea, será que poderia afinar este violão para nós?"

Espantado com o estranho pedido, fiquei a olhar para elas alguns instantes, e depois disse:

— Bom... eu... ah, afino, sim.

(Como é que se pode negar um pedido de duas freiras convertidas?) E fomos para uma sala onde afinei o instrumento.

Percebendo que eu estava nervoso, por ver que o tempo em que devia estar-me preparando se escoava rapidamente, uma delas pôs a mão em meu braço, tranqüilizando-me, e disse:

— Não se preocupe, irmão. Já oramos pelo senhor hoje durante oito horas.

Quase nem acreditei no que ela dizia, mas mesmo assim me senti grato a elas, e um pouco aliviado. Em seguida, ela impôs as mãos sobre mim e se pôs a falar em línguas, enquanto a outra cantava também em línguas. Instantes depois eu não sabia mais se estava no céu ou na terra, mas tive de reconhecer

que estava em companhia de duas mulheres que realmente conheciam a Deus.

Quando terminaram, uma delas indagou:

— Irmão, a expressão "Está consumado" significa alguma coisa para o senhor?

Senti arrepios. Aquela expressão era o texto que escolhera como tema do sermão.

Começou o culto, e preguei num daqueles púlpitos metodistas, colocado ao lado direito da plataforma, bem no alto. Ao fim do sermão, fiz o apelo, e cerca de 100 jovens foram à frente.

No dia seguinte, iria pregar na Igreja Católica. Che- ilihí lá bem cedo, e dei um suspiro de alívio quando vi as ihIMS irmãs com seu violão. Dessa vez fui eu que me dirigi lii^o a elas, e disse:

— Deixe-me afinar o violão para as irmãs.

No dia anterior, não fizera isso com o coração; mas misse foi diferente. Então passamos pelo pequeno ritual iln afinar o instrumento e assim que terminei passei ao ponto importante. Sem perda de tempo, indaguei:

— Vamos orar novamente? Sabem, não é? Como liy.omos ontem.

E elas impuseram as mãos em mim, e a experiência se repetiu. Depois, a irmã que ainda não falara nada a não ruir orar em línguas indagou:

— Pastor Lea, lembra-se do episódio da mulher que tinha um fluxo de sangue, e tocou na orla da veste de losus?

(E vocês já devem ter adivinhado: aquele era o texto do sermão da noite.)

Preguei, e naquela oportunidade mais umas 100 pessoas tiveram um encontro com Deus. Ao final da semana, tinha havido cerca de 500 conversões na cidadezinha.

No avião, de volta para Dallas, comecei a pensar como iria relatar aos obreiros da igreja, da maneira mais humilde possível, tudo que Deus operara em minha vida. "Ah, como foi a campanha evangelística? Nada mal. Tivemos umas 500 conversões. Foi uma semana muito abençoada."

Eu sempre quisera ser evangelista. Agora *sabia* que já o era. A sensação era ótima. Estava exultando com o número de convertidos na campanha, e pensando como faria para relatar tudo com muita humildade, quando, de repente, o Espírito Santo interrompeu meus devaneios.

"Filho", disse ele, "vamos deixar bem claro um ponto aí. Você não teve nada a ver com o sucesso da campanha."

Abri a boca de espanto, mas logo a fechei de novo. E a voz interior prosseguiu:

"O que aconteceu foi que alguém simplesmente *pagou o preço da oração.*"

E durante muitos anos aquelas palavras continuaram a ecoar em meu pensamento: "Alguém pagou o preço da oração... pagou o preço da oração."

Então, quando o Pastor Conatser faleceu em 1978 e fui convidado para assumir o pastorado da Igreja Batista de Beverly Hills, minha "santa frustração" tinha atingido o auge. Estava de um jeito que nada mais importava para mim, a não ser o chamado para orar. Tinha que atender a esse chamado, que é tão mais importante que o chamado para ser pregador. Foi então que reuni minha família e parti para Kilgore. Lá tive aquele contato com o pastor B. J. Willhite, e meu ansioso desejo de orar passou a ser a santa *disciplina* da oração.

Foi nessa ocasião — quando eu estava buscando sabedoria como quem procura ouro — que Deus começou a revelar-me novos conceitos sobre a oração, verdades escondidas que eu nunca conhecera. E como eu perseverasse em buscá-lo, ele me deu outras revelações. E quando ele me ordenou que fosse para Rockwall e fortalecesse sua igreja ali, já me encontrava liberto da idéia de que "quanto maior, melhor". Fui para Rockwall com um único pensamento: orientar os crentes e ensiná-los a orar. Não sabia, porém, que estava tocando no dispositivo espiritual que provocara o grande derramamento do poder de Deus no primeiro século. Só sabia que tinha que orar, e levar outros a fazê-lo também.

Em 1981, quando nossa igreja já estava com um ano de existência, fui a Nova Orleães, para ouvir o Rev. Paul Yonggi Cho, pastor da Igreja do Evangelho Pleno de Yoido, na Coréia, a maior igreja do mundo. Com a ajuda de Deus, consegui marcar uma entrevista com ele, e fomos conversar em uma saleta dos fundos, da igreja onde ele estava dando um seminário. Assim que fitei seus olhos, tive a impressão de estar enxergando a alma dele. Sabia que dispunha de pouco tempo e teria que aproveitá-lo ao máximo, fazendo uma pergunta bem significativa.

— Dr. Cho, disse, como conseguiu ter uma igreja tão grande?

Ele sorriu para mim, e sem qualquer hesitação respondeu:
— Oro e obedeço, disse, e em seguida riu.
Ri também, mas interiormente repensava no que ele dissera. É esse o segredo, murmurei comigo mesmo. *É exatamente* isso. Orar e obedecer *Larry*. Orar e obedecer.

Nunca mais esqueci essas palavras. Sabe, existe muita gente por aí que quer obedecer; mas não ora. Mas, se quisermos entrar na esfera de poder e unção do Espírito Santo, essas duas coisas terão que andar de mãos dadas.

Estou convencido de que os discípulos de Jesus não eram muito diferentes de nós. Como acontece conosco, primeiro eles tiveram que quebrar a cabeça para depois ir procurar Jesus e lhe dizer: "Senhor, ensina-nos a orar."

Foi assim que aconteceu comigo. Tentei orar por minha própria iniciativa, mas percebi que estava faltando alguma coisa. Então continuei clamando a Deus: "Senhor, ensina-me a orar; ensina-me a orar." E certo dia, mal eu acabara de fazer-lhe esse pedido, as aulas começaram.

CAPÍTULO SETE

Nem Uma Hora Pudestes Vigiar Comigo?

Quando pedi ao Senhor que me ensinasse a permanecer com ele uma hora em oração, ocorreu-me que ele dera a seguinte instrução aos discípulos: "Portanto, vós orareis assim." (Mt 6.9.) Abri a Bíblia nesse texto, o "Pai Nosso", e pus-me a meditar nessas palavras:

"Pai nosso que *estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão* nosso *de cada dia dá-nos hoje; e perdoanos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal (pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. AmémJ. "* (Mt 6.9-13.)

Senti-me um pouco confuso e disse-o a Deus.

"Senhor, levo apenas 22 segundos para dizer esta oração e um minuto e meio para cantá-la. Como é que ela vai ajudar-me a permanecer contigo uma hora?"

E o Espírito de Deus respondeu:

"Repita-a b-e-m devagar."

Então, como uma criancinha obediente, pus-me a recitar essas palavras tão conhecidas, fazendo uma pausa após cada frase. "Pai nosso... que estás nos céus... Santificado seja o teu nome..." Assim que acabava de dizer essas palavras, o Espírito de Deus começou a colocar em meu coração uma série de revelações e visões que serviram para firmar-me de uma vez por todas na disciplina da oração, e transformaram em santo prazer os momentos de comunhão que passava com ele.

Espero que ninguém fique escandalizado ao ver-me confessar que tive uma visão. Parece que até já estou vendo algumas pessoas franzindo o cenho. Sabe qual é o problema dos crentes hoje? Faz tanto tempo que estamos estudando um cristianismo falsificado", qtie 'quando o origjialaparece não o reconhecemos mais. É uma vergonha pensar que um rapaz de 17 anos que ia à igreja vez por outra só tenha descoberto que Deus podia falar com ele quando foi parar na ala psiquiátrica de um hospital.

Se ao menos eu tivesse conhecido alguém como aquelas duas freiras de que já falei; mas não conheci. Certo dia, uma delas se aproximou de mim e, com um sorriso, indagou:

— Sabe como é que eu descubro coisas?

Retribuí o sorriso e respondi:

— Não; como é?

— Sei tpdó através do meu "sensor espiritual", respondeu.

Todo crente possui esse "sensor"; é o testemunho do Espírito Santo.

Quando indaguei ao Senhor: "Senhor, como posso aprender a vigiar contigo uma hora?" ele me fez a seguinte promessa: "Depois que você aprender a vigiar comigo uma hora, vão ocorrer em sua vida fatos sobrenaturais." E então revelou-me que o que nós chamamos de "Pai Nosso" é, na verdade, um esboço de oração.

No primeiro século, os rabis tinham o costume de instruir seus alunos a partir de verdades-chaves. Eles lhes davam certos temas que depois desenvolviam por meio de um esquema. Ao apresentar sua oração-modelo, Jesus estava apenas citando os temas que deveriam constar de nossas petições, e disse:

"Portanto, vós orareis assim." (Mt 6.9-13.) E nós recitamos essa oração, nós a memorizamos, cantamos, mas nunca a vemos como um conjunto de seis temas básicos para serem desenvolvidos em oração, sob a inspiração do Espírito.

Meu amigo Brad Young, que escreveu o livro *The Jewish Background to the Lord's Prayer* (O contexto judaico do Pai Nosso), diz que nos manuscritos antigos existem longas orações escritas pelos cristãos primitivos que têm por base o Pai Nosso, e cuja leitura demora cerca de uma hora.

E faz ainda uma observação muito interessante a respeito do texto de Atos 1.14. Essa passagem afirma que Maria, mãe de Jesus, os irmãos dele, os outros discípulos e outras pessoas se reuniram no cenáculo após a ascensão de Jesus, obedecendo à ordem dele de que aguardassem a vinda do Espírito Santo. Diz o texto: "Todos estes perseveravam unânimes em oração." Young argumenta que o texto grego não diz "em oração", mas que ali se lê o seguinte: "Todos estes perseveravam unânimes na Oração." E ele informa que nos textos antigos, muitas vezes, o Pai Nosso é identificado como "a Oração".

E hoje uma nova geração de discípulos está descobrindo os princípios básicos relacionados com essa conhecida oração, bem como o propósito dela, e o poder que ela possui. E à medida que vamos redescobrimos esse poder, e tomando consciência de quanto é necessário orarmos, nossa prática da oração vai sendo transformada — de mero desejo, passa a ser um ato de disciplina, e depois se torna um grande prazer.

E à medida que você também, leitor, for utilizando esse esboço de oração nos seus momentos de comunhão com Deus, verá que a oração se torna uma energia vital para você, como foi para Jesus e para os crentes da igreja primitiva. Mas eu gostaria de fazer uma advertência. Essa revelação não é uma verdadezinha qualquer de 10 watts, não. É uma poderosa "luz" de 220 *watts*, que iluminará seu templo com a glória de Deus, e transformará sua casa de oração em uma casa de poder e de perfeito louvor. Se você estiver pronto, pode ligar a tomada.

Segunda Parte

PROMESSAS

"Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome."

CAPÍTULO OITO

Santificando o Nome de Deus

Para muitas pessoas, a palavra disciplina é um termo muito desagradável. E a maioria, quando pensa em disciplina relacionada com a oração, assume uma expressão decidida, aperta os dentes e jura: "Vou ter disciplina para orar, nem que tenha de morrer." Foi a mesma expressão que meu filho John Aaron estampou no rosto quando lhe disse que tinha de comer espinafre.

"Papai", disse ele num tom de voz que se assume numa conversa de homem para homem, "não *gosto* de espinafre; mas vou *comer*."

Quantas vezes você talvez já tenha dito para Deus: "Pai, não *gosto* de orar; mas vou *orar*." Mas a verdade é que a oração não precisa ser um peso; pode ser uma fonte de satisfação e prazer.

Já observou que o Pai Nosso começa e termina com expressões de louvor? É que nós temos de entrar por suas portas com ações de graça, e nos seus átrios com hinos de louvor (SI 100.4). E Jesus estava ciente disso quando deu a seus discípulos essa instrução: "Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome." (Mt 6.9.)

Pela fé, dizemos "Pai"; pelo amor, dizemos "nosso".

O Deus criador onisciente, onipotente, vivendo na eternidade, convida a todo que crê a que o chame de Pai.

"Santificado" é um termo de adoração e louvor. Esta frase: "Santificado seja o teu nome" expressa um ardente desejo de que o nome de Deus seja reconhecido, santificado e adorado.

Muitas vezes nos esquecemos de que o nome do Senhor pode ser santificado ou profanado pela nossa conduta. Existem alguns escritos dos antigos que explicam que, como a morte sacrificial de um crente não raro levava outros a glorificar o nome de Deus, a expressão hebraica que significa "santificar o nome" freqüentemente era entendida como "morrer por causa de sua fé".¹ Que verdade extraordinária! Podemos santificar a Deus tanto com palavras de adoração, como vivendo uma vida santa (Mt 5.16).

A medida que vamos aprendendo a orar segundo o modelo de oração estabelecido por Cristo, a cultivar aquele momento

especial, a louvar e adorar o nome de Deus, a oração deixará de ser um mero anseio, caracterizado por frustrações, e uma disciplina exercitada na base da determinação, para ser um santo prazer.

A disciplina a que me refiro, se exercitada, leva o crente à santa presença de Deus, e fará com que ele viva pela ordem de prioridades do Reino. Por ela, ele aprenderá a receber pela oração aquilo de que necessita; receberá capacitação para conviver bem com todo mundo, o tempo todo. Aprenderá a enfrentar o diabo e deixá-lo caído, derrotado. Será cabeça, e não cauda; estará por cima, e nunca por baixo. Essa disciplina o capacitará a viver em vitória todos os dias de sua vida.

Mas para santificarmos o nome do Pai, temos que entender que seus nomes revelam seu caráter e sua vontade para os filhos dele. Os nomes de nosso Pai revelam o que ele prometeu ser *em nós*, e fazer *por nós*, e por nosso intermédio.

BÊNÇÃOS QUE RECEBEMOS POR INTERMÉDIO DO SANGUE DE JESUS

Quando Deus estava-me revelando o esboço da oração, deu-me também uma visão clara de algo que nos concedeu. Vi Jesus carregando uma imensa bacia, encaminhando-se para um altar de pedra atrás do qual havia uma luz intensa. A seguir, vi-o derramar o conteúdo daquela bacia sobre o altar. Naquele momento, compreendi que o líquido vivo, que escorria sobre o altar, era seu próprio sangue. Veio-me então à mente um texto das Escrituras:

"Sabendo que não foi mediante cousas corruptíveis, *como prata ou ouro, que fostes resgatados... mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo.*" (1 Pe 1.18,19.)

De repente, outras verdades se somaram a essa.

"Deus enviou seu Filho... para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai." (G1 4.4-6.)

Olhei para o sangue e exclamei: "Pai! Pai!" É que meu "sensor" espiritual captara a doce e maravilhosa revelação de que, quando me apropriara do perdão de Cristo, fora recebido na família de Deus e adotado como filho e herdeiro dele. Pelo poder do sangue de Jesus, Deus era meu Pai. Tive a sensação

de que aquele sangue vivo ali sobre o altar me apresentava as bênçãos da aliança que ele obtivera para mim.

Em primeiro lugar, ele dava testemunho de que meus pecados tinham sido perdoados, e me lembrei do texto: "Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades." (Is 53.5.) Olhava para aquele sangue e chorava, de tristeza e de alegria ao mesmo tempo, pois sabia que Cristo lavara meus pecados com seu próprio sangue (Ap 1.5), e que o pecado não tinha mais domínio sobre mim (Rm 6.14).

Segundo, o sangue dava testemunho também de que, por ser ele o sangue do Cordeiro, posso entrar com intrepidez no Santo dos Santos (Hb 10.19). Agora meu corpo é o templo do Espírito Santo, que vive em mim e é o dom de Deus para mim (1 Co 6.19). Louvei a Deus pelo fato de o sangue de Jesus ter aberto um novo e vivo caminho a fim de que eu possa conhecer a plenitude do Espírito Santo.

Além disso, ele dava testemunho de que pelas feridas e sofrimentos de Cristo sou sarado e fico são (Is 53.5; 1 Pe 2.24; Mt 8.16,17); sou curado espiritual, física, mental e emocionalmente. Jesus, o compassivo Jesus, é o Grande Médico.

Depois, o sangue testificava também de que Cristo me libertou da lei do pecado e da morte (Rm 8.2). Jesus levou sobre si a maldição de minhas falhas e fraquezas (Gl 3.13), e agora me conduz sempre em triunfo (2 Co 2.14).

E, por último, o sangue dava testemunho de que nesse relacionamento que tenho com Deus meu pai, por meio dessa aliança, estou livre do temor da morte e do inferno. Jesus Cristo aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade, por intermédio do evangelho (1 Tm 1.10).

E enquanto o Espírito de Deus me revelava tudo que Jesus fez por nós pelo seu sangue, vieram-me à mente os nomes hebraicos de Deus, citados no Velho Testamento, e que são compostos com o nome *Jeová*.

Sempre que Deus queria fazer uma revelação especial a respeito de si mesmo, empregava o termo *Jeová*. Por ele, revelava-se como o Deus eterno e verdadeiro, aquele que é imutável, que tem existência em si mesmo.

Por ocasião do diálogo de Deus com Moisés na sarça ardente (Êx 3.13-15), ele lhe faz uma revelação especial de si mesmo, na qual ficam claros a origem e o significado do nome *Jeová*. Durante os quatro séculos em que os filhos de Israel

viveram em cativeiro no Egito, eles criam na existência de Deus, mas não gozaram de sua presença experimentalmente. Nessa ocasião, então, Deus diz a Moisés que ele próprio descera para libertar pessoalmente seu povo da opressão, e conduzi-lo à terra prometida. Mas para que seu servo Moisés pudesse liderar o povo, primeiro teria que saber quem Deus era e é.

Quando o Senhor se revelou a Moisés dizendo: "Eu Sou o que Sou", atribuiu a si mesmo um nome que os escribas hebreus consideravam por demais sagrado para ser pronunciado em voz alta. Então utilizavam apenas as consoantes YHWH ou JHVH, que, por extenso, seriam escritos assim: Yavé ou Jeová. O nome *Jeová* não define apenas a existência de Deus, mas também sua presença, em pessoa, e perto de nós. Revela sua disposição de salvar seu povo e operar em favor dele. Então o nome *Jeová* ou "Eu Sou o que Sou" pode ser assim ampliado: "Eu estou contigo, pronto para salvar-te e para operar em teu favor, como sempre estive."

No Velho Testamento aparecem oito nomes de Deus, compostos formados pelo termo *Jeová* e um aposto: *feová-tsidkenu*, *Jeová-m'kadesh*, *Jeová-samá*, *Jeová-shalom*, *Jeová-rafá*, *Jeová-nissi*, e *Jeová-roí*. Cada um deles revela um aspecto do caráter e da natureza de Deus.

Em Êxodo 6.3,4, Deus menciona o nome *Jeová* associado à sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó. Mas seus oito nomes compostos, citados no Velho Testamento, também correspondem a cinco promessas que ele faz a seu povo no Novo Testamento ou nova aliança. Esses nomes de Deus não só indicam diversos aspectos de seu caráter, mas também revelam o cumprimento deles na pessoa e obra de Jesus Cristo.

E quais são as cinco promessas ou bênçãos que correspondem aos nomes de Deus? Quais foram as cinco bênçãos reveladas pelo sangue derramado no altar?

As bênçãos que recebemos por intermédio da nova aliança abrangem cinco áreas importantes: 1) pecado — o perdão dos pecados e a libertação do domínio dele; 2) Espírito Santo — a plenitude do Espírito; 3) saúde — a promessa da cura e da saúde; 4) libertação — somos libertos da maldição da lei, pela qual temos falhas e fraquezas; 5) segurança — somos libertos do temor da morte e do inferno.

E quando o Espírito de Deus me revelou as bênçãos que recebemos através do sangue de Cristo, entendi o porquê de dizermos: "Pai nosso, que estás nos céus; santificado seja o teu

nome." Vamos examinar mais detalhadamente essas cinco bênçãos que obtemos através da morte de Jesus.

Perdão e Libertação do Domínio do Pecado

A primeira bênção que nós, os filhos de Deus, recebemos pela virtude do sangue de Jesus é o *per dão dos pecados*. Como é que um pecador pode ser isentado de seus pecados, e se tornar justo diante de Deus? No Velho Testamento, a pena de morte a que o pecador estava sujeito pelo seu pecado era aplicada a uma vítima inocente, cuja pureza teria que ser reconhecida pelo culpado.

Mas nenhum ser humano é puro ou inocente, e o sangue de animais não pode apagar os pecados. Portanto, a solução tinha que vir de Deus. E a provisão de justiça foi feita em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que morreu em nosso lugar (2 Co 5.21; 1 Pe 3.18).

O nome composto *Jeová-tsidkenu* significa "Senhor Justiça Nossa" (ver Jr 23.5.6). Ele revela o aspecto do caráter divino que opera a redenção pela qual a humanidade vê restaurada de forma plena sua comunhão com Deus.

Jesus, o nosso *feová-tsidkenu*, tomou nosso lugar (Rm 5.17-19). Esse nome revela o critério pelo qual somos aceitos diante de Deus ("Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós") e a extensão de nossa aceitação ("para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" — 2 Co 5.31). Portanto, ao orar "Santificado seja o teu nome, *feová-tsidkenu*, devemos dar graças a Deus por ele já haver dado um veredito final á questão dos nossos pecados. Na mente dele já está decidido: "Eu o perdôo." A única coisa que temos a fazer é apropriar-nos desse perdão, pois a Bíblia diz: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." (1 Jo 1.9.)

Entendeu? *Nossa justificação nada mais é que o próprio Cristo*, e só. "Nele estais aperfeiçoados" (Cl 2.10). É como diz o velho hino "Rocha eterna": "Nada trago em minhas mãos, confio apenas em tua cruz." E é isso mesmo.

Quero relatar um fato que ilustra bem essa verdade. Alguns anos atrás viajei para pregar em outra cidade. Certo dia, meu pai, que fora alcoólatra durante quinze anos, e tinha-se convertido havia dois anos e meio, foi buscar-me no hotel onde estava hospedado, para levar-me à igreja. Estava muito desejoso de vê-lo, mas, quando bateu à porta e fui atender, levei um choque. Apesar de não estar chovendo ele apareceu

todo molhado. Seu cabelo castanho estava ensopado, e de seu terno azul pingava água, que ia empoçando no chão. Meu primeiro pensamento foi: "Ah, não! *Papai bebeu e caiu* na piscina/" Não queria repreendê-lo, porém, sem antes dar-lhe tempo para que se explicasse. Mandei que entrasse, entreguei-lhe uma toalha e indaguei bem calmo:

— Papai, o senhor está bem?

Ele se pôs a enxugar a água do rosto e explicou o que havia acontecido. Estava-se dirigindo para o meu quarto, e quando se achava na sacada do segundo andar, viu o corpo de uma criança imóvel no fundo da piscina. Sem pensar um segundo, saltou para o chão, pulou a cerca que há em redor da piscina e mergulhou. Tirou o corpo inerte do menino de lá; aplicou-lhe respiração artificial até que voltasse a respirar, e depois entregou-o à mãe, que se mostrou muito grata a ele.

Senti tanto orgulho de meu pai nesse dia. E nunca me esqueci desse incidente, pois exemplifica o que *Jeová-tsidkenu*, "Senhor Justiça Nossa", fez por nós. Nós estávamos mortos na água, mortos em delitos e pecados. Mas ele saltou dentro da piscina e nos salvou. Aquele que não conheceu pecado foi feito pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2 Co 5.21).

Se alguém consegue salvar-se nadando, ou pagando alguma coisa, fazendo umas confissões e coisas assim, não precisa de um Salvador. Mas se você se acha morto na água, precisa de Jesus. Terá que trocar seu pecado, sua culpa, pela justiça e graça dele, se é que deseja obter a vida eterna.

Não sei como o leitor reage ante essas verdades, mas eu, quando me lembro de como Jesus levou sobre si meus pecados e morreu na cruz por mim, não tenho a menor dificuldade em santificar seu nome *Jeová-tsidkenu*, "Senhor Justiça Nossa".

Mas Jesus não é apenas nossa justiça; é mais que isso. Ele não nos oferece apenas o perdão dos pecados; oferece a libertação do poder do pecado, pois ele é nosso santificador. Mas o que significa isso? O sentido básico do termo hebraico que é traduzido como *santificar* é "separar para o serviço de Deus". Os crentes devem ser diferentes do mundo, devem estar separados dele, pela obediência aos mandamentos de Deus.

Deus é santo; está separado de seu povo. Mas ele nos santifica para que possamos vir a ter comunhão com ele. Encontramos em Levítico 20.8 a citação de seu nome: *feová-m'kadesh*, "o Senhor que vos santifico". Mas como essa expressão não foi transliterada nas traduções para as línguas

ocidentais, como se fez com os outros nomes dele, muitas vezes passa despercebida das pessoas em geral; não vemos que se trata de um nome composto.

O Espírito de Deus habita no crente e o capacita a viver uma vida santa, e a ser puro espiritual e moralmente. (Ver 1 Co 6.11; 1 Ts 4.3.4; 5.23.) Portanto, ao meditarmos sobre esse nome de Deus, "o Senhor que vos santifico", vamos louvá-lo pelo fato de o sangue de Jesus não apenas remover o pecado, mas também destruir o poder que o pecado tem sobre nós. Demos graças a ele porque o sangue de Cristo não ignora o pecado; ele o derrota. (Ver Rm 6.17,18; Hb 13.12; 1 Co 6.9.11.)

"Santificado seja o teu nome *Jeová-m'kadesh*, "o Senhor que vos santifico"."

A Plenitude do Espírito Santo

Sendo Deus nosso Pai, a segunda bênção que temos na Nova Aliança é a *plenitude* do Espírito *Santo*. O outro nome composto de Deus, *feová-shalom*, significa "o Senhor é paz". (Ver Jz 6.24.) O termo hebraico *shalom*, na maioria das vezes, é corretamente traduzido como "paz", e tem o sentido de condições ideais, harmonia com Deus, contentamento e satisfação de vida.

A expiação realizada por Cristo é a base para gozarmos paz com Deus. Para que a humanidade pudesse reconciliar-se com ele, era preciso que alguém pagasse o preço do pecado, a morte. Jesus Cristo pagou esse preço, e, com seu sangue, restaurou a comunhão do homem com Deus, que fora rompida pelo pecado. (Ver Cl 1.20-22.) "Ele foi castigado para nós termos paz." (Is 53.5 — BV.)

Quando Jesus morreu e o sangue dele rompeu a barreira de pecado que nos separava de Deus, ocorreu um fato sobrenatural no templo de Jerusalém. O véu interior que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos (o local da presença de Deus, onde estava a arca e o propiciatório, sobre o qual anualmente o sumo sacerdote colocava o sangue do animal oferecido em holocausto) rasgou-se de alto a baixo, abrindo o caminho para que entrássemos no Santo dos Santos, isto é, na presença de Deus. (Ver Hb 10.19-22.)

Josefo, um historiador judeu do primeiro século, que também era fariseu, afirma que esse véu, que era trocado a cada ano, tinha uma espessura de aproximadamente dez centímetros, e não se rasgava nem que fosse puxado por dois cavalos. Sua função era vedar a entrada à presença de Deus

para todas as pessoas, menos para o sumo sacerdote. Mas quando ele se rasgou de alto a baixo, por ocasião da morte de Jesus (Mc 15.37,38), possibilitou o acesso a Deus a todos os que o buscarem por intermédio de Jesus Cristo.

"Santificado seja o teu nome *Jeová-shalom*, "o Senhor é paz". Graças te dou por haveres restaurado a paz entre os homens e Deus, que fora interrompida com a queda."

Outro nome composto de Deus é *Jeová-samá*, que significa "o Senhor está ali". (Ver Ez 48.35.) O termo hebraico *samá* significa "o transbordante, onipresente". Esse nome contém a promessa de um Deus habitando entre seu povo; é a promessa de sua presença entre os homens.

Na Pessoa do Espírito Santo, Deus está presente nos crentes, que são o seu templo vivo, santo e sempre em crescimento. (Ver Ef 2.20-22.) O santuário, citado no verso 21, era o lugar onde ficava o altar de incenso; no Santo dos Santos, ficava o propiciatório, sobre o qual pairava a presença de Deus, ou a "shekinah", a glória divina. Agora, pelos méritos de Jesus, somos templos de barro, cheios da gloriosa presença do Senhor.

Demos graças a Deus porque, pelo fato de nossos pecados estarem perdoados, podemos ser cheios da própria presença de Deus; podemos ser cheios do seu Espírito. E não é só isso. Jesus nos faz a seguinte promessa: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei." (Hb 13.5.) Ele mandou seu Espírito para estar conosco, para nos confortar, fortalecer, interceder por nós. Santificado seja o teu nome *Jeová-samá*, "o Senhor está ali".

Tenhamos sempre em mente o fato de que santificamos o nome de Deus pelo que ele é e pelo que fez por nós. Ao meditarmos sobre os diversos nomes de Deus, nosso Pai, devemos fazer declarações de fé e louvor, pelas quais confirmamos nossa fé.

"Pai, tu és *Jeová-tsidkenu*, tu és minha justiça. Apresento-me diante de ti, justo e perdoado, por causa do sangue de teu amado Filho. Tu és *Jeová-m'kadesh*, "o Senhor que vos santifico". Tu me conformas à imagem de teu Filho, e anulas o poder do pecado em minha vida. Tu és *Jeová-shalom*, a minha paz. Jesus trouxe a paz, por meio de seu sangue e da cruz, reconciliando-me contigo. Agora, a tua paz, que excede todo entendimento, guarda meu coração e mente. Tu és *Jeová-samá*. Encheste-me de tua transbordante presença, e nunca me deixarás, nem me abandonarás. Dou-te graças porque vives em mim, Senhor."

Eis aí um exemplo do que é santificar o nome de Deus, e fazer declarações de fé acerca do que ele é e do que faz por nós. Mas existem ainda muitos outros motivos por que devemos santificar o nome do Pai.

1. Brad Young, *The Jewish Background to the Lord's Prayer* (Austin, Texas: Center for Judaic-Christian Studies, 1984).

CAPÍTULO NOVE

Apropriando-nos das Promessas de Deus

Mas não me entendam mal. A oração não é um passe de mágica. Tampouco é tarefa fácil. Mas ela opera realmente. A medida que reconhecemos Deus em todos os nossos caminhos, ele nos concede os desejos de nosso coração.

Certo dia, pouco tempo depois que me converti, minha mãe me disse que estava pensando em se separar de meu pai.

— Larry, disse ela, eu e seu pai estamos casados todos esses anos, mas nossa vida em comum tem sido terrível. Não

agüento mais as bebedeiras dele. Não posso continuar vivendo assim.

Senti-me arrasado, e supliquei:

— Mamãe, por favor, não se separe dele.

Mas ela replicou:

— Você agora já saiu de casa. Sua irmã também já foi embora. Não tenho mais motivo para ficar aqui; por que deveria ficar?

— Mamãe, retruquei, tenho lido os textos em vermelho da Bíblia.

— E daí? O que isso tem a ver? indagou ela desalentada, com um certo tom de irritação na voz.

— Tem a ver que Jesus diz, em Mateus 18.19, que "se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer cousa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus". Eu sou um, e com a senhora, mãe, somos dois. Nós poderemos concordar, e assim a coisa acontece."

Mas ela não sentia o mesmo entusiasmo que eu. Deu um suspiro fundo e confessou:

— Não tenho fé suficiente para crer, Larry.

— Está bem, respondi. Aí não diz "se dois concordarem e crerem". Diz apenas "se dois concordarem". Se é preciso fé, então eu creerei por nós dois.

Passei o braço pelos ombros dela, e oramos, fazendo um acordo entre nós, a respeito do problema.

Sabe o que aconteceu depois disso? As coisas pioraram. Isso já lhe aconteceu? Já aconteceu de você orar fervorosamente por um problema, e, em vez de a situação melhorar, ela piorar?

Certo dia, meu pai bebeu tanto que bateu o carro. Ajoelhei-me ao lado da cama e tentei conversar com ele a respeito de Deus. Mas ele me empurrou, e resmungou irado:

— Não me venha com esse negócio de Jesus.

Naquela noite orei e chorei em meu quarto a ponto de o assoalho ficar molhado de lágrimas. O Senhor colocara em meu coração um forte desejo de ver meu pai salvo, e eu não iria desistir agora. Ele me fizera uma promessa: "Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos do teu coração." (SI 37.4.)

Isso não quer dizer, porém, que posso ter um "cadil- lac" hoje, um "mercedes" na semana que vem, e uma casa nova no próximo ano; não estou falando de loucuras da carne. Falo é de estarmos em união com Cristo, permitindo que ele coloque em nosso coração os seus próprios desejos.

Na semana seguinte, entrei na cozinha e vi mamãe sentada à mesa, chorando. Meu primeiro pensamento foi de que havia acontecido algo de muito terrível.

— O que aconteceu, mãe? indaguei alarmado.

Ela enxugou as lágrimas e explicou:

— Não sei com certeza. Só sei que hoje seu pai parou o carro no acostamento, saiu e se pôs a orar: "Jesus, se o Senhor pode fazer alguma coisa por um velho bêbedo como eu, entregarei minha vida a ti."

Poucos dias depois, recebi um telefonema de meu pai, que se achava internado em um hospital, pois seu organismo estava totalmente devastado pelo álcool.

— Filho, traga uma Bíblia para mim, disse com aquela sua voz tão inconfundível.

Abismado com o pedido dele, indaguei:

— Papai, o que foi que lhe aconteceu?

— Você *sabe* o que me aconteceu, respondeu meio acanhado mas visivelmente orgulhoso do passo que dera, e num tom de voz sério. Mas logo depois seu tom se abrandou, quando repetiu:

— Traga uma Bíblia para mim.

Encaminhei-me para lá com uma Bíblia debaixo do braço. E assim que entrei ele me deu um abraço. As primeiras palavras que pronunciou foram:

— Quer fazer uma oração por mim?

Naquele instante, caímos prostrados, os dois, oramos e choramos. Isso ocorreu há mais de quinze anos. Desde então, meu pai nunca mais se embriagou, e é o melhor amigo que tenho. Ele e mamãe são membros de minha igreja, embora tenham que fazer um percurso de cerca de 150 quilômetros para vir e 150 quilômetros para voltar, dominicalmente. E tudo isso porque meu fiel Senhor colocou em meu coração o santo desejo de ver meu pai curado, e restaurado no espírito, corpo e alma. Esta é a terceira bênção que recebemos na Nova Aliança: saúde e cura.

Saúde e Cura

Outro nome composto de Deus é *feová-rafá*, que significa "Jeová cura". O termo *rafá* quer dizer restaurar, curar ou sarar, não apenas no sentido físico, mas também no espiritual e moral. Foi o que Deus operou em meu pai.

Lembro-me de que nas aulas de teologia sistemática do seminário os professores tentavam convencer-nos de que Jesus

não realiza mais curas em nossos dias. E ainda assim afirmavam que a Nova Aliança era melhor do que a velha. Não concordei, e você também não deve concordar. Ele ainda é "o Senhor que te sara".

Você está doente, ou conhece alguém que está? Então comece a agradecer ao Senhor pelo fato de que por suas pisaduras fomos sarados. (Ver Is 53.5; Mt 8.16,17.) Na mente de Deus, a cura já está realizada (1 Pe 2.24). Faça essa declaração de fé. Pense no sangue de Cristo, não em si mesmo e nem no que sente. Pense em como Jesus é e naquilo que, com seu sangue, ele conquistou para nós. E quando o louvamos, ele realiza aquilo de que precisamos — ele é o *Jeová-rafá*, o "Senhor que te sara".

Coloque-se em posição de fé diante de Deus. Lembre que a palavra de fé mais importante que se pode dizer é "obrigado". Portanto, comece logo a agradecer ao Senhor pelas chicotadas que ele levou nas costas, para que fôssemos curados. Santifique este nome, *Jeová-rafá*, e agradeça-lhe pela saúde e a cura que você pode ter por intermédio de Jesus Cristo.

Libertação da Maldição da Lei

A quarta bênção que temos em conexão com o relacionamento nosso com o Deus Pai é *libertação da maldição da lei*.

Quando eu era adolescente, a expectativa de minha família não era muito positiva. Lembro-me de que às vezes meu pai olhava para mim abanando a cabeça desalentado e mumurava: "Acho que vou ter de sustentá-lo pelo resto da vida."

E até certo ponto eu concordava com ele. Sentia-me condenado a ser um fracassado. Na verdade não tinha esperanças de vencer na vida. O verdadeiro Larry Lea parecia não estar à altura das expectativas de ninguém. E pensava que só eu era assim. Não sabia que Paulo havia dito o seguinte em Romanos 3.23: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." Nossos pecados nos condenam ao fracasso. Todas as pessoas, homens e mulheres, estão constantemente errando, em todas as áreas da vida: moral, emocional, financeira, social, espiritual e fisicamente. Nenhum ser humano, nenhum dos mortais conseguiu cumprir todos os requisitos da lei.

O apóstolo Paulo diz o seguinte em Gálatas 3.10: "Maldito todo aquele que não permanece em todas as cousas escritas no livro da lei, para praticá-las." Mas já em Romanos 8.2 encontramos: "Porque a lei do Espírito e da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte." E em Gálatas 3.13 Paulo declara:

"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro." O que seria essa maldição da lei, da qual Cristo nos resgatou? Para responder a essa pergunta, temos que voltar ao livro de Gênesis e à narrativa da queda do homem.

A decisão tomada por Adão e Eva no sentido de desobedecer a Deus, que resultou na queda de nossos primeiros pais, teve efeitos muito profundos. Foi através de sua desobediência que o pecado com todas as suas terríveis conseqüências entrou no mundo. A imagem de Deus que havia no homem ficou maculada, distorcida; os seres humanos ficaram distanciados do seu Criador, e toda a humanidade ficou sujeita à pena de morte.

Por intermédio de Moisés, Deus deu ao homem a sua lei pela qual lhe era apresentado o único padrão de justiça que Deus aceitaria. A lei de Moisés, uma aliança baseada em obras, constituía um modelo para a conduta diária do homem. Mas como a humanidade não tinha capacidade de satisfazer esse padrão perfeito, ficava sempre muito aquém do que Deus queria. Estávamos fadados a levar uma vida de falhas, cercada de frustrações e desalento.

Mas, quando o homem caiu em pecado, caiu também nos braços da misericórdia divina. Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, o único varão perfeito, apresentou-se voluntariamente para morrer na cruz, quando então levou sobre si a pena de morte vinculada à maldição, que a nós era devida, e satisfez todas as exigências da lei, estabelecendo conosco uma nova aliança, uma aliança superior. Agora, os crentes da Nova Aliança acham-se libertos da condenação da lei porque a justiça de Cristo lhes foi imputada. Além disso, em decorrência da expiação operada por ele, os mandamentos da lei não são mais padrões inatingíveis, mas agradáveis deveres e privilégios, que as pessoas remidas e cheias do poder do Espírito Santo são capazes de praticar com eficiência e de bom grado.

Mas não foi só isso que Jesus Cristo fez por nós quando removeu a maldição da lei. Por meio dele, todas as riquezas de Deus pertencem àqueles que entram nessa aliança, riquezas essas que suprem todas as necessidades imagináveis nesta vida. Pelo que lemos em Gálatas 3.14, Cristo nos remiu da maldição da lei para que pudéssemos receber as bênçãos de Abraão. E qual era a bênção de Abraão? Vemos em Gênesis

24.1 que Deus abençoou Abraão em todas as coisas. E Paulo apresenta o seguinte argumento: "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas?" (Rm 8.32.J)

Em Deuterónimo 28 encontramos a enumeração das bênçãos que Deus derrama sobre os que lhe obedecem, e que podemos receber por intermédio de Jesus Cristo. Vamos citar algumas delas. Deus abençoará nossos filhos e bens materiais (v. 4); fará com que sejam derrotados nossos inimigos (v. 7); determinará que nossos celeiros sejam abençoados bem como tudo que fizermos (v. 8). Ele abrirá seu bom tesouro para nós de modo que sempre tenhamos para emprestar a outros e nunca precisemos tomar emprestado (v. 12). Seremos bem-sucedidos em tudo, pois Deus nos porá por cabeça e não por cauda; estaremos por cima, e não por baixo (v. 13).

Contudo se o povo que se acha em aliança com ele não lhe obedecer e não andar em seus caminhos, ele afirma que repreenderá tudo aquilo em que puserem as mãos, e permitirá que sejam assolados por maldições, confusão, pobreza, fracasso e pestes (Dt 28.15-45).

Como vimos, então, Jesus levou sobre si a maldição de nosso fracasso e incapacidade, e se tornou fonte de sucesso e bênçãos para nós; ele é o nosso *Jeová-jiré*. Este nome, *Jeová-jiré*, significa "o Senhor que vê", ou "o Senhor proverá". (Ver Gn 22, e em particular o verso 14.)

Deus, o nosso Pai, vê nossas necessidades antes que elas surjam, e faz sua provisão para elas. Seu nome *Jeová-jiré* revela sua disposição e capacidade de fazer a provisão necessária para nossos pecados e necessidades. E como Jesus removeu a maldição, achamo-nos livres de fracassos morais, financeiros, emocionais, sociais ou espirituais, pois Deus *determinou* que tenhamos sucesso. Podemos tudo, por meio daquele que nos fortalece. (Ver Fp 4.13.)

Portanto, quando santificarmos este nome, *Jeová-jiré*, demos graças a Deus por estarmos libertos da maldição. Em atitude de adoração, declaremos que Jesus, que foi feito maldição por nós, já nos libertou, e não temos mais de viver debaixo da maldição da lei. Um poeta cristão fez essa declaração, ao escrever um hino, um velho hino: "Mesmo que a terra o impeça e o inferno esbraveje, tudo coopera para o nosso bem." Cante isso; afirme isso; creia nisso.

Libertação do Temor da Morte e do Inferno

A quinta bênção que gozamos em decorrência de nosso relacionamento com Deus pela aliança é que nos achamos *libertos do temor da morte e do inferno*.

Outro nome composto de Deus é *feová-nissi*, que significa "o Senhor é minha bandeira". (Ver Êx 17.15.) O vocábulo que aqui é traduzido por "bandeira" pode ter o sentido de mastro, estandarte, pendão. Para os judeus, esse termo ainda tinha o sentido de "milagre". Traduzindo a idéia de estandarte e pendão significava também um ponto de reunião, onde se reavivavam esperanças e esforços; era uma espécie de sinalização, colocada num ponto elevado, em ocasiões especiais. A bandeira representava a causa de Deus, as batalhas do Senhor, e era um emblema de libertação e salvação.

O profeta Isaías predisse que do tronco de Jessé iria brotar um rebento que seria um *estandarte* para os povos (11.10). Esse rebento de Jessé é Jesus (Rm 1.3). Jesus, nossa bandeira de redenção e batalha, foi erguido numa rude cruz, no monte Calvário. E ele foi adiante de nós, venceu o mundo e o poder que este tinha de nos causar dano (Jo 16.33). Deus o exaltou, colocando-o acima de todos os governantes, autoridades e potestades; sujeitou tudo debaixo de seus pés, e indicou-o como cabeça da Igreja (Ef 1.19-22). E hoje ele sai à batalha à frente dos crentes, dá-nos a vitória e nos torna vencedores (2 Co 15.57).

Quando Jesus Cristo, que é a nossa bandeira, ressuscitou dos mortos, aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho (2 Tm 1.10). Por isso, hoje não tememos mais a morte, pois, por sua morte e ressurreição, Cristo destruiu o poder daquele que detinha o domínio da morte, Satanás (Hb 2.14,15). E sua bandeira sobre nós é o amor; e o amor nunca falha.

Outro nome composto de Deus é *feová-roí*, que significa "o Senhor é meu pastor". (Ver SI 23.) O significado básico do termo *roí* ou *roé* é "apascentar ou conduzir para o pasto, como faz o pastor". Pode ser traduzido também como "companheiro", "amigo".

Jesus é o Pastor de seu povo (Jo 10.11; Hb 13.20). Ele apascenta, guia, protege e cuida de suas ovelhas. Sabendo que ele é nosso Pastor não tememos a morte. (Ver SI 23.1,4,6; 1 Co 15.55-57.)

Ao meditarmos sobre a cruz, louvemos ao Senhor por estarmos livres da morte e do inferno, pois nossos pecados foram removidos no Calvário. Louvemos ao Senhor por sabermos que jamais pereceremos, já que temos a vida eterna. Pensemos em Jesus, que foi crucificado, e afirmemos: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim." (G1 2.20.)

Se alguém chegar perto de um crente com um revólver e lhe der um tiro, seu corpo cai ao chão, morto; mas seu espírito vivo vai imediatamente para a presença de Deus. (Ver 2 Co 5.8.) Assim que nosso espírito toma conhecimento da verdade de que somos criaturas eternas, que nunca morrerão, passamos a ter uma vida diferente, e a falar e agir de forma diferente. Somos um ser eterno, gozando já de uma vida eterna.

Demos graças a Deus porque ele é nossa bandeira, que derrotou a morte, o inferno e o túmulo. Demos glórias ao Senhor porque ele é o nosso Pastor, que nos conduzirá pelo vale da sombra da morte até a casa do Senhor, onde viveremos para sempre.

"Santificado seja o teu nome Jeovd-nissi, "o Senhor é minha bandeira". Santificado seja o teu nome, *feová-roí*, "o Senhor é o meu pastor"."

Paulo diz o seguinte em Filipenses 2.9,10: "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho." Todos os inimigos do Senhor vão dobrar os joelhos e reconhecer a autoridade, o poder e o domínio supremos de Cristo. No nome de Jesus acham-se incluídos o caráter e a natureza de Deus Pai. Os compostos com o termo *Jeová* aplicam-se a ele, pois disse: "Eu vim em nome de meu Pai." (Jo 5.43.) E em Colossenses 2.9 lemos: "Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade."

É pela fé no nome de Jesus que nascemos de novo (Jo 1.12,13), e da mesma forma é que levamos uma vida de vitória. Temos que sujeitar todos os aspectos de nossa vida ao senhorio de Cristo e ao domínio do seu nome. pois Paulo diz: "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor." (2 Tm 2.14.)

Se permitirmos que haja em nossa vida qualquer coisa que não esteja em harmonia com a natureza e com o nome de Deus, estaremos tomando o nome dele em vão. Não estaremos santificando seu nome; estaremos desonrando-o. É por isso que temos de sujeitar ao senhorio de Jesus e ao domínio de seu

nome todos os aspectos de nossa vida, pois Deus ordena: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão." (Êx 20.7.)

Durante o grande avivamento que houve na Rua Azuza, no início deste século, certo dia um pregador fez o apelo nos seguintes termos: "Todos que estiverem interessados em receber perdão, santificação, cura e batismo no Espírito Santo, levantem-se e venham." E ele acertou em cheio. Jesus é nossa justiça, nosso santifica- dor, nossa paz, nosso médico, nosso provedor, nossa bandeira e nosso pastor, e é o Espírito transbordante que vive em nós.

"Pai nosso, que estás nos céus. Santificado seja o teu nome. Senhor, ajuda-nos a não tomar teu nome em vão."

QUESTÕES PARA REVISÃO 1. Por que

podemos chamar de "Pai" ao Deus do universo?

.....p€ Ç». ff .. ,?OfSf>,. 4>/mM .. . TAL .. .d ..
---- .. .C.Í/CjO... /T*ua . .Pa <.....

2. Faça uma linha ligando cada um dos nomes hebraicos de Deus ao seu correspondente em nossa língua:



Jeová- *tsidkenu*
 Jeová-*shalom*
 Jeová-samá
 Jeová-*m'kadesh*

O Senhor Jeová-*ji ré* --
 O Senhor Jeová-*roí Jeová-*
 O Senhor *nissi* Jeová-*rafá*
 O Senhor é meu Pastor,
 O Senhor está ali.
 O Senhor que vos santifico,
 O Senhor é paz. proverá.
 O Senhor é minha
 bandeira, que te
 sara. Justiça
 Nossa.

3. Relacione a (coluna da direita com a da esquerda, escrevendo a (letra de cada palavra à esquerda diante da bênção da) nova aliança a que ela corresponde.

- (b))
 (c) (aj) (Vitória
 (d)) Promessa de perdão e libertação
 (e) Segurança () do domínio do pecado. A plenitude do Espírito Santo
 Espírito) Promessa de cura e saúde
 Sanidade (Promessa de libertação da maldição da lei Libertação do
 Pecado) temor da morte e do inferno

4. Praguejar e empregar o nome de Deus misturado a palavras é uma das maneiras pelas quais se toma o nome de Deus em vão. Mencione uma outra maneira pela qual se faz isso também

ESBOÇO DE ORAÇÃO

I. Pai nosso, que estás nos céus.

- A. Faça uma imagem mental do sangue de Jesus sendo vertido na cruz.
- B. Agradeça a Deus porque você pode chamá-lo de "Pai" com base nesse sangue.

- II. Santificado seja o teu nome.
 - A. Primeira bênção: perdão e libertação do domínio do pecado.
 - 1. Santifique seu nome:
 - a. *feová-tsidkenu*: Senhor Justiça Nossa
 - b. Jeová-m'kadesh: o Senhor que vos santifico
 - 2. Faça declarações de fé.
 - B. Segunda bênção: a plenitude do Espírito Santo.
 - 1. Santifique seu nome:
 - a. */eovó-sholom*: o Senhor é paz.
 - b. Jeová-samá: o Senhor está ali.
 - 2. Faça declarações de fé.
 - C. Terceira bênção: saúde e cura.
 - 1. Santifique seu nome: *feová-rafá*: o Senhor que te sara.
 - 2. Faça afirmações de fé.
 - D. Quarta bênção: libertação da maldição.
 - 1. Santifique seu nome: *Jeová-jirê*: o Senhor proverá.
 - 2. Faça afirmações de fé.
 - E. Quinta bênção: libertação do temor da morte e do inferno.
 - 1. Santifique seu nome:
 - a. *Jeová-roí*: o Senhor é meu Pastor.
 - b. Jeová-nissi: o Senhor é minha bandeira.
 - 2. Faça afirmações de fé.
- III. Será que estou tomando o nome de Deus em vão?
 - A. Peça ao Espírito Santo que lhe revele se em alguma área de sua vida você está tomando o nome do Senhor em vão.
 - B. Submeta-se ao senhorio de Cristo.
- IV. Ore no Espírito, adorando ao Senhor e entoando hinos a ele.

Terceira Parte

PRIORIDADES

"Venha o teu *reino*,
faça-se *a* tua vontade."
"

CAPÍTULO DEZ

O Reino de Deus em Nós e Nossa Família

Mekilta, um velho livro dos hebreus, que é um comentário sobre o livro de Êxodo, traz a seguinte parábola.

Certo homem chegou a uma região e perguntou ao povo se poderia reinar sobre eles.

— Mas o que você já fez de bom para nós? indagaram eles. Que razões teríamos para aceitá-lo como nosso rei?

Ante essa réplica, o homem construiu uma muralha. Depois supriu de água o povo. Lutou ao lado dele nas guerras. E mais tarde voltou a fazer a mesma pergunta:

— Posso ser rei deste lugar?

— Claro, claro, responderam.

E a parábola continua: foi assim que agiu o Onipresente. Ele libertou o povo de Israel do Egito; dividiu o mar para eles e depois lhes deu o maná. Abriu um poço para eles; mandou as codornizes, e lutou contra Amaleque. Depois então perguntou-lhes:

— Posso ser o rei de vocês?

E então eles responderam:

— Claro que pode!¹

E aqui termina a parábola, mas não sua aplicação. Deus, nosso Pai, vem a nós e pergunta:

— Posso ser seu rei?

E muitas vezes damos uma resposta petulante.

— Quem é o Senhor, e o que já fez de bom para nós, para que o aceitemos como rei?

Deus não precisaria responder, mas, como nos ama, ele o faz:

— Sou seu Pai, seu Deus criador, que amou tanto o mundo que deu seu Filho unigénito, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pelo sangue que ele verteu, você pode obter justiça, santificação, paz e acesso à minha presença. Pelas feridas das chicotadas em suas costas, você pode ser curado e ter saúde perfeita. Ele o redimiou de seus erros. Vê suas necessidades antecipadamente e faz provisão para elas. Ele é sua bandeira, que vai à sua frente, nas batalhas,

abrindo o caminho. Não precisa mais temer a morte e o inferno, porque ele é o Bom Pastor que deu sua vida pelas ovelhas, aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade."

E então Deus pergunta mais uma vez:

"Posso ser o seu rei?"

E ele só passa a ser nosso rei quando lhe obedecemos, aceitamos seu domínio e autoridade em nossa vida, e nos empenhamos no serviço do seu reino, que é derrotar o mal, remir pecadores e transmitir a toda a humanidade as bênçãos desse reino. Em suma, é isso que estamos pedindo a Deus quando dizemos: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade." Isso significa que estamos nos sujeitando a ele e pedindo-lhe que realize sua vontade na terra.

Vejamos os verbos empregados nessas frases: venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu. Os verbos estão no início da frase para dar maior ênfase à ação. A melhor maneira de interpretar isso, em minha opinião, é imaginar uma pessoa afirmando-o com uma atitude decidida, como quem "finca" pé: "Venha, reino de Deus! Faça-se, vontade de Deus!"

Vamos ilustrar. Muitas vezes, quando duas pessoas discutem um negócio ou um detalhe de seu relacionamento, uma diz:

"Eu só posso ceder até aqui, e é assim que tem de ser. Disso não abro mão."

É essa a idéia contida nessas duas afirmações. Portanto não seria arrogância de nossa parte declarar com toda intrepidez: "Venha, reino de Deus! Faça-se, vontade de Deus!"

Deus tem um plano para cada dia de nossa vida. Então, vamos bater o pé com firmeza, ao orarmos. Em vez de estar sempre murmurando oraçõezinhas que expressam fraqueza: "Ajuda-me, Senhor", comecemos a citar as promessas de Deus com toda intrepidez, a assumir a posição de vitória que Cristo conquistou para nós. Não permitamos que as insignificantes tentativas de Satanás para intimidar-nos impeçam que realizemos os propósitos de Deus para nossa vida. Afirmemos que a vontade dele será feita, que o seu reino virá. E o que é o reino de Deus? Paulo diz: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo." (Rm 14.17.)

Todos nós queremos observar as prioridades do reino de Deus mas muitas vezes colocamos o carro na frente dos bois. Alguém definiu isso como "a tirania da urgência", dizendo que é muito comum deixar que as coisas que nos pressionam, que nos causam ansiedades e problemas, tomem o lugar das mais importantes, que deveriam receber prioridade máxima.

Deixe-me dar um exemplo. Já aconteceu de você abotoar a camisa e depois descobrir que um botão sobrou? Aí você dá uma olhada e vê que os botões não estão enfiados na casa certa. Então tem que desabotoar tudo para acertar a camisa. A vida também é assim. Se não dermos a Deus a prioridade máxima, os outros aspectos de nossa vida não se harmonizarão como deveriam. Nossas emoções, nossa saúde, alvos e relacionamentos ficarão fora de esquadro.

Eu sei disso! No início de meu ministério, a aplicação do meu tempo estava toda fora de ordem. Estudava num seminário a cerca de 55 quilômetros de minha casa; era co-pastor da Igreja Batista de Beverly Hills, onde liderava os jovens e o evangelismo; era casado e tinha três filhos pequenos. Então a distribuição do tempo estava mais ou menos assim: em primeiro lugar vinha a igreja; em segundo, os estudos; em terceiro, minha família, e em último a oração e comunhão com Deus. E eu sabia muito bem que Jesus tinha dito: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mt 6.33.) Mas fazia justamente o contrário. Estava muito envolvido com "todas estas coisas", em vez de buscar em primeiro lugar o reino. Mas assim que coloquei Jesus em primeiro lugar, ele mesmo começou a acertar as outras coisas, e a confusão e desordem deram lugar a uma tranqüilizadora paz divina.

Com o passar dos anos, minhas atividades foram aumentando e minha vida se tornando mais e mais complexa, e eram mais freqüentes as vezes em que tinha que me distanciar de minha família. Mas eu e Melva já sabíamos como agir. Orávamos constantemente a respeito da divisão de nosso tempo, e o Senhor nos orientava de maneira muito especial.

E se isso deu certo para mim, pode dar para você também. Se der prioridade á oração e buscar a sabedoria de Deus, ele irá corrigir sua programação de vida, acertando tudo, revelando-lhe soluções perfeitas para os problemas do emprego do tempo.

É muito importante acertar as prioridades relacionadas com o tempo, mas também precisamos estabelecer prioridades na oração. Ao orarmos temos que afirmar que o reino de Deus venha e sua vontade seja feita em quatro setores: nossa própria vida, nossa família, nossa igreja e nossa pátria. E como é que oramos em favor de cada um deles?

Assim como a posição do leme determina o curso de um navio, assim também a língua determina o curso de nossa vida, pois ela é o leme da vida. (Ver Tg 3.3-5.) É verdade que uma confissão imprecisa não nos leva a nada. Mas, se com a língua fizermos afirmações alinhadas com o Espírito Santo, declarando com toda sinceridade e fé: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade", estabeleceremos o curso correto da vida. Então, ao orarmos, vamos fazer essa afirmação, que venha o reino de Deus e que sua vontade seja feita em todos esses quatro setores.

NOSSA PRÓPRIA VIDA

Começemos por nós mesmos. Lemos em Tiago 5.6 que "muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo". Se não formos justos, nossa oração não terá eficácia. Então, peçamos a Deus, diariamente, que o seu reino — isto é, sua justiça, paz e alegria — seja estabelecido em nós, e que sua vontade para nossa vida, nesse dia, se confirme em nosso espírito.

Para gerenciarmos bem nosso lar, nossos afazeres, nossos recursos, e etc., precisamos da sabedoria e revelação de Deus. Ao dizer "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade", vamos conscientemente convidar a Jesus para assumir o lugar que por direito lhe pertence no trono de nosso coração, e reinar sobre todo o nosso ser; corpo, alma e espírito. Em seguida, oremos pelos nossos interesses particulares, nos quais nos envolveremos no decorrer do dia.

A seguir, peçamos ao Espírito Santo que nos dê capacidade, eficiência e forças. Oremos segundo as palavras de Judas: "Edificando-vos (crescendo, como um edifício)... orando no Espírito Santo." (V. 20.) Aqui vamos permanecer na presença do Senhor até que em nossa mente esteja delineado, claramente, todo o curso desse dia, e o seu Espírito esteja operando em nós. Isso é de importância vital, pois, se o Senhor não estiver no controle de nossa vida, não reinará sobre a segunda propriedade, a família.

NOSSA FAMÍLIA

Quem é casado deve orar por seu cônjuge; peça a Deus que sua justiça, alegria e paz também dominem a vida dele ou dela. Ao fazer a declaração de fé "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade", interceda pelos problemas de seu cônjuge, até que o Espírito de Deus o libere para passar aos outros temas da oração. Essa área também é de grande importância pois, se nosso relacionamento familiar se deteriorar, o trabalho que realizamos para o povo de Deus ficará bastante prejudicado.

Certa vez um jovem evangelista estava enfrentando sérios problemas com a esposa. Em vez de procurar resolvê-los, preocupava-se mais com sua reputação e com a campanha evangelística que estava para realizar do que em tentar reconquistar a esposa e restabelecer o relacionamento de ambos. Certo dia, quando se ajoelhou para orar acerca do grande ministério que desejava exercer para Deus, o Senhor lhe dirigiu uma pergunta muito inquietante:

"Como posso confiar-lhe minha Noiva, se você não está sabendo cuidar da sua?"

Nossa família tem que vir em primeiro lugar. Os indivíduos mais cheios de remorso que conheço são homens que, enquanto estavam empenhados em ganhar o mundo para Deus, perderam a própria família.

Como vamos orar por nossa família? Quem tem filhos deve afirmar: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade", na vida de cada um deles. Mas deve também fazer pedidos específicos, e procurar ouvir o que o Espírito Santo tem a dizer-lhe com relação a seus filhos.

Deus começou a falar comigo a respeito de meu filho John Aaron quando ele ainda estava no ventre da mãe. E tudo que o Espírito de Deus me disse está começando a realizar-se.

Certo dia, quando estava com 11 anos, ele comentou:

— Papai, o senhor lembra do Mikey, aquele meu colega da escola que é doente e que ninguém gosta? Ele não sabe ler, e todo mundo fala que ele é retardado. Pois hoje eu o ganhei para Jesus.

Sabe por que isso aconteceu? Porque oro diariamente em favor de John Aaron dizendo: "Venha o teu reino na vida dele! Vontade de Deus, faça-se nele!" Oro diariamente por meu filho e por minhas duas filhas, Joanna e Joy Elizabeth, e faço essas afirmações com relação a todos eles. '

Oro também pelas pessoas com quem eles um dia irão casar-se, e peço que nunca se afastem da perfeita vontade de Deus para sua vida. Por quê? Porque estou convencido de que vale a pena orar assim. O melhor exemplo que conheço a respeito disso é o caso de minha própria esposa.

Melva Jo tem título de mestrado em música; é soprano operístico — possui uma voz maravilhosa — tendo já cantado em diversas partes do mundo. Conhecemo-nos quando estávamos na faculdade. Ela era a "miss" da faculdade batista de Dallas, e eu um rapaz retraído. (Na época eu estava preocupado apenas em ler os textos em vermelho e buscar o poder, lembra?) Pois bem, ela era a "estrela" da escola, que já cantara até numa reunião onde estava presente o presidente da Convenção Batista do Sul, e eu um rapaz simples, que não sabia nem combinar as meias com o terno. Ambos cantávamos no coro da escola, e, logicamente, ela chamou minha atenção. Mas nessa ocasião estava namorando uma moça de minha cidade e ela era noiva de um rapaz de Mississippi.

Naquele ano, nosso coro viajou a diversas partes do mundo, e nós nos tornamos amigos. Uma noite estávamos indo para um concerto quando ela disse em tom casual:

— Sabe de uma coisa? Vou-me casar.

Dei um leve sorriso e comentei:

— É Melva, você tem que casar mesmo com aquele coitado; já estão noivos há três anos.

Ela ficou em silêncio uns instantes, e depois disse em tom suave:

— É; mas não é com ele que vou-me casar.

Houve alguma coisa na maneira como ela disse aquilo que mexeu muito comigo, interiormente. Não disse uma palavra, e nem ela falou nada. Mas aquilo deve tê-la tocado também, pois recusou minha carona para voltar para a escola. Aliás, ela fez uma grande criancice: escondeu-se num banheiro para que eu não a encontrasse.

E no dia seguinte faltou às aulas para não se encontrar comigo. Mas eu sabia onde ela trabalhava, e aí foi minha vez de fazer uma criancice: escondi-me atrás de uma árvore. Quando ela saiu do serviço, apareci subitamente à sua frente e falei:

— Melva Jo, pare de fugir!

Ela deu um sorriso, abaixou a cabeça e replicou:

— Não vou fugir.

Então fomos conversar em um lugar tranqüilo. O sol estava-se pondo; o cenário era muito romântico. Fiz como Simão Pedro, 110 monte da transfiguração. Não sabendo o que dizer, soltei de chofre:

— Já pensou que a gente podia se casar?

(Foi uma das primeiras conversas sérias que tive com ela.)

Olhando-me diretamente nos olhos, respondeu pensativamente:

— É; acho que poderíamos, sim. Larry, se essa for mesmo a vontade de Deus, quero que meu noivo ligue para mim terminando tudo.

E você já deve ter adivinhado o que aconteceu. Três dias depois, ele ligou para ela.

— Melva, disse, faz muitas semanas que estou querendo telefonar para você. Mas não queria fazê-la sofrer. Sabe o que é, estou namorando uma moça aqui em Mississippi, e quero terminar meu noivado com você. Acho que nós dois não devemos nos casar.

Ele deve ter levado um grande susto com a reação dela.

— Ótimo, disse ela, fazendo uma curta oração de agradecimento a Deus. ótimo!

Em seguida, ela me procurou e me relatou o que acontecera, e concluiu num tom firme:

— Então, essa é a vontade de Deus.

Mas sou tão novo para me enforçar! *pensei*.

Depois Melva me disse:

— Temos que ir conversar com meu pai.

— Com seu pai? exclamei, quase me engasgando.

Fomos então para a casa dos pais dela, em Arkansas, onde ela se criara. Chegamos já bem tarde da noite, e eles vieram receber-nos à porta. Ela fez as apresentações e depois orgulhosamente comunicou-lhes:

— Papai, este é o moço com quem vou me casar.

O Sr. Bryant me olhou fixamente e depois murmurou:

— Esse? Isso? Mas isso aí é a resposta da oração que faço há quarenta anos? (Não foi exatamente assim, mas foi mais ou menos.)

Então fomos sentar à mesa da sala de jantar, e ele me narrou uma história inesquecível.

— Meu rapaz, principiou ele em voz carinhosa, os médicos tinham-nos dito que era impossível que minha esposa tivesse filhos. Mas nós clamamos a Deus, como Ana clamara a respeito de Samuel. Oramos durante vinte anos: "Senhor, dá-nos um filho. E faça-se a tua vontade na vida de nosso filho." Passados vinte anos de casados fizemos um voto a Deus. Dissemos: "Senhor, se tu nos deres um filho do sexo masculino, nós o dedicaremos ao teu ministério. Se for uma menina, será esposa de pastor."

Aqui ele fez uma pausa e eu pensei:

É, então eu não tinha mesmo es *cape!*

E o pai de Melva prosseguiu.

— Quando minha esposa estava com quarenta anos, ficou grávida pela primeira vez, e teve que ficar sete meses na cama. Mas quando a menina nasceu, e vimos que era uma criança sadia, erguemos a pequena diante de Deus e fizemos um voto ao Senhor: "Jesus, todos os dias iremos afirmar que a tua vontade seja feita na vida dela."

Está vendo? A decisão tomada por Melva quando disse: "Não vou me casar com ele", foi resultado da soma das orações dos pais dela naqueles quarenta anos, quando bateram o pé no chão afirmando: "Faça-se a tua vontade na vida de minha filha, Senhor!"

É por isso que insisto em que devemos orar por nossos filhos, e pedir a Deus que eles sempre realizem a vontade divina em sua vida. Peça a Deus que lhe revele seus planos para o futuro de seus filhos, enquanto ainda são pequenos, para que possa ensiná-los no caminho em que devem andar. Guarde ciosamente no coração os fatos que Deus lhe revelar acerca de cada filho, e aproprie-se da sabedoria dele, diariamente, para instruí-los e criá-los.

Vamos pedir a Deus também que coloque em nosso coração outras pessoas da família; devemos alargar nosso círculo de interesse e de intercessão.

Há dias em que nos sentimos presos a determinado pedido, e não conseguimos deixar de mencionar certa pessoa. Quando isso acontecer, é bom obedecer ao líspírito Santo, pois ele sabe que aquele indivíduo precisa do oração nesse dia. Tenhamos cuidado para não nos limitarmos a fazer uma oraçozinha rápida apenas,

Simão Pedro, no monte da transfiguração. Não sabendo o que dizer, soltei de chofre:

— Já pensou que a gente podia se casar?

(Foi uma das primeiras conversas sérias que tive com ela.)

Olhando-me diretamente nos olhos, respondeu pensativamente:

— É; acho que poderíamos, sim. Larry, se essa for mesmo a vontade de Deus, quero que meu noivo ligue para mim terminando tudo.

E você já deve ter adivinhado o que aconteceu. Três dias depois, ele ligou para ela.

— Melva, disse, faz muitas semanas que estou querendo telefonar para você. Mas não queria fazê-la sofrer. Sabe o que é, estou namorando uma moça aqui em Mississippi, e quero terminar meu noivado com você. Acho que nós dois não devemos nos casar.

Ele deve ter levado um grande susto com a reação dela.

— Ótimo, disse ela, fazendo uma curta oração de agradecimento a Deus. Ótimo!

Em seguida, ela me procurou e me relatou o que acontecera, e concluiu num tom firme:

— Então, essa é a vontade de Deus.

Mas sou tão novo para me enforçar! *pensei*.

Depois Melva me disse:

— Temos que ir conversar com meu pai.

— Com seu pai? exclamei, quase me engasgando.

Fomos então para a casa dos pais dela, em Arkansas, onde ela se criara. Chegamos já bem tarde da noite, e eles vieram receber-nos à porta. Ela fez as apresentações e depois orgulhosamente comunicou-lhes:

— Papai, este é o moço com quem vou me casar.

O Sr. Bryant me olhou fixamente e depois murmurou:

— Esse? Isso? Mas isso aí é a resposta da oração que faço há quarenta anos? (Não foi exatamente assim, mas foi mais ou menos.)

Então fomos sentar à mesa da sala de jantar, e ele me narrou uma história inesquecível.

— Meu rapaz, principiou ele em voz carinhosa, os médicos tinham-nos dito que era impossível que minha

010001010102010131020223482300234848232300535323234853535323235348235353
48235353894848235348532348235348

esposa tivesse filhos. Mas nós clamamos a Deus, como Ana clamara a respeito de Samuel. Oramos durante vinte anos: "Senhor, dá-nos um filho. E faça-se a tua vontade na vida de nosso filho." Passados vinte anos de casados fizemos um voto a Deus. Dissemos: "Senhor, se tu nos deres um filho do sexo masculino, nós o dedicaremos ao teu ministério. Se for uma menina, será esposa de pastor."

Aqui ele fez uma pausa e eu pensei:

É, então eu não tinha mesmo escape!

E o pai de Melva prosseguiu.

— Quando minha esposa estava com quarenta anos, ficou grávida pela primeira vez, e teve que ficar sete meses na cama. Mas quando a menina nasceu, e vimos que era uma criança sadia, erguemos a pequena diante de Deus e fizemos um voto ao Senhor: "Jesus, todos os dias iremos afirmar que a tua vontade seja feita na vida dela."

Está vendo? A decisão tomada por Melva quando disse: "Não vou me casar com ele", foi resultado da soma das orações dos pais dela naqueles quarenta anos, quando bateram o pé no chão afirmando: "Faça-se a tua vontade na vida de minha filha, Senhor!"

É por isso que insisto em que devemos orar por nossos filhos, e pedir a Deus que eles sempre realizem a vontade divina em sua vida. Peça a Deus que lhe revele seus planos para o futuro de seus filhos, enquanto ainda são pequenos, para que possa ensiná-los no caminho em que devem andar. Guarde ciosamente no coração os fatos que Deus lhe revelar acerca de cada filho, e aproprie-se da sabedoria dele, diariamente, para instruí-los e criá-los.

Vamos pedir a Deus também que coloque em nosso coração outras pessoas da família; devemos alargar nosso círculo de interesse e de intercessão.

Há dias em que nos sentimos presos a determinado pedido, e não conseguimos deixar de mencionar certa pessoa. Quando isso acontecer, é bom obedecer ao Espírito Santo, pois ele sabe que aquele indivíduo precisa de oração nesse dia. Tenhamos cuidado para não nos limitarmos a fazer uma oraçõzinha rápida apenas,

mas permanecermos em intercessão até que o Espírito Santo nos libere.

Se esgotarmos o tempo que temos para orar sem conseguir passar por todos os itens do Pai Nosso, devemos parar ali. Mais tarde, quando tivermos oportunidade — seja ao volante do carro, ou fazendo a arrumação da casa, ou antes de dormir — podemos reiniciar do ponto onde paramos. Faça de sua vida uma oração constante. Aprenda a pagar o preço da oração, para obter as bênçãos de que necessita.

E lembremos que todos os dias Deus nos pergunta:

— Posso ser seu rei?

Respondamos então com alegria:

— Sim, pode! Venha o teu reino, Senhor! Faça-se a tua vontade. Peço-te que realizes tua vontade em mim, em minha esposa (esposo), meus filhos, meus entes queridos. Tua vontade vem antes de meus anseios pessoais.

Existem outros temas importantes cuja prioridade ainda vamos definir e aplicar. Vamos analisá-las a seguir. Mas continuemos a orar com desejo intenso, apresentando a Deus essa poderosa petição: "Venha o teu reino; faça-se a tua vontade."

1. Brad Young, *The Jewish Background to the Lord's Prayer* (Austin, Texas: Center for Judaic-Christian Studies, 1984).

CAPÍTULO ONZE

O Reino de Deus em Nossa Igreja e Nossa Pátria

Em 1974 conversei com Richard Wurmbrand, um judeu crente que passou três anos preso numa masmorra na Romênia, por causa de sua fé. E lhe fiz a seguinte pergunta:

— Sr. Wurmbrand, acha que os crentes daqui vão passar pelas mesmas coisas que o senhor enfrentou?

E a resposta que ele me deu deixou-me espantado.

— Não, replicou pensativo; não acho que isso está para *acontecer*; já está acontecendo. Aqui nos Estados Unidos tenho sentido uma opressão demoníaca — cujo objetivo é fazer-me apostatar — dez vezes maior do que a que senti naquela prisão.

E é verdade; uma verdade irrefutável. Nós, os crentes, fazemos parte do exército de Deus, permanentemente em guerra. Já está na hora de entendermos que o objetivo para o qual ele foi organizado é combater, e não exibir belas fardas de botões dourados e botas reluzentes. Deus nos chamou para sermos guerreiros, para sermos um batalhão ungido, a lutar pela libertação do homem, operando cura e restauração. Se fugirmos à luta perderemos a guerra, mas se lutarmos nunca seremos derrotados.

obter as bênçãos de que necessita.

E lembremos que todos os dias Deus nos pergunta:

— Posso ser seu rei?

Respondamos então com alegria:

— Sim, pode! Venha o teu reino, Senhor! Faça-se a tua vontade. Peço-te que realizes tua vontade em mim, em minha esposa (esposo), meus filhos, meus entes queridos. Tua vontade vem antes de meus anseios pessoais.

Existem outros temas importantes cuja prioridade ainda vamos definir e aplicar. Vamos analisá-las a seguir. Mas continuemos a orar com desejo intenso, apresentando a Deus essa poderosa petição: "Venha o teu reino; faça-se a tua vontade."

1. Brad Young, *The Jewish Background to the Lord's Prayer* (Austin, Texas: Center for Judaic-Christian Studies, 1984).

O Reino de Deus em Nossa Igreja e Nossa Pátria

Em 1974 conversei com Richard Wurmbrand, um judeu crente que passou três anos preso numa masmorra na Romênia, por causa de sua fé. E lhe fiz a seguinte pergunta:

— Sr. Wurmbrand, acha que os crentes daqui vão passar pelas mesmas coisas que o senhor enfrentou?

E a resposta que ele me deu deixou-me espantado.

— Não, replicou pensativo; não acho que isso está para *acontecer*; já está acontecendo. Aqui nos Estados Unidos tenho sentido uma opressão demoníaca — cujo objetivo é fazer-me apostatar — dez vezes maior do que a que senti naquela prisão.

E é verdade; uma verdade irrefutável. Nós, os crentes, fazemos parte do exército de Deus, permanentemente em guerra. Já está na hora de entendermos que o objetivo para o qual ele foi organizado é combater, e não exibir belas fardas de botões dourados e botas reluzentes. Deus nos chamou para sermos guerreiros, para sermos um batalhão ungido, a lutar pela libertação do homem, operando cura e restauração. Se fugirmos à luta perderemos a guerra, mas se lutarmos nunca seremos derrotados.

Paulo, um dos generais desse exército de Deus, nos dá a seguinte ordem: "Combate o bom combate da fé." (1 Tm 6.12.) Observemos que ele não diz: "Combata, se tiver vontade; lute, se tiver uma personalidade combativa." Não; todo crente tem que se empenhar no combate da fé. Satanás declarou guerra a nós, e ele não luta de forma limpa.

O diabo não hesita nem um pouco em atacar o crente inexperiente, inocente e indefeso, em meio a uma batalha. E nossa igreja e nossa pátria também são alvos dele, assim como nós e nossa família. Portanto, é de suma importância que aprendamos a orar diariamente a respeito dessas quatro áreas, dizendo: "Venha, reino de Deus! Faça-se, vontade de Deus!"

Já mencionamos como é que podemos estabelecer e manter as prioridades certas em relação a nós e nossa família. Agora voltemos a atenção para duas áreas estratégicas — nossa igreja e nossa pátria — e vejamos como iremos derrotar o diabo nesses dois círculos de ação.

NOSSA IGREJA

O terceiro elemento pelo qual oraremos é nossa igreja. Vamos orar pelo pastor, pela liderança; oremos para que os membros se mostrem fiéis, para que haja colheita de almas.

O *pastor*. Ao orar pelo pastor, vamos pedir a Deus que o unja, que fale ao coração dele e que o dirija. Peçamos que ele lhe dê um coração de pastor, que lhe comunique sabedoria no momento em que estiver estudando a Palavra ou orando, e que o transforme num instrumento puro, pelo qual os dons e o poder do Espírito Santo possam fluir.

A *liderança*. Ao orarmos pela liderança, devemos citar o nome de cada um. Muitas vezes, quando estamos orando por eles o Espírito Santo nos revela problemas específicos. Devemos lembrar também aqueles que atuam em setores do trabalho da igreja que nos afetam diretamente. Oremos para que Deus abençoe e fortaleça os diversos departamentos e organizações dela. Peçamos a Deus que nos ensine a aspirar espiritualmente por meio da comunhão e a expirar pelo evangelismo.

Fidelidade dos membros. Oremos para que as pessoas da igreja sejam fiéis a seus familiares, à missão que Deus confiou à nossa igreja, e fiéis também a Jesus. Supliquemos ao Espírito que eles se firmem mais e mais na casa do Senhor, para que produzam fruto, tanto como ganhadores de almas, como na

função de intercessores. Oremos para que sejam fiéis na entrega do dízimo e ofertas, e que sirvam a Deus como ele merece ser servido.

Colheita de almas. Deus me mostrou um texto de Isaías que eu poderia reivindicar quando intercedesse pela colheita de almas da igreja:

"Não temas, pois, porque *sou contigo*, trarei a tua descendência desde o *orient*e, e a *ajuntarei* desde o ocidente.

"Direi ao norte: Entrega; e ao sul: Não retenhas; trazei meus filhos de longe, e minhas filhas das *extremidades da terra*; a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que *criei para minha glória*, e que formei e fiz." (Is 43.5-7.)

Por isso, quando oro por minha igreja, dirijo-me aos principados e potestades do ar que atuam nos filhos da desobediência. (Ver Ef 2.2.) Eles detêm o poder sobre certas áreas da cidade; então falo, por exemplo, à região que fica ao norte da igreja como se me dirigisse a uma pessoa:

"Norte, aí há pessoas que Deus quer ver nesta igreja. Ordeno, em nome de Jesus, que soltes todos aqueles que devem tornar-se membros do Corpo de Cristo aqui."

Depois, falo o mesmo à região sul, à leste, e à oeste, e, no Espírito, enfrento-os cara a cara. Ordeno-lhes que larguem mão de todos — e não apenas de alguns — que Deus ordenou sejam salvos e venham para nossa igreja, e aqui se congreguem e sejam fortalecidos. Permaneço em oração até ter a revelação de que esses principados me ouviram e estão abrindo mão daqueles que me pertencem. Por intermédio do Espírito, encaro essas regiões da cidade, e desafio o inimigo a soltar as rédeas delas. Em seguida, em nome de Jesus, peço a Deus para enviar ali seus anjos para que ministrem àqueles que devem herdar a salvação. (Ver Hb 1.13,14.)

Reconheço que isso pode parecer estranho para alguns. Mas acautelemo-nos para não nos acostumarmos a rotular de hereesia todo e qualquer método de trabalho que tenha a menor discrepância em relação aos nossos; ele pode ser legítimo. Lembremos que os métodos que Jesus empregou não eram nada ortodoxos para os fariseus, que se consideravam "experts" em questões espirituais. É como disse certa vez Donald Gee, um sábio pastor e expositor bíblico inglês: "Aqueles que desejarem

julgar outros com relação a questões espirituais devem estar preparados para exibir suas credenciais: grandes experiências espirituais."¹ Infelizmente, a verdade é que muitas pessoas que condenam manifestações e experiências originadas pelo Espírito Santo tiveram pouca experiência com ele.

Quantos sabem que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre? E quantos sabem que os fariseus são os mesmos ontem, hoje e para sempre? Não sejamos ingênuos e ignorantes nas coisas espirituais. Sejam equilibrados, mas não estacionários. E agora segure-se bem aí, pois tenho outra coisa para dizer.

Certo dia quando eu estava orando intensamente no Espírito, e ordenava ao norte que soltasse todos que deviam pertencer à minha igreja, tive uma visão de um monstro enorme, negro, coberto de musgo. Tinha pelo menos uns três metros de altura, e segurava uma corrente. O demônio zombava de mim, com desprezo, e me acenava debochadamente, como que a dizer:

"É isso mesmo que você quer? Está mesmo disposto a lutar para obter o que deseja?"

Imediatamente, senti meu espírito como que erguer-se e compreendi o que Davi deve ter sentido quando enfrentou o gigante Golias. Visualizei-me enfrentando-o, afirmando que ele iria soltar todas as pessoas que o Espírito Santo estava chamando para se tornarem membros da igreja de Deus. Ele me fitou longamente, mas resisti-lhe em nome de Jesus. Daí a pouco deixou cair a corrente e afastou-se.

Mais ou menos nessa mesma ocasião, tive outra experiência. Certa manhã, quando estava falando ao norte, ao sul, ao leste e ao oeste, ordenando-lhes que entregassem as pessoas, tive uma visão de um imenso exército em marcha. Mas eram dezenas de milhares de soldados. Estavam fardados, e marchavam no compasso certinho. Muito admirado, indaguei:

— O que é isto, Senhor?

— É a sua igreja, meu filho.

Nessa ocasião nossa igreja tinha mais ou menos uns trezentos membros; então soltei uma exclamação de espanto:

— Minha igreja?

Instantes depois, Deus voltou a falar e explicou:

— Larry, quando você ora e fala ao leste para entregar as almas, está pensando apenas em cidades do Texas como Greenville ou Sulphur Springs, que ficam a menos de 75

quilômetros de distância. Mas quando eu falo em leste, penso na Alemanha, falo sobre Jerusalém. Sou o Deus de toda a terra.

Ri a valer, e achei aquilo bastante engraçado. Contei para o nosso grupo de intercessores na reunião de oração matutina, e todos rimos muito ao imaginar Deus pensando na Alemanha, quando dizíamos: "Leste, entregue as pessoas; não as retenha!"

No domingo seguinte, ao fazer o apelo após a mensagem, disse:

"Durante toda essa semana orei por vocês, e sei que há pessoas do norte, sul, leste e oeste, pois oramos para que viessem. A Bíblia diz que Deus acrescentava à igreja primitiva os que iam sendo salvos. Quantos aqui sentem que Deus os está acrescentando a esta igreja hoje? Ergam uma das mãos e depois venham aqui para eu orar por vocês."

Daí a pouco veio pelo corredor um simpático senhor de mais de um metro e oitenta de altura, acompanhado de sua esposa, uma bela senhora loura, e dois lindos garotinhos. E o Espírito de Deus sussurrou ao meu ouvido: "Pergunte-lhes de onde são."

Chamei aquele homem à parte, e indaguei:

— Poderia dizer-me, senhor, de onde vêm?

Ele só faltou ficar em posição de sentido e fazer continência.

— Sou major do exército americano. E havia dois anos estava na Alemanha. Foi então que ouvi sua fita em que mencionava essa questão de orar pelo norte, sul, leste e oeste. Nessa ocasião, Deus me disse para dar baixa no exército, mudar-me para Rockwall, e me alistar no exército que ele tem aqui.

Isso é verdade, amigos. Temos que aprender a orar e obedecer, como disse o Rev. Cho alguns anos atrás, e Deus cuidará dos detalhes. Creia-me, se em 1985 nossa igreja recebeu 4.879 novos membros, não foi porque possui um belo templo, ou uma programação muito bem organizada. Em 1986, num período de três meses, vimos cerca de 500 pessoas serem salvas aqui. E essa energia espiritual continua a aumentar. Isso não é obra de Larry Lea; é de Deus.

Então, primeiro Deus nos instruiu a que ordenemos ao norte, sul, leste e oeste que entreguem as almas. Depois peçamos ao Espírito Santo que traga essas almas a Jesus, e aos anjos que ministrem àqueles que hão de herdar a salvação. Mas também fazemos outro tipo de oração: "Senhor, não deixe que

os crentes tenham acidentes ao se dirigirem para a igreja. Não permita que nada provoque discussão entre os membros de uma família, impedindo-os de vir à igreja. Envia a tua graça àqueles que estão-se dirigindo para cá." E por último afirmamos o número de fé que Deus nos revela.

O que vem a ser isso? Quando falo em número de fé, não me refiro a uma atitude mental superpositiva, nem a objetivos criados ou instituídos por nós mesmos. Estou falando de metas inspiradas pelo próprio Espírito de Deus. É assim: o Espírito me revela um número específico de decididos que devo pedir a Deus. Comunico isso à liderança da igreja, e todos oramos para que haja esse número de decisões. Todas as manhãs, quando oramos, fazemos aliança com Deus para que esse número de novos crentes seja acrescentado à igreja.

E todos esses anos temos observado que existe uma certa correlação entre o número de intercessores fiéis, que participam de nossa reunião matutina, e da quantia levantada nos dízimos e ofertas, com o número de pessoas acrescentadas à igreja. Em 1984, por exemplo, os intercessores da reunião matutina eram em número de mais ou menos vinte. (O número de pessoas que oravam era maior, mas aqui me refiro apenas aos fiéis guerreiros da oração.) Nossos dízimos e ofertas semanais estavam em torno de \$20.000 dólares, e o número dos que entravam para a igreja a cada semana era de mais ou menos vinte pessoas.

Mas o número de intercessores aumentou, e já no meio daquele ano Deus me disse:

"Quero que tenha fé para conseguir sessenta novos membros e 60.000 dólares por semana."

Passamos a contar com sessenta intercessores fiéis, e as ofertas aumentaram para 60.000 dólares por semana e o número de novos crentes passou para uma média semanal de 60 pessoas.

E o número de intercessores continuou crescendo, e em 1985 nosso número de fé passou para 100 pessoas e \$110.000 dólares. Deus realizou essas metas, e a correlação espiritual continua. Hoje temos muitos guerreiros da oração. Há casos de famílias inteiras que vêm à igreja para a reunião matutina. E muitos membros que residem em locais mais distantes estão-se reunindo de manhã em seus lares, já que lhes seria difícil vir ao templo para isso.

Não estou afirmando que o mesmo deve acontecer em todas as igrejas. Mas se fosse você, em primeiro lugar, pediria a Deus para dar-lhe uma motivação justa. Depois iniciaria uma reunião de oração matutina na igreja, se é que ainda não a tem, dando liberdade a Deus para operar como desejasse.

A oração pela sua igreja deve ter prioridade. Ore pelo pastor, pelos outros líderes; ore para que o povo seja fiel; ore pela colheita de almas, e diga sempre: "Venha, reino de Deus! Faça-se, vontade de Deus!"

A PÁTRIA

Nosso quarto alvo de oração é a pátria. Oremos para que seus dirigentes e o presidente tenham sabedoria de Deus; para que os líderes espirituais vivam de forma sábia, sejam pessoas de oração e sejam conservados íntegros pelo poder de Deus. Aqui devemos fazer orações específicas, citando o nome de nossa cidade, do Estado e dos dirigentes da nação. Vamos interceder por nosso país; vamos pedir a Deus um avivamento espiritual.

Deus nos ordena também que oremos pela paz de Jerusalém (SI 122.6), portanto devemos orar também pelo bem da nação de Israel.

Além disso, se alguém quiser, pode pedir a Deus que coloque outro país em seu coração, como, por exemplo, nações comunistas, ou países que se acham em guerra ou com problemas de fome, e assim por diante. Deixe o Espírito Santo ampliar os limites de seu interesse e compaixão.

Até aqui, então, aprendemos a orar segundo os dois primeiros pontos da oração-modelo dada por Cristo: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu." Faltam agora mais quatro pontos.

Já deve ter dado para perceber que assim não é difícil passar uma hora em oração. Estamos aprendendo como se ora por inúmeros aspectos de nossa vida que antes nos causavam temores, preocupações e frustração. Agora, em vez de pensar: como vou *arranjar* assunto para orar uma hora? o leitor deve estar pensando: como vou orar *tudo isso só* em uma hora?

O problema até que era simples. O caso é que não sabendo direito como iríamos orar, em dez minutos esgotávamos nossas petições. Mas Jesus disse: "Portanto, vós orareis assim..." e nos deu um esquema de oração para seguirmos.

No corpo dessa oração encontramos cinco temas principais que nesses últimos dias estão sendo revitalizados na igreja de Cristo. São eles: louvor e adoração, a autoridade do reino, prosperidade, nosso relacionamento com outros e a autoridade espiritual. Todos se acham aí, no Pai Nosso, e todos em perfeito equilíbrio. O fato é que nessa oração temos tudo de que precisamos para termos uma vida plena e com toda liberdade e vitória espiritual.

QUESTÕES PARA REVISÃO

1. A..... é o leme de nossa vida (Tg 3.3-5).
2. O que é o reino de Deus? Em Romanos 14.17 lemos que "o reino de Deus não é comida nem bebida, mas , e.....e..... no Espírito Santo".
3. Quais são os quatro grandes setores nos quais o reino de Deus deve ser estabelecido?
a..... b
c..... d
4. Se não formos justos diante de Deus, nossa oração não será eficaz, pois a Bíblia afirma que "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do " (Tg 5.16).
5. O terceiro aspecto de nossa vida, em ordem de importância, é a igreja. Quais são as quatro áreas da igreja que devemos citar especificamente ao orarmos por ela?
a..... b.....
c..... d
6. Faça um lembrete para si mesmo, anotando no espaço a seguir, nomes de pessoas ou situações pelas quais sente que deve orar, ao interceder pelo quarto item de nossa lista de prioridades, a pátria.

7. Saberia citar momentos do dia quando está envolvido com atividades desnecessárias ou de menor importância, nos quais poderia estar em oração? Em caso de resposta positiva, escreva aqui que momentos são esses, e peça ao Espírito que o ajude a remir esse tempo.

ESBOÇO DE ORAÇÃO

I. Faça a declaração de fé: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade. Que ela não exista, simplesmente, mas que seja feita."

- II. Quatro setores onde o reino de Deus deve ser estabelecido:
 - A. Sua própria vida
 - 1. Certifique-se de que é justo diante de Deus.
 - 2. Peça a Jesus para que se assente no trono de sua vida e governe sobre todos os aspectos dela.
 - 3. Permaneça na presença de Deus até que ele defina os rumos de sua vida para este dia, e seu Espírito esteja operando em você.
 - B. Sua família
 - 1. Esposo/esposa
 - 2. Filhos
 - 3. Familiares
 - C. Sua igreja
 - 1. O pastor
 - 2. A liderança
 - 3. A fidelidade dos membros
 - 4. Colheita de almas
 - D. A pátria
 - 1. Cidade, Estado, dirigentes da nação
 - 2. Líderes espirituais
 - 3. Avivamento
- III. Peça ao Espírito Santo:
 - A. Para implementar essas prioridades.
 - B. Para ajudá-lo a colocá-las em prática.

Quarta Parte PROVISÃO

MATERIAL

"O pão nosso de cada dia *dá-nos* hoje."

CAPÍTULO DOZE

Alinhado com a Vontade de Deus

Difícilmente um aluno de seminário iria jantar no restaurante do Petroleum Club, de Fort Worth, Texas. Mas lá estava eu, naquele ambiente elegante, a convite de um senhor muito rico, que estava sentado à minha frente. Depois de orar, estendi a mão para pegar o garfo, mas suspendi o gesto, surpreso. O velho milionário, um distinto senhor de sessenta anos, tinha a cabeça inclinada, e pelo rosto lhe escorriam lágrimas quentes que pingavam do queixo, molhando a cara gravata de seda.

— Senhor, disse brandamente, o que há? Posso fazer alguma coisa?

Passaram-se alguns segundos sem que respondesse, tentando recuperar o controle. Mas daí a pouco, depois de respirar profundamente, ele se explicou:

— Quando eu tinha dezenove anos, Deus me chamou para ser pregador, mas não atendi. Queria fazer minha própria vontade; queria ganhar muito dinheiro. Então me recusei soltar as rédeas de minha vida.

Aqui sua voz falhou, e mais lágrimas lhe rolaram pelo rosto.

— Mas não tenho paz, disse soluçando, porque não realizei o plano de Deus para minha vida.

Não posso deixar de imaginar que essa cena que testemunhei naquele dia fosse bem semelhante a uma outra que pode ter sido vivida por um outro rico aristocrata, já no fim da vida: o homem que nos acostumamos a chamar de "o jovem rico".

Todos se lembram bem da história. Jesus se encontrava a caminho de Jerusalém, quando um jovem bem vestido se aproximou dele correndo e se atirou aos seus pés.

"Bom Mestre", disse ele, "que devo fazer para herdar a vida eterna?"

O Evangelho de Marcos registra a importante decisão que esse jovem tomou naquele instante.

"E, pondo-se Jesus a caminho, correu um homem ao seu encontro e, *ajoelhando-se*, perguntou-lhe: *Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?*

"Respondeu-lhe Jesus: *Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus.*

"Sabes os mandamentos: Não matarás, *não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra a teu pai e a tua mãe.*

"Então ele respondeu: *Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude.*

"Mas Jesus, *fitando-o*, o amou e disse: Só uma coisa *te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então vem, e segue-me.*

"Ele, *porém*, contrariado com *esta palavra*, reti-rou-se triste, porquê era dono *de muitas propriedades.*" (Mc 10.17-22. J)

O jovem rico era um bom homem, profundamente religioso, mas havia algo errado com ele. Jesus sabia o que era e colocou o dedo bem na ferida: seu amor ao dinheiro. E quando disse ao rapaz que vendesse tudo e o seguisse, sua intenção não era empobrecê-lo. Seu objetivo era fazer com que parasse de confiar em suas riquezas. Estava dando àquele homem a mais sábia orientação financeira que alguém poderia oferecer-lhe. Mas o rapaz recusou-a e foi-se embora.

Os princípios divinos acham-se em posição diametralmente oposta aos do mundo. Deus diz: "Dai, e ser- vos-á dado." Mas o mundo adverte: "Pegue tudo que puder, e guarde tudo que pegar." Mas os caminhos dos homens não são os de Deus.

Já observou como é belamente equilibrado o "Pai Nosso"? O primeiro aspecto em que devemos nos ocupar é seu nome; o

segundo é seu reino e sua vontade. Depois ele nos diz para orarmos por nós: "O pão nosso de cada dia nos dá hoje." Se buscarmos em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, as outras coisas nos serão acrescentadas. Precisamos entender que quando Jesus deu aquela resposta ao jovem rico não estava querendo fazer dele um mendigo; estava tentando romper o poder da ganância e o medo da pobreza que acorrentavam a alma dele.

A razão de viver daquele jovem rico era contar seu dinheiro à noite. Ele edificara sua vida em torno da riqueza. E há muita gente assim. Muitos associam sua sensação de segurança a coisas. Mas a verdade é que não conseguem dormir direito, nem saborear em paz seus churrascos. Deus quer libertar seus filhos desse tipo de mentalidade asfixiante.

Por tudo isso, não ficamos surpresos de saber que os quatro requisitos básicos de Deus para orarmos e obtermos as coisas de que precisamos não são aqueles que o homem natural citaria prontamente. Quais são esses requisitos? Em primeiro lugar, temos que estar alinhados com a *vontade de Deus*. Segundo, temos que crer *que a vontade dele é fazer-nos prosperar*. Em terceiro lugar, ao orarmos diariamente pelas nossas necessidades, temos que fazer petições *específicas*. E quarto, temos que ser perseverantes.

ALINHADOS COM A VONTADE DE DEUS

Para estarmos alinhados com a vontade de Deus temos de observar quatro requisitos: 1) ter comunhão com Jesus por meio da oração e da leitura da Palavra de Deus; 2) ter comunhão com a igreja de Deus; 3) ter o hábito de trabalhar, e fazê-lo de forma diligente e equilibrada; 4) obedecer a Deus no que tange a ofertar e contribuir.

Comunhão com Jesus. Para estarmos em harmonia com a vontade de Deus é essencial que mantenhamos comunhão com Cristo diariamente, por meio da Palavra e da oração. Se, à semelhança do jovem rico, uma pessoa tem uma religião mas não um relacionamento com ele, não gozará da paz de Deus, nem conhecerá seu poder e seu propósito para sua vida. Mas, se vive em comunhão com Jesus, o Espírito Santo a provê de poder, eficiência na vida cristã e forças para realizar a vontade dele. (Ver At 1.8.)

Comunhão com outros crentes. Conta-se que certa senhora foi falar com D. L. Moody após um culto, e lhe disse:

— Pastor, quero cantar no coro de sua igreja.
— De que igreja você é? Quem é seu pastor? indagou ele.

A mulher se aprumou bem, ergueu a cabeça e replicou:
— Não sou de igreja nenhuma, nem tenho pastor. Sou membro da grande igreja universal de Cristo.

Moody pensou uns instantes e depois respondeu:
— Então vá falar com o pastor da grande igreja universal e cante no coro dele.

Agindo assim, ele não estava querendo ser mal-educado com ela; apenas realista, pois a Palavra de Deus diz:

"Lembrai-vos dos vossos guias, os *quais vos* pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o *fim* da sua vida, imitai a *fé que* tiveram." (Hb 13.7.)

É vontade de Deus que nos integremos a uma igreja, e nos relacionemos ali com nossos irmãos na fé. Além disso, temos que ser leais e submissos ao pastor. A ordem é para que não abandonemos nossa igreja, mas que façamos admoestações uns aos outros. (Ver Hb 10.25.) *Fazer admoestações* significa aconselhar, instar com alguém para que siga determinado curso de ação. Não é uma bênção podermos ter comunhão com crentes que podem impulsionar-nos moralmente, incentivar-nos e compelir-nos e nos estimular à prática das boas obras?

Ter o hábito de trabalhar diligente e equilibradamente. *Outro requisito básico para estarmos alinhados com a vontade de Deus é ter o hábito de trabalhar diligente e equilibradamente.* Em suas cartas, o apóstolo Paulo dá muitas instruções acerca do trabalho. (Ver 1 Ts 4.11,13.) Ele ensina que devemos obter nosso sustento com as próprias mãos, conquistando assim o respeito do mundo lá fora, já que nos sustentamos a nós mesmos e não passamos necessidade. Paulo nos adverte que não devemos negligenciar o trabalho para passar a vida em ociosidade, intrometendo-nos na vida dos outros, em vez de nos preocuparmos com nossos próprios problemas (2 Ts 3.11,12). Aliás, ele chega a ordenar o seguinte: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma." (2 Ts 3.10.)

Em minha vivência de pastor evangélico, já percebi que os seres humanos se dividem em dois grupos: os que dão e os que pegam. Reconheço que há ocasiões em que Deus orienta um determinado crente a que viva pela fé, e aí até ele mesmo manda corvos para o alimentarem, caso seja necessário.

Entretanto, em muitos casos, quando um crente diz: "Deus me falou para viver pela fé", na verdade o que ele está querendo dizer é: "Quero viver às custas de sua fé."

Essa é uma das faces da moeda. Mas o reverso dela também constitui um problema. Existem muitos crentes que estão por aí trabalhando em dois empregos apenas para manter um certo nível social e dar aos filhos as roupas da última moda. Precisamos ser mais autênticos. Quando cantamos aquele velho hino que diz: "Depois que já estivermos lá uns dez mil anos, brilhando, como o sol..." nos esquecemos de que passados dez mil anos, os luxos, casas e jóias pelos quais negligenciamos o reino de Deus terão virado pó.

Alguns crentes parecem ser viciados em trabalho, e permitem que os cuidados deste mundo e o fascínio das riquezas sufoquem a Palavra de Deus, e o resultado é que sua vida não dá fruto. (Ver Mt 13.22.) É o orgulho, o temor, a preocupação e a insegurança que nos levam a trabalhar exageradamente. Mas depois que entendemos que nossa fonte de suprimentos é Deus, nosso Pai — e não nós mesmos, nem nosso contracheque, nem nossa poupança — então nos dispomos a fazer apenas o possível e deixar com ele o impossível.

Fidelidade na contribuição. O quarto requisito é obedecer ao mandamento de contribuir. Em Malaquias 3.10 Deus promete que, se entregarmos os dízimos à casa do tesouro, ele abrirá as janelas do céu e derramará sobre nós bênção sem medida. O reconhecimento de que Deus é nossa fonte de suprimento e a entrega da contribuição para ele operam no sentido de destruir em nós aquilo que é a raiz de todos os males, o amor ao dinheiro. (Ver 1 Tm 6.10.) Se arrancarmos a raiz dos males, não teremos em nossa vida o *fruto* do mal.

Deus promete bênção sem medida para aquele que entregar todos os dízimos à casa do tesouro. Mas, por outro lado, em Malaquias 3.8,9 ele afirma que mandará maldições sobre aqueles que roubarem dele os dízimos e ofertas. E ele não pode abençoar aquilo que já amaldiçoou. Para que recebamos as melhores bênçãos que Deus tem para nós é essencial que sejamos fiéis na contribuição.

Precisamos entender também que nessa questão de dar e receber existe uma ordem certa. Primeiro, nós damos, para que haja mantimento na casa de Deus; depois então ele abençoa a *nossa* casa. Primeiramente nós damos; depois disso é que nos

será dado. (Ver Lc 6.38.) Depois que buscarmos o reino de Deus em primeiro lugar é que todas as coisas nos serão acrescentadas (Mt 6.33). Quando damos a Deus primeiro, em vez de procurar aumentar nossos limitados recursos, estamos reconhecendo que é ele quem nos dá tudo. Lembremo-nos sempre de uma coisa: se não estivermos observando esse princípio básico que rege a prosperidade material não podemos suplicar as bênçãos de Deus.

Mas precisamos obedecer a Deus também quando ele nos pede algo extra, que não tínhamos planejado dar. Aprendi isso por meio de uma experiência dura. Talvez alguém possa tirar uma lição do erro que cometi.

Certa vez fui á índia para fazer uma campanha evangelística. Estava com 24 anos e já era casado. Durante a campanha, orei por uma jovem de 17 anos que havia dez anos estava cega, e ela foi curada instantaneamente. Por causa desse milagre, todo o povoado se rendeu a Deus.

Tive oportunidade de pregar em diversos povoados cujos habitantes nunca tinham ouvido a pregação do evangelho. Certo dia, quando viajava por uma estrada poeirenta, o Espírito Santo me disse: "O que você faria se eu lhe dissesse — como Jesus disse para o jovem rico — para vender tudo que tem? Você venderia e daria o dinheiro para missões?"

E apressadamente respondi:

"Senhor, eu faria qualquer coisa que me ordenasses."

(Deixe-me dar um conselho ao leitor: nunca prometa a Deus que irá fazer tudo que ele disser, a não ser que esteja realmente disposto a fazê-lo.)

Pensei que ia ser uma experiência semelhante a que Abraão teve a respeito de Isaque, em que Deus apenas me poria à prova, para ver se estava realmente disposto a obedecer, e depois esqueceria o caso. Mas não foi. Ele me disse:

"Volte para casa e faça isso."

Nessa ocasião, John Aaron era pequenino, e nós morávamos num minúsculo apartamento. Num dos apartamentos do andar inferior moravam sete estrangeiros que residiam ilegalmente no país. Isso é para mostrar que a casa não era nada de especial. Estávamos trabalhando para uma igreja, e só possuíamos uma cama, um sofá, \$200 dólares na poupança, e um Pontiac tão velho que nem valia a pena gastar dinheiro para consertá-lo.

Mas quando Deus me pediu para vender tudo que possuía e dar o dinheiro para missões, descobri que as pessoas que não têm nada podem ser tão apegadas às suas coisas como as que têm tudo.

Quando contei a Melva o que Deus me dissera na Índia, ela não sentiu a confirmação de Deus. Aliás ela disse positivamente:

"Não creio que isso seja de Deus, Larry. Vamos orar um pouco mais."

Então, em vez de obedecer a Deus, ficamos a orar um pouco mais, e enquanto isso me matriculei no seminário. Mas pouco depois adoeci, física e emocionalmente, e durante seis meses senti uma depressão tão profunda, que quase não suportei.

Certo domingo, pela manhã, estava-me sentindo muito mal, e não fui ao culto. Fiquei em casa assistindo ao programa do evangelista James Robison, na televisão. De repente, ele deu uma virada brusca, apontou direto para a câmera, e disse com veemência:

"Há um homem assistindo ao nosso programa que deseja ser um profeta de Deus. Deus já lhe disse o que é para você fazer, amigo, e ainda não lhe obedeceu. Enquanto não fizer o que Deus ordenou, vai ficar em casa doente."

E ao dizer isso apontava em minha direção seu dedo fino e comprido, que parecia varar a tela e vir diretamente para mim. Então, você já sabe o que fiz no dia seguinte. Aluguei um reboque grande, e coloquei nele tudo que tínhamos em casa. Quando saía, encontrei-me com meu sogro que chegava. (O leitor naturalmente ainda está lembrado dele e da "bela" impressão que lhe causei na primeira vez que nos vimos.) Procurando esforçar-se muito para ficar calmo e não se envolver emocionalmente, ele enfiou as mãos no bolso e indagou:

— O que está fazendo, meu filho?

— Estou colocando nossos móveis nesse reboque, para vender tudo e enviar o dinheiro para a Índia.

Ele arregalou os olhos, e tossiu.

— O que foi que disse?

Mas eu já tinha tomado a decisão. Estava cansado de resistir àquela ordem que Jesus me dera. Melva chorou um pouco, enquanto me ajudava a arrumar as coisas — bendita seja! — mas obedecemos.

Não foi fácil. Durante alguns dias, eu, minha esposa e filho dormimos no chão. Mas, antes que alguém comece a abanar a cabeça e a resmungar: "Que fanatismo!";, espere que eu lhe conte o resto da história.

Dois anos depois, quando ainda estávamos trabalhando no ministério daquela mesma igreja, fizemos o último pagamento de uma casa grande e bela. E isso aconteceu de modo sobrenatural. Por quê? Porque Deus diz: "Dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão." (Lc 6.38.) E essas palavras constituem a melhor descrição da maneira como Deus tem provido abundantemente a mim e a minha família em todos esses anos.

E se alguém estiver com dúvidas a respeito de meu relacionamento com meu sogro, devo esclarecer que temos grande amor e respeito um pelo outro. Ele e a esposa mudaram-se para Rockwall, para ficarem mais próximos de nós e de seus netos, e os dois conquistaram um lugar especial no coração dos membros de nossa Igreja Sobre a Rocha.

Tudo é muito simples. Na verdade, esses requisitos para se estar alinhado com a vontade de Deus podem ser resumidos em um só elemento: o senhorio de Jesus Cristo em nossa vida. Quando Jesus é o nosso Senhor, temos comunhão com ele pela Palavra e pela prática da oração. Também temos comunhão com sua igreja. Teremos o hábito de trabalhar diligente e equilibradamente, e seremos fiéis na contribuição. Quem já se propôs cumprir esses requisitos básicos pode confiar em que Deus suprirá todas as suas necessidades.

Essa é a primeira condição para orarmos solicitando a provisão divina. Existem mais três. E enquanto as analisamos aqui, sugiro ao leitor que vá fazendo uma auto-análise, e tentando descobrir possíveis pontos fracos relacionados com essa questão, para que possa fortalecê-los e estar em condições de orar com mais eficácia: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje."

CAPÍTULO TREZE

Satisfazendo as Condições de Deus

Meu pai adquiriu fortuna trabalhando no ramo de petróleo e gasolina, no Texas. Então fui criado em meio a muito luxo. Mas como as coisas materiais realmente nunca me satisfizeram o coração, tornei-me reacionário contra as riquezas, e formei o conceito de que toda pessoa que possui dinheiro e bens materiais não poderia ter um coração reto diante de Deus.

Mas quanto mais eu estudava a Bíblia, mais via que ela desmentia essa minha maneira de pensar. Quando abria a Palavra, achava que ia encontrar nela a descrição de um bando de gente pobre, de hábitos ascetas. Mas o que vi foi um Abraão muito rico (Gn 24.35). Vi também os relatos sobre seu filho Isaque que, numa ocasião em que havia fome na terra, semeou e colheu na base de cem por um, e prosperou incrivelmente (Gn 26.1; 12.14). Depois, ao estudar a vida do Rei Davi e de Salomão, seu filho, tive que ficar abanando a cabeça abismado com a volumosa riqueza que possuíam.

Mais adiante li a respeito de Jó e de como ele perdera tudo que tinha e então pensei: "Agora estamos seguindo no rumo certo." (Mas em Jó 42.10 vi que Deus mudou a sorte dele, e lhe deu o dobro do que ele tivera antes.)

E li também as palavras de Moisés em Deuteronômio 8.18:

"Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas; para confirmar a sua aliança."

Em seguida, passei ao Novo Testamento e vi as promessas de Jesus:

"Dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também." (Lc 6.38.J)

E encontrei também a aliança que ele faz com aqueles que sacrificarem tudo por amor do evangelho:

"Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e no mundo por vir a vida eterna." (Mc 10.29,30.)

Foi então que descobri a segunda condição que Deus estabelece para que busquemos em oração a sua provisão material. Precisamos crer que é vontade dele fazer- nos prosperar.

CRER QUE DEUS QUER NOS TORNAR PRÓSPEROS

Onde foi que arrumamos a idéia de que foi Jesus quem veio ao mundo para matar, roubar e destruir? "A bênção do Senhor enriquece, e com ela não traz desgosto." (Pv 10.22.) E Paulo nos comunica a seguinte promessa: "É o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades." (Fp 4.19.)

É verdade que alguns crentes destacam esses textos relacionados com a prosperidade material e assumem uma atitude egoísta de busca de enriquecimento. Mas esse erro não anula a promessa divina. Nosso Pai deu essas promessas aos seus filhos fiéis que desejarem essa bênção para poderem auxiliar os necessitados.

"Deus pode fazer-vos abundar em toda graça (bênçãos e benefícios terrenos), a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra (já que possuindo o suficiente, não precisais de auxílio)... Ora, aquele (Deus) que dá semente ao que semeia, e pão para alimento, também suprirá e aumentará (Vossos recursos para a) vossa sementeira, e multiplicará os frutos da vossa justiça (que se manifesta em bondade e caridade); enriquecendo-vos em tudo para toda a generosidade." (2 Co 9.8,10,11.)

A bênção que Deus nos dá não tem por objetivo levar-nos a derrubar os velhos celeiros e construir armazéns maiores. As vezes os crentes entendem mal os propósitos da bênção divina, confundem tudo, e acabam-se dando mal.

Deus sabe que necessitamos de dinheiro. Você ficaria espantado se eu lhe dissesse que o assunto de que mais se fala

na Bíblia é dinheiro? As Escrituras estão cheias de instruções sobre como se ganha, se guarda, se administra o dinheiro, e de como se contribui. É que Deus quer que seus filhos sejam doadores e não receptores; que sejam a cabeça, e não a cauda; que emprestem, e não que peçam emprestado.

Se você ainda não está obedecendo ao mandamento de Deus para dar o dízimo, por que não começa a fazer isso agora? Não aja como o jovem rico que se retirou dali muito triste. Consagre tudo a Jesus e veja como ele vai repreender o devorador. Afaste as dúvidas. Creia que é vontade de Deus fazê-lo prosperar, e depois aproprie-se das promessas dele com relação ao suprípio de suas necessidades. Peça-lhe diariamente a porção que lhe cabe e que é necessária para que se realize o plano de Deus para sua vida.

Então, vejamos. O que já analisamos até aqui? Primeiro, vimos que, para suplicarmos em oração a provisão divina, temos que estar em harmonia com a vontade de Deus. Em segundo lugar, temos que crer que a vontade de Deus é tornar-nos prósperos. São condições básicas para que peçamos em oração aquilo de que precisamos. Mas elas estariam incompletas sem mais duas condições. Temos que fazer petições específicas e ser persistentes.

FAZER PETIÇÕES ESPECÍFICAS

O terceiro passo desse processo de orar pedindo a provisão divina é fazer pedidos específicos. Você apresenta petições específicas ou simplesmente espera que ele lhe envie as bênçãos que deseja? Jesus ensinou que devemos orar nos seguintes termos: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje." Por aí vemos que é certo orar diariamente pelas coisas de que temos necessidades.

No relato de Lucas 11, logo depois que Jesus ensina o "Pai Nosso" aos discípulos, relata uma parábola que ilustra a importância de fazermos petições específicas. Preste bastante atenção nessas palavras.

"Disse-lhes ainda Jesus: Qual dentre vós, *tendo* um amigo e este *for* procurá-lo à *meia-noite* e *lhe* disser: Amigo, empresta-me três pães, *pois* um meu amigo, chegando de viagem, *procurou-me*, e eu nada tenho que *lhe oferecer*." (Lc 11.5,6.)

Percebeu? Observou que aquele homem pediu ao amigo "três pães"? Portanto, quando dissermos "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje", devemos fazer petições específicas.

Suponhamos que, de acordo com seu orçamento, você precise dispor de mais de \$400.000 dólares mensais para atender a todos os seus compromissos. Ficaria nervoso e ansioso? Pois é esse justamente o meu caso; mas não me preocupo com isso. Sabe por quê? Porque temos um grupo de mais de mil membros da igreja, que todos os dias, pela manhã, está pedindo a Deus, especificamente, essa quantia.

Primeiramente, vamos orar de forma específica em favor da casa do Senhor, e depois, da mesma forma, oraremos pelas necessidades de nossa casa. Após plantar nossas sementes financeiras no reino de Deus, sendo fiéis a Deus e à nossa igreja, podemos, com toda confiança, orar ao Senhor com relação às nossas necessidades específicas.

SER PERSISTENTE

Em Lucas 18.1-8, encontramos o registro da parábola do juiz iníquo e da viúva que incessantemente lhe pedia: "Julga a minha causa contra o meu adversário." E esse juiz, que não temia a Deus, atendeu ao pedido da mulher simplesmente por causa da perseverança dela. E Jesus dá ênfase à questão da persistência ao concluir dizendo: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?" (V. 7.)

Precisamos de muita persistência e de uma firme tenacidade se quisermos recuperar aquilo que Satanás, nosso adversário, roubou de nós. Mas há muitos crentes hoje que não estão cientes desse fato. Ficam procurando "atalhos" espirituais. É verdade que pode haver situações em que podemos pedir e receber na mesma hora. Mas há outras também em que teremos de interceder fervorosamente. Há muitos problemas e situações em que é necessário orar com perseverança para obter a vitória.

Em seu valioso livro *The Art of Intercession* (A arte da intercessão), Kenneth Hagin, conhecido apóstolo da fé, que tem passado inúmeras horas em intercessão, insiste com os crentes a respeito dessa questão. Diz ele:

"É nesse ponto que algumas pessoas erram. Não ouvem tudo que se ensina; apreendem apenas uma parte do que se diz e se agarram àquilo para a vida

prática. É verdade que existem algumas situações às quais podemos aplicar a oração da fé — oramos uma só vez, e pronto. Não precisamos mais orar pelo problema; agora é só agradecer a Deus pela resposta. Mas existem outras pelas quais não podemos fazer apenas a oração da fé... Nesses casos, será preciso que reavivemos a arte da oração intercessória, para que Deus realize aquilo que deseja."¹

É possível que a resposta demore a chegar, mas sejamos persistentes. Assim que Deus ouve a oração da fé, já inicia a resposta. (Ver Dn 10.12-14.) Se a resposta demora, vamos continuar a manter a petição no coração.

Sustentemos esse peso firmemente, sem nos desalentar. Não desanimemos, nem desistamos de continuar na intercessão, pois quem desiste não recebe a resposta que Deus já havia preparado para ele.

Na oração podem ocorrer "abortos". Uma resposta que já foi gerada no Espírito pode abortar, se perdermos a confiança, e nos recusarmos a esperar em Deus.

A versão ampliada da Bíblia² coloca o texto de Mateus 7.7 da seguinte maneira: "Continue a pedir, e lhe será dado; continue a buscar, e encontrará; continue a bater na porta, e ela lhe será aberta." Jesus contou uma parábola onde ensina que devemos "orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1). Lembremos que Deus é galardoador dos que o buscam (Hb 11.6).

Resumindo: para nos apropriarmos da provisão de Deus, primeiro temos que estar alinhados com a vontade de Deus. Depois, temos que crer que a vontade dele é fazer-nos prosperar. Em seguida temos que fazer petições específicas, e ser persistentes em oração. Foi dessa maneira que Jesus nos ensinou a esperar e receber a provisão de Deus.

QUESTÕES PARA REVISÃO

1. Leia as afirmações abaixo e marque com um V as que reconhece serem verdadeiras, e com F as falsas.
() Para obtermos através da oração as coisas de que necessitamos precisamos estar alinhados com a vontade de Deus.

²Uma versão da língua inglesa. NT

- () Para estarmos alinhados com a vontade de Deus é essencial que tenhamos comunhão com Jesus pela oração e pela leitura e estudo da Palavra de Deus.
 - () Se estivermos alinhados com a vontade de Deus, desejaremos relacionar-nos com nossos irmãos na fé, frequentando uma igreja e sendo submissos ao pastor.
 - () Quem deseja fazer a vontade de Deus deve ter o hábito de trabalhar diligente e equilibradamente.
 - () Deus ensina que devemos cuidar dos interesses de nossa própria casa primeiro. Depois, se sobrar alguma coisa, devemos ajudar a cuidar dos interesses do reino dele.
 - () Para nos apropriarmos da provisão material de Deus é importante que creiamos que a vontade dele é fazer-nos prosperar.
 - () Deus sabe tudo de que necessitamos antes mesmo que lho peçamos. Portanto, não é preciso que oremos todos os dias mencionando especificamente as coisas de que necessitamos.
 - () Ao pedirmos coisas a Deus, basta fazê-lo apenas uma vez. Se for da vontade dele que a recebamos, ele a dará sem que precisemos insistir no pedido. () A Palavra de Deus contém amplas evidências de que Deus quer abençoar seu povo.
2. Para nos apropriarmos da provisão material de Deus para nós é importante que estejamos alinhados com a vontade dele, creiamos que é sua vontade tornar-nos prósperos, que façamos diariamente petições específicas daquilo que necessitamos, e que sejamos persistentes em oração.
- a) Cite duas dessas condições acima, nas quais reconhece que está fraco.

b) O que pode fazer para corrigir essa falha?

ESBOÇO DE ORAÇÃO

I. Estar alinhado com a vontade de Deus.

A. Peça ao Espírito Santo que o ajude a cultivar a comunhão com Cristo através da prática diária da oração e do estudo da Palavra.

- B. Ore a Deus pedindo-lhe que o integre a uma igreja, tornando-o membro ativo, contribuinte e saudável desse corpo.
 - C. Examine a forma como trabalha. Será que é preguiçoso, ou é "viciado" em trabalho? Peça a Deus que lhe dê capacidade, eficiência, força e equilíbrio nessa área.
 - D. Examine a forma como contribui. Está obedecendo a Deus e entregando à casa do tesouro os dízimos e ofertas? Ou quem sabe é mesquinho, avarento, e não sabe administrar corretamente seu dinheiro? Sempre paga suas contas, e tem a reputação de ser uma pessoa honesta, que cumpre seus compromissos? Ore a respeito dessas coisas.
- II. Creia que é vontade de Deus fazê-lo prosperar.
- A. Memorize textos bíblicos tais como Lucas 6.38 e Filipenses 4.19 e transforme-os em declaração de fé, ao orar pela provisão material.
 - B. Medite na Palavra de Deus até que esteja plenamente convencido de que é da vontade de Deus abençoá-lo.
- III. Faça petições específicas.
- A. Apresente diariamente ao Senhor suas necessidades.
 - B. Substitua a preocupação pela oração.
- IV. Seja persistente.
- A. Recupere o terreno perdido que o diabo lhe roubou. A incredulidade e o desânimo têm-lhe subtraído respostas de oração. Faça novamente essas petições a Deus, e continue a pedir até receber a resposta.
 - B. Dê graças a Deus porque ele é *feová-jiré*: ele vê aquilo de que você necessita bem antes da hora, e faz provisão para a solução do problema.

Quinta Parte

PESSOAS

"E *perdoa-nos as* nossas
dívidas, assim como nós
temos perdoado aos nossos
devedores."

CAPÍTULO QUATORZE

Um Bom Relacionamento com Todos

"Comigo você não joga mais basquete!" disse-me o técnico da escola enquanto me conduzia para fora da quadra.

Pela expressão de cólera que via em seu rosto e pelo tom firme de sua voz, percebi que aquilo não era uma simples ameaça; era uma decisão irrevogável.

Por que ele não quisera ouvir o meu lado? Fora o outro garoto quem dera o primeiro soco. E por que não me suspendia por um ou dois jogos, em vez de me tirar logo do time? Essas indagações ficaram a passar-me na mente pelo resto do ano, todas as vezes em que estava sentado no banco. Mas me consolava ao lembrar que quando passasse para o primeiro ano do segundo grau teria outro técnico.

Mas isso não aconteceu. No mesmo ano em que passei para o segundo grau, o técnico passou a dirigir o time dessas turmas também. E foi assim que tive de ficar no banco durante toda a temporada de jogos no primeiro ano e no segundo. Afinal,

houve uma mudança, veio um novo técnico, e pude jogar de novo. Mas o mal já estava feito. A essa altura, profundas raízes de amargura haviam sido plantadas no solo de meu coração.

Muitos anos depois, quando eu já estudava no seminário, o Senhor tocou nessa amargura, e escrevi uma carta para aquele homem pedindo-lhe perdão pela mágoa que guardara dele durante todos aqueles anos.

Por que foi necessário que pedisse perdão a ele? Nós, os crentes, estamos num processo de amadurecimento espiritual, para nos tornarmos adultos em Deus. E aprender a perdoar uns aos outros é parte desse processo, pois nosso relacionamento com o próximo afeta nossa comunhão com Deus. Deus não dará seu perdão àqueles que se recusarem a perdoar aos seus devedores. (Ver Mc 11.25,26.)

Se marido e mulher aprenderem a dizer um ao outro: "Estou arrependido do que fiz; perdoa-me", o relacionamento entre eles irá melhorar a cada dia. Mas se não agirem assim, o casamento acabará. E isso se aplica a qualquer tipo de relacionamento; aprender a perdoar é essencial ao nosso amadurecimento espiritual.

Deixe-me fazer-lhe uma pergunta pessoal. Quando você se lembra de determinadas pessoas, sente seu coração como que toldado por uma nuvem escura? Pois é preciso que entenda que Deus usa as ofensas de outros contra nós para ensinar-nos a perdoar. E só conseguiremos perdô-los depois que compreendermos que nós fomos perdoados. Sabendo que fomos perdoados, por amor a Jesus perdoamos outros. Está vendo por que o perdão é um elemento muito importante para nossa libertação, gozo e vitória espiritual?

Em conexão com esta petição: "E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores", há uma série de medidas que precisamos tomar para que nos relacionemos bem com todo mundo.

PEDIR QUE DEUS NOS PERDOE

Muitas vezes quando agradecemos a Deus pelo sangue que Jesus verteu por nós, o Espírito Santo aponta algum pecado que precisamos confessar. Então, no momento em que oramos "Perdoa-nos as nossas dívidas..." devemos pedir a Deus que sonde nosso coração. Se percebermos que abrigamos pecados que não foram confessados, é hora de confessá-los a Deus, suplicando-lhe o cumprimento da promessa de 1 João 1.9: "Se

confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça."

O vocábulo que aqui nesse texto tem o sentido de *confessar* significa "falar a mesma coisa que". Quer dizer, temos que concordar com o que Deus afirma acerca de nosso pecado e nos dispor a abandoná-lo.

Mas quando Jesus fala em dívidas nesse trecho do "Pai Nosso" não se refere apenas aos nossos pecados pessoais. Esse termo se aplica também aos débitos e obrigações morais que contraímos em nosso relacionamento com outros. Isso nos leva à segunda medida que devemos tomar para termos um bom relacionamento com todos que nos cercam.

PERDOAR NA MESMA MEDIDA QUE DESEJAMOS SER PERDOADOS

Vamos analisar por uns instantes a pergunta que Pedro fez a Jesus: "Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim que eu lhe perdoe? Até sete vezes?" O que você teria respondido?

Pois vejamos o que Cristo respondeu: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete." (Mt 18.21,22.) O que ele estava querendo dizer com isso? Queria ensinar que devemos perdoar os outros todas as vezes que nos ofenderem. E por que ele faria uma afirmação dessas? Porque ele está pronto e disposto a perdoar-nos todas as vezes que pecarmos.

Em seguida, Jesus narrou uma parábola que encerra ensinamentos importantíssimos sobre o perdão. É uma história muito conhecida, encontrada em Mateus 18.23-35, que contém muitas revelações sobre o perdão.

Primeiramente, por meio dessa parábola, Jesus ensina que Deus perdoou nosso grande débito de pecado — uma dívida tão vultosa que nunca teríamos condições de pagá-la. O servo mencionado na parábola devia ao rei 10 mil talentos, equivalente a 60 milhões de denários. Mas o rei o perdoou e cancelou sua fabulosa dívida.

Mas a história não termina aí. Um colega deste servo também tinha com ele uma dívida de cem denários. Mas este decidiu que não lhe perdoaria a dívida. E acabou por lançá-lo na prisão. Que verdade Jesus ensina aqui? A de que nossa dívida com Deus é muito maior do que a que outras pessoas possam ter conosco, e que, quando nos recusamos a perdoar outrem, estamos colocando-o numa prisão.

E quando o rei ficou sabendo do que acontecera, dirigiu ao servo que ele havia perdoado uma das perguntas mais incisivas dentre as que aparecem no Novo Testamento; pois é a pergunta que Deus faz a todos nós: "Não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?" (V. 33.) Isso quer dizer que ao perdoarmos devemos fazê-lo na mesma proporção que Deus perdoa.

Assim que compreendermos o quanto nós fomos perdoados por Deus, poderemos perdoar liberalmente a outros. Se alguém tem dificuldade em perdoar outros, peça que Deus lhe dê uma revelação do Calvário e do preço que seu Filho pagou ali, para que fôssemos perdoados.

E Jesus conclui a parábola falando da cólera do rei contra o servo incompassivo, entregando-o aos verdugos. Qual é a lição? Se não perdoarmos, Deus nos entregará a verdugos — torturadores — até que nos decidamos a perdoar outros.

É bom ficarmos cientes logo de uma coisa. Se não perdoarmos àqueles que nos ofendem, viveremos sempre com recordações angustiosas e sob opressão demoníaca, até que os perdoemos e os libertemos. Se não perdoarmos, continuaremos atormentados, mesmo que os melhores homens de Deus orem por nós, unguindo-nos com azeite. Por quê? Porque só poderemos ser libertos depois que tomarmos a decisão de perdoar.

TER UMA ATITUDE CORRETA PARA COM OUTROS

Como podemos ter uma atitude correta para com outros, quando sabemos que há pessoas ao nosso redor, como urubus, desejando que falhemos? O termo hebraico que em nossas bíblias é traduzido como "inimigo" significa "observador" — alguém que nos observa com o intuito de criticar. Parece que sempre há pessoas por perto, de olho em nós para ver se damos um passo em falso, prontas a apontar nossas falhas. Então, como é que se mantém uma atitude correta em relação a tais pessoas?

O segredo para se ter uma atitude correta é estar precavido. Não devemos esperar que o inimigo já esteja em nossos calcanhares para só então pensar em como reagiremos ao ataque. Todos os dias, antes de sairmos de casa, tomemos a decisão firme de agir sempre com amor e perdoar a todas as provocações daqueles que por acaso nos ofenderem. Vamos tomar a decisão de não permitir que o rancor nos roube a paz,

o gozo e a vitória. O simples fato de tomarmos essa decisão pode poupar- nos muitas tristezas. Como é que sei disso? Porque deixei que o rancor me dominasse, e não foi nada bom.

Depois que eu e meu colega Jerry Howell fomos batizados com o Espírito Santo na Faculdade Batista de Dallas, nossa situação ficou um tanto quanto delicada. É que no nosso dormitório havia mais 430 pregadores, todos batistas, e a maioria não gostou muito do que se havia passado conosco. Não que eu e Jerry andássemos pela escola divulgando nossa experiência ou afirmando que era a mais importante doutrina teológica. A bem da verdade, o que estava bem claro é que nós havíamos recebido uma bênção maravilhosa e muito gratificante, e alguns se irritaram com isso.

Certo dia, um colega, que era considerado o líder espiritual da faculdade, resolveu ter uma confrontação comigo. Ele tinha 35 anos; eu, 21; tinha mais de dois metros de altura, e eu não chegava a um metro e oitenta. Ele pesava cerca de 120 quilos, e eu mal fazia a balança chegar a 60. Graças a Deus que nosso confronto foi verbal e não físico.

Então o rapaz se aproximou de mim com o cenho franzido e grunhiu:

— Larry, se você impuser as mãos e orar por mais alguém aqui, vou orar a Deus para que ele corte seus braços no cotovelo.

Naquele instante, Deus me deu uma calma imensa, e pude colocar a mão em seu ombro e dizer:

— Entendo seu ponto de vista, fulano, mas será que não podemos ser irmãos?

Mas quando me afastei, minha mente foi invadida por uma avalanche de coisas que eu poderia ter-lhe dito. Então minha paz tranqüila como um rio virou uma agitada corredeira. Que raiva senti naquele momento! (Mas dizia para mim mesmo apenas que me sentia ofendido, uma expressão mais branda para disfarçar o que estava sentindo: ódio mesmo.)

Então fiz o que ninguém deve fazer se quiser esquecer uma ofensa recebida. Primeiro, *praguejei*. Fiquei resmungando sozinho, para mim: o que esse cara está pensando de vir falar assim comigo? Quem ele pensa que é? Dá um jeito nele, Senhor!

Eu ainda não tinha aprendido que Deus às vezes permite que sejamos ofendidos para que amadureçamos mais. Então o passo seguinte não foi melhor que este: alimentei a mágoa. Deixei aquela pequena ofensa se enroscar em meu colo e se

tornar uma companhia constante; acalentei-a; alisei-a; alimentei-a; e não deu outra: ela cresceu.

Depois revivi-a. Fiquei a examiná-la em todas as suas cores e ângulos, dando "replays" e "câmaras lentas", repassando-a mentalmente. Ah, e até fiz uma edição melhorada, para que, intensificando a ofensa que sofrera, eu me agigantasse a meus próprios olhos.

Quando afinal me cansei de tantas reprises, e estava desejoso de seguir em frente, vi que ela agora estava bem crescida e me acompanhava por toda a parte. Não adiantava nada ignorá-la; não desaparecia. Tentar expulsá-la de minha mente também não dava resultados. Como será que iria libertar-me daquela coisa odiosa?

Por fim encontrei a solução. Dispus d *ela*. Entreguei-a a Deus. Confessei-a a ele e a abandonei. Humilhei-me diante de Deus e busquei seu perdão, purificação e forças.

Sabe o que Deus fez? Ele inverteu a situação. Virou a coisa ao contrário, e um fato que poderia ter sido meu túmulo, acabou-se tornando um degrau para a vitória e maturidade.

Lemos em Romanos 4.25 que Jesus "foi entregue (à morte) por causa das nossas transgressões", não apenas pelos pecados que os outros cometem contra nós, mas também pelos que nós cometemos contra ele. O Calvário se resume numa coisa: perdão. Portanto, "sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou" (Ef 4.32).

Quando perdoamos a quem nos ofende, entregamos essa pessoa nas mãos de Deus. Largamos mão da ofensa; deixamos que desapareça, abrindo mão de nosso direito de revidar. Quando agimos assim criamos condições para gozarmos experiências sobrenaturais. A paz de Deus, que excede todo entendimento, guarda nossa mente, e depois disso o próprio Deus, na hora certa, e à sua maneira, se encarrega de fazer a retaliação.

Faz alguns anos, trabalhei sob a liderança de um determinado pastor que parecia estar disposto a me destruir. Estava sempre me observando com um olhar crítico, e fazia tudo para me deixar mal aos olhos dos outros.

Certo dia, durante uma reunião de todo o grupo, ele disse:

— Aqui neste grupo de obreiros não queremos crápulas.

Em seguida, dirigiu-me um olhar feroz e disse num vozeirão:

— Larry, fique de pé.

Não tinha a mínima idéia do que estava-se passando, mas fiquei de pé, com movimentos lentos. Virando-se para os outros colegas, ele explicou:

— Alguns dias atrás, fomos jantar fora com várias pessoas da igreja, e Larry saiu dali sem pagar sua conta. Quero dizer agora que não vamos admitir aqui pessoas que saem de um restaurante sem ter pago a refeição.

Senti meu coração bater com força. Esforcei-me muito para manter a calma. Eu não tinha saído sem pagar. É que um empresário, um membro da igreja que estava conosco, me cochichara ao ouvido:

"Sei que já está passando da hora de você gravar seu programa de televisão. Pode ir que vou pagar sua conta."

Agradei-lhe e saí. Estava totalmente inocente das acusações daquele homem. Além disso, onde eu fui criado, era uma grave ofensa chamar alguém de desonesto. Mas naquela manhã eu tinha estado orando, louvando a Deus e gozando da bênção do Espírito, e ele não deixou que abrisse a boca para me defender. Então fiquei parado, sem dizer palavra, até que ele terminou, depois de haver dito tudo que desejava, e me mandou sentar. Assim que a reunião se encerrou, fui para o meu gabinete, orei pelo caso, perdoei aquele homem e entreguei-o a Deus.

Não demorou muito, o homem que havia pagado minha conta ficou sabendo desse constrangedor incidente. (E por ironia ele era um homenzarrão muito maior que eu, e bem mais nervoso também.) Foi ao gabinete daquele membro do grupo, e lhe relatou, em termos bem claros, o que tinha acontecido no restaurante.

Cinco minutos depois, aquele homem que me acusara estava em meu gabinete pedindo desculpas, o rosto branco como cera. Aceitei seu pedido, e não guardei nenhuma mágoa contra ele, já que, alguns dias antes havia decidido perdoá-lo e entregá-lo a Deus. E assim que tomara essa decisão, criara condições para receber uma bênção sobrenatural. E o que acontecera fora que Deus viera em minha defesa, como prometera em sua palavra: "Mas não tenham medo daqueles que ameaçam vocês. Porque está chegando a hora quando a

verdade será revelada: as tramas secretas deles se tornarão informações públicas." (Mt 10.26 — BV.)

E em Isaías 26.3, temos outra promessa: "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti." Não nos preocupemos com as ofensas dos outros. Apoiemo-nos em Deus, firmemo-nos e confiemos nele, e ele virá ao nosso auxílio, para nos socorrer, nos firmar e nos confortar.

Neste momento, o Espírito de Deus está repreendendo o espírito de raiva, desforra e rancor que tem dominado sua vida. Você poderá, se quiser, continuar praguejando, alimentando e rememorando as ofensas, ou então pode dispor delas agora mesmo, em oração, permitindo que Deus inverta a situação. Lembre-se de que somos nós quem tomamos a decisão de perdoar, pois o perdão é um ato da vontade, e não uma reação emotiva.

Temos que tomar a decisão de como vamos reagir diante desses testes a que somos submetidos, com a permissão de Deus. Como será sua reação para com eles? Ela poderá fazer dessas experiências uma lápide ou um degrau para a maturidade. A decisão é com você. Tome a decisão certa!

QUESTÕES PARA REVISÃO

1. Veja a seguir algumas afirmações sobre o perdão. Marque com um V as que são verdadeiras, e com um F, as falsas. () Deus usa as ofensas dos outros contra nós para ensinar-nos a perdoar.

() O perdão é um fator muito importante para obtermos vitória espiritual, liberdade e gozo. () Uma atitude rancorosa é empecilho para não recebermos respostas de oração. () Quando João nos diz para confessarmos nossos pecados (1 Jo 1.9), está ensinando que devemos concordar com o que Deus diz acerca deles, e diz também que temos de abandoná-los. () Jesus disse a Pedro que ele devia perdoar um irmão que pecasse contra ele, mas não seria preciso fazê-lo mais do que sete vezes. () O débito de pecados que temos contra Deus é maior do que as dívidas que aqueles que nos ofendem contraem conosco.

() Quando nos recusamos a perdoar uma pessoa, nós a colocamos numa prisão espiritual. () Se não perdoarmos os nossos devedores, Deus nos entregará a verdugos (torturadores), até que resolvamos fazê-lo.

2. Nas linhas abaixo, escreva resumidamente o que temos de fazer diariamente para mantermos uma atitude de perdão.

3. O que você acha da seguinte afirmação: "O perdão é um ato da vontade e não uma reação emotiva"?

ESBOÇO DE ORAÇÃO

- I. Peça a Deus que o perdoe.
 - A. Resolva a questão dos seus pecados: reconheça-os, confesse-os. Peça ao Espírito Santo que lhe revele os aspectos de sua vida que não estão agradando a Deus.
 - B. Confesse seu pecado. Concorde com o que Deus afirma a respeito deles. Peça-lhe que o ajude a odiar seus pecados, mas odiar mesmo, e que o liberte do domínio deles. Louve seu nome, *Jeová-m'kadesh*, "o Senhor que vos santifico".
 - C. Não permita que se alojem em seu coração sentimentos de autocondenação. Lembre-se de que você é a justiça de Deus em Cristo. Nele você é aperfeiçoado.

- II. Perdoe os outros tantas vezes quantas você deseja ser perdoado.
 - A. Pense na grande dívida de pecados que tinha para com Deus, e que ele perdoou.
 - B. Visualize seu pecado como sendo o causador dos sofrimentos que Jesus recebeu na cruz. Imagine o sangue dele a escorrer, para que você fosse perdoado.
 - C. Faça um esforço da vontade, e perdoe aqueles que o ofenderam, entregando-os a Deus. Ore por aqueles que já o prejudicaram de alguma forma.

- III. Tome a decisão de perdoar qualquer um que peque contra você hoje.
 - A. Tome a decisão de retribuir o mal com o bem, pela graça e pelo poder do Espírito que habita em você.
 - B. Faça a seguinte declaração de fé: "Amarei meus inimigos. Abençoarei aqueles que me amaldiçoarem, e farei o bem àqueles que me maltrataram. Orarei por aqueles que me perseguirem ou tirarem proveito de mim." (Ver Mt 5.44.)
 - C. Ore a Deus pedindo-lhe que lhe dê a graça de experimentar o fruto do Espírito em maior medida: amor, paz, gozo, longanimidade, mansidão, bondade, benignidade, fidelidade e domínio próprio. (Gl 5.22,23.)

Sexta Parte

PODER

"E não nos deixes cair em
tentação; mas livra-nos do
mal."

CAPÍTULO QUINZE

Revestindo-nos da Armadura de Deus

Que hora mais imprópria para se ter um ataque cardíaco! Mas infelizmente o pastor Conatser não poderia mesmo ter feito nada para impedi-lo. E embora a Igreja Batista de Beverly Hills estivesse se desenvolvendo maravilhosamente, e o outro pregador que restava era um rapaz de 22 anos, que mal se graduara na faculdade, o pastor recebeu ordens expressas para ficar de repouso pelo menos um mês e meio, deixando que outra pessoa se encarregasse do púlpito. E aconteceu que aquela outra pessoa era eu — o pastorzinho de 22 anos.

E quando a junta diretora da igreja me disse: "Larry, decisão é sua", senti um tremendo peso em meus ombros. Da noite para o dia minhas responsabilidades obraram, e junto com elas minhas ansiedades e frustrações. Não demorou muito e uma escura nuvem de depressão se fez sentir, acompanhando-me a toda parte, envolvendo em tristeza e melancolia meu espírito perplexo.

Certo dia, recebi em meu gabinete a visita de um pastor luterano, que não demorou a identificar o problema.

— Você se reveste diariamente da armadura de Deus? indagou, acertando em cheio o problema.

Ora, eu acabara de me formar pela faculdade teológica, onde estudara grego nos três anos do curso, e isso estava registrado em meu histórico escolar; então resolvi impressionar aquele homem para que entendesse que eu não era nenhum ignorante.

— Ah, claro, exclamei recostando-me na poltrona e cruzando os braços no peito. Refere-se àquela maravilhosa metáfora paulina, do capítulo 6 de Efésios, não é? Sim, conheço bem todos os verbos, substantivos e participios da passagem. Já fiz a exegese do texto todo, no grego.

Mas logo percebi que ele não ficara nem um pouco impressionado.

— Não estou perguntando se você tem conhecimento a respeito da armadura de Deus, explicou paciente. Quero saber é se você se reveste diariamente dela.

Abanei a cabeça, entregando os pontos, e confessei humildemente:

— Não, senhor. Não me revisto, não.

E o comentário que aquele pastor fez a seguir me deixou espantado:

— Então talvez seja por isso que está sempre deprimido.

TODA A ARMADURA DE DEUS

Assim que ele saiu, peguei a Bíblia e fiz outra leitura do texto de Efésios 6.10-18, estudando esses nove versos, frase por frase, assunto por assunto, procurando descobrir se ele se aplicava também ao crente do século XX. Gostaria de ver o que descobri? Então acompanhe-me na análise que dele vou fazer, linha por linha.

"Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder." O crente que está-se preparando para enfrentar uma batalha precisa de força. Mesmo quem já está completamente revestido da armadura que Paulo descreve nos versos que se seguem a esse, primeiro precisa da força, senão a armadura não lhe valerá de muita coisa. E como é que obtemos essa força? Orando ao Senhor; pedindo-lhe isso em oração.

"*Revesti-vos de toda a armadura de Deus.*" O guerreiro cristão precisa revestir-se do equipamento completo, procurando não omitir nada, nem achar que uma ou outra peça é de menor valor. Pois não sabemos em que ponto o inimigo vai nos atacar, e poderá atingir-nos exatamente onde estamos vulneráveis.

"*Para podermos ficar firmes.*" Paulo explica que a finalidade de nos revestirmos é ficar firmes. Trata-se de uma expressão de origem militar, uma referência à "atitude firme de um bom soldado que se acha preparado para enfrentar o inimigo."

"*Contra as ciladas do diabo.*" Contra que o guerreiro tem de estar firme? Contra as ciladas, as armadilhas do diabo — os métodos sutis e perigosos que ele emprega para nos atacar.

"*Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.*" Nossa luta não é contra adversários visíveis, mas contra principados, contra as forças organizadas dos poderes malignos. Lutamos contra potestades, cujo domínio sobre as trevas morais que envolvem a humanidade é de alcance mundial. Lutamos contra os exércitos espirituais do mal — a cavalaria infernal, as hostes de salteadores — que atuam em todos os círculos e áreas de nossos relacionamentos.

"Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau." Não podemos nos fiar apenas em nossas precauções e defesas humanas, mas temos que tomar toda a armadura de Deus, para que fiquemos firmes no dia da tentação — ocasiões ou circunstâncias de maior provação moral ou espiritual, que podem sobrevir-nos a qualquer momento, e para os quais precisamos estar sempre prevenidos.

"E, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes..." Depois de nos colocarmos em condições de enfrentar bem a luta — depois de termos feito tudo — temos que ficar firmes, com o propósito de vencer.

"Cingindo-vos com a verdade." A idéia aí é de um cinto largo que protege a parte do corpo que vai da base das costelas até os quadris. Nessa região encontram-se o aparelho digestivo, os órgãos reprodutores e os intestinos (que eliminam os rejeitos do organismo). Esse cinto de couro que o soldado romano colocava era a primeira e mais importante peça de seu equipamento. Servia não apenas para manter o resto da armadura no lugar certo, mas também para prender nele a espada.

Paulo ensina que essa região de nosso corpo deve estar cingida com a verdade — verdade no íntimo, autenticidade e firme objetivo. O salmista afirma: "Eis que te comprazes na verdade no íntimo, e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria." (SI 51.6.)

O crente deve estar sempre cheio da verdade de Deus. Temos que ser pessoas totalmente íntegras, com uma vida de retidão moral. Precisamos estar convictos de nossa posição em Deus e do que ele representa para nós. Cingimo-nos com a verdade quando reafirmamos aquilo que somos, o que Deus é, e procuramos viver com base nessas verdades, e não em nossas emoções.

"E vestindo-vos da couraça da justiça." A couraça era uma peça da armadura que se usava sobre o peito. O objetivo era proteger os órgãos vitais: o esôfago (o canal que conduz o alimento da boca para o estômago), os brônquios, o coração e os pulmões.

O que seria para o crente a couraça da justiça? É a justiça de Deus, que recebemos pela fé. É a justificação que temos através do sangue de Cristo. A justiça é o resultado da renovação do coração, operada pelo Espírito Santo.

A couraça é uma importante peça defensiva da armadura. O novo homem que habita em seu interior, agora justo, resiste

às insinuações do maligno, rejeitando-as e defendendo-se contra elas. A couraça da justiça guarda diligentemente o coração do crente, pois dele procedem as fontes da vida.

"*Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz.*" Numa luta corpo a corpo, era essencial que o soldado pudesse manter-se sempre firme, ou que conseguisse deslocar-se facilmente para os lados, ou então caminhar ou correr. E era esse tipo de luta que o soldado romano encontrava na maior parte das batalhas, e por causa disso era muito importante que pudesse manter-se firme, de pé. Para tal, usava calçados que não apenas davam firmeza aos pés e tornozelos, mas cujas solas eram providas de travas ponteagudas para que ele não escorregasse.

E nós também, que estamos empenhados numa luta espiritual, temos que calçar os pés com a preparação — isto é, com a estabilidade, a prontidão — encontrada no evangelho da paz. E à medida que vamos vivendo diariamente segundo a vontade de Deus, e conduzindo nossa conversa e nosso proceder de acordo com sua Palavra, vamos experimentando um forte senso de união com ele, uma consciência do socorro divino, que pode solucionar qualquer problema nosso.

Nós, os crentes, temos que viver alinhados com a vontade de Deus, e também, como diz minha amiga Alice Huff, missionária da Wycliffe, deixar "pegadas de paz" onde quer que andemos.

"*Embracando sempre o escudo da fé.*" O escudo era uma peça que o soldado segurava na mão ou empunhava no braço, e com o qual protegia todo o corpo, durante a batalha. Além disso, o escudo da fé, embora não fosse o item mais importante da armadura, devia ser manejado com habilidade para aparar no ar os dardos do inimigo, protegendo a parte do corpo contra a qual viesse o ataque.

No nosso caso, a fé é para nós o mesmo que ele devia ser para o soldado; mas como é que obtemos fé? Lemos em Efésios 2.8 que a fé é um dom de Deus. E em Romanos 10.17 encontramos a seguinte informação: "E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra (rhema) de Cristo." Em Gálatas 5.22, Paulo diz que a fé é um fruto do Espírito Santo, e em Gálatas 2.20 que vivemos pela fé do Filho de Deus, que nos amou e se deu por nós. E essa fé constitui o escudo do crente. (Rev. e Corr.)

"*Com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.*" Esse termo "o maligno" não designa uma força

impessoal, mas, sim, Satanás, e os inimigos malignos descritos no versículo 12.

Os imensos escudos dos soldados da antigüidade eram feitos de madeira (para que fossem leves) e revestidos de couro. O couro era sempre molhado, para que não se queimasse com os dardos em chamas lançados pelos inimigos, e que eram sua arma mais perigosa para destruir ou ferir mortalmente o oponente. E Paulo nos assegura que "o escudo da fé" sempre resistirá às piores formas de ataque utilizadas por Satanás.

Assim sendo, o crente deve tomar o escudo da fé e declarar:

"Senhor, estou confiando em ti para me protegeres. E como estou-me abrigoando em ti, nada irá atingir-me, a não ser que o permitas."

"Tomai também o capacete da salvação." O capacete era a peça mais cara da armadura, e tinha por finalidade proteger a cabeça do soldado. Assim também o capacete da salvação protege a mente e os pensamentos do crente.

A palavra, que neste verso é traduzida por "tomai", ao pé da letra significa "recebei" — tomar nas mãos o capacete da salvação que é "o dom de Deus". Isso quer dizer que o crente deve pedir conscientemente e receber a mente de Cristo e a paz de Deus que cerca, que monta guarda aos seus pensamentos. (Ver Fp 4.7.)

"E a espada do Espírito que é a palavra de Deus." A espada era uma arma de ataque, que consistia de uma lâmina afiada fixa a um cabo. Era utilizada para ferir ou matar o adversário, sendo também um símbolo de poder ou autoridade, principalmente de quem julga e sentencia.

O poder e a autoridade do crente provêm da Palavra de Deus. Nesse texto, a espada do Espírito ou Palavra de Deus não é designada pelo termo *Jogos*, ou toda a Bíblia, mas por *rhema*, que indica um pensamento isolado, uma afirmação, mandamento ou instrução que o Espírito comunica ao nosso espírito ou nos traz à lembrança num momento em que necessitamos dessa mensagem. Mas para que nos tornemos hábeis no manejo dessa espada do Espírito, precisamos saturar nossa mente de textos bíblicos.

O texto grego dá a entender que o crente deverá receber essa comunicação específica de Deus em situações específicas. Será uma revelação especial que pode ser utilizada como uma espada afiada contra os ataques do inimigo.

"Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito." A última e poderosa peça da armadura de Deus é

orando em *todo tempo no* Espírito. Isso significa fazer oração em línguas, ou orar com o espírito utilizando a linguagem pessoal que o Espírito Santo dá a cada um (At 2.4; 1 Co 14.2,14,15; Jd 20),

Como nesse caso não estamos orando com a mente, podemos obedecer ao mandamento de Paulo de orar "em todo o tempo" (Ef 6.18). A única maneira pela qual podemos orar em todo tempo, ou orar sem cessar (1 Ts 5.17) é fazê-lo no espírito. Nossa mente possui muitas limitações, que nos impedem de orar como devemos. Mas nosso espírito, remido pelo sangue de Cristo e cheio do Espírito Santo de Deus, é ilimitado. Então, quando oramos, o Espírito Santo vem ao nosso auxílio, une suas fortes súplicas à nossa e intercede diante de Deus por nós e por outros crentes. E quando ele nos capacita a orar de acordo com a perfeita vontade de Deus, nossas orações chegam ao seu destino (Rm 8.26,27).

Consideremos o seguinte: nosso espírito tem acesso às nossas cordas vocais da mesma forma que nossa mente tem. Assim, por um ato da vontade, podemos fazer uma oração em línguas, que parte de nosso espírito e, sem passar por nossa mente, chega à língua, indo diretamente para Deus. A resposta dele pode ser comunicada à nossa mente, capacitando-nos a orar com o entendimento (1 Co 14.13-15).

Já lhe aconteceu de desejar orar, derramar seu coração diante de Deus, mas faltarem-lhe palavras, e sentir a imperfeição e as limitações de sua mente? Já se viu de repente numa situação difícil, numa emergência, sem possibilidade de se afastar para um lugar silencioso para orar? Eu já. É por isso que essa sétima peça da armadura espiritual me é tão cara. Utilizo-a como um raio *laser*, para atravessar o território inimigo, chegar a Deus, e receber imediatamente sua resposta. Posso viver numa constante atitude de oração, não importa onde esteja ou o que esteja fazendo. Posso orar em voz alta, ou silenciosamente; posso orar sozinho, ou no meio de uma multidão. Deus vê; ouve e responde. E é assim que o crente que se reveste da armadura pode estar sempre numa atitude de oração, orando em todo o tempo, a qualquer momento.

"E para isto vigiando." Vigiar significa ter o cuidado de não negligenciar a oração que é tão vital para nossa vitória nos conflitos espirituais.

"Com toda perseverança e súplica por todos os santos." O soldado não pode orar apenas por si mesmo, mas por todos os

seus companheiros, pois constituem um exército. A vitória de um é a vitória de todos.

Quando Jesus nos instrui para orarmos assim: "Não nos deixes cair em tentação" está-nos dizendo para pedirmos que não sejamos submetidos a provações por forças que se acham fora de nosso controle. Está-nos ordenando que vigiemos e oremos para que não caiamos em tentação por causa de nossa própria desobediência e descuido.

A petição "Mas livra-nos do mal" não se aplica apenas a uma provação ou tentação relacionada com nossa inclinação para pecar. É uma súplica para sermos salvos do forte e avassalador poder do mal que procura influenciar-nos, dominar-nos, escravizar-nos e nos desviar para o mal. O sentido pleno dessa frase não expressa apenas o desejo de vencer o anseio de pecar; é mais que isso. Expressa também a vontade de derrotar as poderosas forças do mal que procuram destruir ou estorvar a realização do plano de Deus para nós.

É por isso que em Efésios 6.11,13 Paulo ensina que temos de nos revestir de toda a armadura de Deus, para que possamos resistir às ciladas do diabo.

Qual seria então a recíproca? É óbvio que, se não orarmos dessa maneira: "Não nos deixes cair em tentação", se não nos revestirmos de toda a armadura de Deus, não iremos resistir às ciladas do diabo. Não conseguiremos ficar firmes!

Paulo menciona a armadura também em Romanos. Nessa carta, ele nos diz para nos revestirmos das "armas da luz" e do "Senhor Jesus Cristo" (Rm 13.12,14).

Na verdade, essa armadura que o apóstolo descreve e de que, segundo ele, devemos revestir-nos é o Senhor Jesus Cristo. Jesus quer ser nossa defesa e nossa vestimenta espiritual.

COMO VESTIMOS A ARMADURA

Como aprendi com aquele pastor luterano, esse texto de Efésios não foi escrito para ser apenas uma bela metáfora. Está aí para ser seguido e aplicado em nossa vida diária.

Mas como é que o crente se reveste de uma armadura que não vê, não sente, nem toca? Visualizando, pela fé, cada uma de suas peças. Revestimo-nos da armadura crendo nas promessas de Deus, e reafirmando-as. Todo crente deve orar diariamente nos termos de Efésios 6.14-17, e, pela fé, revestir-se de toda a armadura de Deus, peça por peça. Vejamos aqui como nos revestimos das armas da luz, o Senhor Jesus Cristo.

Armadura: Cingir-nos com a verdade.

Afirmção: Jesus é minha verdade.

Promessa: "Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." (Jo 14.6.J)

"Eis que te comprazes na verdade no íntimo, e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria." (SI 51.6.J)

Armadura: Vestir-nos da couraça da *justiça*.

Afirmção: Jesus, tu és minha justiça.

Promessa: Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus." (2 Co 5.21.) "Também nele estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade." (Cl 2.10.)

Armadura: Calçar os pés com a preparação do evangelho da paz.

Afirmção: Jesus, tu és minha preparação. Promessa: "Tudo posso naquele que me fortalece." (Fp 4.13.)

Embraçar o escudo da fé. Jesus, tu és minha fé.

Armadura: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé do

:

Promessa: Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim." (G1 2.20 — Rev. e Corr.) "E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra (rhema) de Cristo." (Rm 10.17.)

Armadura: Tomar o capacete da *salvação*. Jesus, tu és minha salvação. "E, tendo sido aperfeiçoado,

Afirmção

:

Promessa: tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem." (Hb 5.9.) "O Senhor, força da minha salvação, tu me protegeste a cabeça no dia da batalha." (SI 140.7.)

Empunhar a espada do Espírito que é a palavra (rhema) de Deus.

Armadura: Jesus, tu és minha palavra viva.

Afirmção "As palavras (rhema) que eu vos tenho dito, são espírito e são vida." (Jo 6.63.)

:

Promessa: Orando em todo tempo no Espírito. Jesus, tu és quem me batizas no Espírito. "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo." (Mt 3.11.)

Armadura "E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito (Santo) — sabe qual é sua intenção — porque segundo a vontade de Deus

Afirmção

:

Promessa: é que ele intercede (perante Deus) pelos santos." (Rm 8.27.)

Faz já muitos anos que venho-me revestindo de toda a armadura de Deus, peça por peça, crendo em suas promessas e reafirmando-as.

E você? Ninguém pensaria em sair de casa para o trabalho ou para a igreja sem estar devidamente vestido. No entanto, muita gente anda por aí, todos os dias, espiritualmente despido. É assim que você anda? Se é, o diabo o vê, e se ri a valer, pois sabe que você não se acha protegido contra as ciladas dele.

Aprenda a revestir-se de toda a armadura de Deus, e

depois faça-o diariamente. Não deixe que Satanás retarde ou impeça a concretização do plano que Deus tem para sua vida. Construa pela oração uma cerca de proteção em torno de si e de seus entes queridos. É disso que vamos tratar em seguida.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Uma Cerca de Proteção

"Foi uma briga muito boa!"

Quando eu era menino, nunca diria isso se estivesse sentado no chão, com o nariz escorrendo sangue e o olho roxo; não. Só diria que a briga tinha sido boa se eu tivesse vencido.

Então por que Paulo chama de briga "boa" o combate que temos contra Satanás (1 Tm 6.12)? Ele a identifica como um bom combate porque cabe a nós vencê-la. E nós a venceremos se orarmos assim: "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." Nós vencemos quando nos revestimos de toda a armadura de Deus, e construímos uma cerca de proteção ao nosso redor.

Está cansado de "beijar a lona" nas brigas com o diabo? Gostaria de saber como pode derrubá-lo, e colocar o pé no peito dele? Então prepare-se para apropriar-se da vitória que Jesus já conquistou para nós, revestindo-se de toda a armadura de Deus, e aprendendo a construir uma cerca de proteção ao redor de si.

CONSTRUIR UMA CERCA DE PROTEÇÃO

Construímos uma cerca de proteção em torno de nós e de nossos entes queridos, fazendo uma declaração de fé com base no Salmo 91.2: "Diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu em quem confio." Na versão da Bíblia ampliada, o versículo seguinte vem assim: "Pois então ele te livrará do laço do passarinho." (Grifo meu.)

Mais adiante, nesse mesmo salmo (vv. 9 e 14), encontramos três razões pelas quais podemos pedir a proteção de Deus: "Pois disseste: O Senhor é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada"; "Porque a mim se apeçou com amor"; "Porque conhece o meu nome."

1. Porque *fizemos do Altíssimo nossa morada*. Quando nós, os crentes, cantamos louvores a Deus, ele se coloca em nosso meio, entronizado em nossos louvores. Lemos no Salmo 22.3:

"Contudo tu és santo, entronizado (estás vivendo) entre os louvores (*tehillah* — cânticos, salmos, o constante cântico do Espírito) de Israel."

Paulo tinha conhecimento desse segredo espiritual e por isso recomenda: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais." (Ef 5.18,19.)

Em outro texto, Paulo, que é um modelo para os crentes, afirma que ele cantava com o espírito, mas também com o entendimento (1 Co 14.15). Também nós devemos cantar louvores a Deus, ao adorá-lo. Haverá momentos em que teremos prazer em entoar os belos hinos do passado, ou nossos corinhos. E haverá outros em que talvez desejemos compor cânticos próprios e entoá-los a Deus. E ainda em outros, o Espírito Santo poderá criar um cântico de louvor espontâneo, numa língua que só Deus e nosso coração entendem. E quando cantamos para Deus, ele se entroniza em nossos louvores. É assim que fazemos do Senhor a nossa morada. Se vivemos com ele no Espírito, ele é nosso refúgio.

2. Porque nos *apegamos a ele com amor*. Outra condição para pedirmos a proteção de Deus é apegar-nos a ele com amor. E nós nos apegamos a ele com amor quando convergimos para ele nossas emoções, buscando-o em primeiro lugar. Davi fez a seguinte declaração:

"Uma cousa peço ao Senhor e a buscarei: que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor, e meditar no seu templo. Pois no dia da adversidade ele me ocultará no seu pavilhão; no recôndito do seu tabernáculo me acolherá; elevar-me-á sobre uma rocha. Agora será exaltada a minha cabeça acima dos inimigos que me cercam. No seu tabernáculo oferecerei sacrifício de júbilo; cantarei e salmodiarei ao Senhor." (SI 27.4-6 — Grifo meu.)

A palavra "pavilhão", que aparece no verso 5, significa, no original, "uma barraca móvel ou temporária ou uma construção mais permanente". Por ocasião de guerras, o pavilhão — a barraca do rei — era colocada no centro do acampamento militar, ficando cercada pelo exército, constantemente protegida por uma guarda composta de soldados fortes.

Davi, que era rei, e que conhecia bem esses pavilhões reais usados em batalhas, é quem afirma: "Na hora da adversidade, Deus me oculta dentro de seu pavilhão real, no centro, cercado por um exército de anjos."

No Salmo 91,10,11 temos uma garantia: "Praga nenhuma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos." E no Salmo 34,7 encontramos essa declaração: "O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra."

Portanto, se quisermos nos ver cercados pela proteção divina, temos que nos apegar a ele com amor. Como vimos, no Salmo 27,14, Davi diz: "Uma coisa peço ao Senhor..." Já notou outros textos onde aparece a expressão "uma coisa"? Em conversa com o jovem rico, Jesus lhe disse: "Uma coisa ainda te falta..." (Lc 18,22.) E para Marta ele fala: "Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas cousas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa..." (Lc 10,41,42.) O apóstolo Paulo afirma: "Uma coisa faço..." (Fp 3,13.)

Acredito que, como Marta, nós também estamos inquietos e preocupados com muitas cousas, e a verdade é que nos falta uma coisa importante. Corremos de um lado para outro, atarefados, ocupados com os nossos negócios, mas negligenciamos os negócios de nosso Pai. Eis um exemplo do que estou dizendo, no qual, talvez, alguém se veja retratado.

Quando meu filho era menor, e eu lhe pedia para cortar a grama do quintal, por vezes ele ia primeiro brincar com os amigos e deixava o serviço para depois. Não me importo de que ele brinque com os amigos, mas ficava incomodado com sua desobediência e com o fato de não aparar a grama. Acho que isso acontece também com nosso Pai celeste. Ele nos diz: "Passe uma hora em minha companhia", mas nós resolvemos ir cuidar primeiro de nossos interesses, e antes que nos demos conta o dia acabou e não tivemos nosso momento de comunhão com Deus. Já está na hora de crescermos espiritualmente e consagrarmos a Deus a primeira hora do dia. Depois ainda teremos mais 23 para cuidarmos de nossos próprios afazeres.

Precisamos deixar que o Espírito Santo canalize todas as nossas energias e nossa atenção para Deus — para nos apegarmos a ele com amor. E quando nos apegamos a ele, em total confiança, ele se torna nossa proteção.

3. Porque conhecemos o seu nome. "Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro." (Pv 18,10.) O

nome de Deus não significa apenas aquilo que ele é, mas também o que deseja ser para nós.

Não tome o nome de Deus em vão. Ele não é somente o Salvador; também é nossa justiça e santificação. Ele é nossa paz, e aquele que está presente em nosso coração de forma transbordante. É aquele que nos cura, é nossa bandeira, nosso pastor e provedor. Então procure conhecer o seu nome, pois ele é uma torre forte. Permita que ele seja para você tudo de que precisa.

ERGA A CERCA DE PROTEÇÃO DIVINA

Então, vamos fazer do Senhor a nossa morada, todos os dias. E façamos isso cantando-lhe cânticos de louvor. Apeguemo-nos a ele com amor, e busquemo-lo em primeiro lugar, antes de qualquer coisa. Procuremos conhecer seu nome, e nos sujeitemos a ele. Sondemos nosso espírito para verificar se estamos alinhados com as três razões citadas no Salmo 91.

Assim agindo, podemos ficar firmes, com a armadura de Deus, e dizer: "Tu és meu refúgio, minha fortaleza, meu Deus. Em ti confio. Conheço teu nome. Tu és minha justiça, meu santificador, minha paz, meu provedor, minha bandeira, meu pastor; és aquele que me sara, e tua presença está comigo."

É dessa maneira que erguemos a cerca de proteção ao nosso redor e de nossos entes queridos. Quando temos em nossa vida essas três razões citadas no Salmo 91, e afirmamos diariamente que ele é nosso refúgio e fortaleza, a cerca de proteção de Deus se forma ao nosso redor como um ninho que protege o pássaro, ou como o casulo que protege a larva da borboleta.

É possível que algumas pessoas até riam dessa idéia de se ter uma cerca protetora ao nosso redor; mas o diabo, não. Ele sabe muito bem que ela existe. Pense um pouquinho nesta queixa que Satanás faz a Deus, com relação a Jó:

"Acaso não o cercaste com sebe, *a* ele, a sua casa e a tudo quanto *tem? a obra* de suas mãos abençoastes (e fizeste prosperar) e os seus bens se multiplicaram na *terra.*" (Jó 1.10.)

Observemos as três coisas que Deus faz por seus filhos. Ele coloca uma cerca em torno de nós, de nossa casa e de tudo que temos; ele abençoa e faz prosperar a obra de nossas mãos (faz

as duas coisas e não apenas uma); e multiplica (e não diminui) nossos bens na terra.

Então, todos os dias, quando você fizer essa oração: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal", erga essa cerca em torno de si, de seus amigos e entes queridos, de sua casa e de tudo quanto possui. Peça a Deus para abençoar e prosperar a obra de suas mãos e multiplicar os seus bens — materiais e espirituais — na terra. Aleluia!

Vista-se das armas da luz — o Senhor Jesus Cristo — e peça a Deus que sua cerca de proteção esteja em volta de tudo que você preza. E depois de ter vencido tudo, permaneça firme... permaneça firme na vitória que Jesus Cristo conquistou por você.

QUESTÕES PARA REVISÃO

1. Leia as afirmações que se seguem e marque com um V as que são verdadeiras, e com um F as falsas.
() O crente pode cair em tentações devido a sua própria desobediência e descuido. () A armadura de que Paulo fala em Efésios 6, na verdade, são as armas da luz, Jesus Cristo. () Se não nos revestirmos de toda a armadura de Deus, não conseguiremos ficar firmes contra o diabo.
2. Por que nossa guerra contra Satanás pode ser chamada de bom combate?
3. Quais são as três razões apresentadas no Salmo 91.9,14 que nos permitem pedir a proteção de Deus?
 - a
 - b
 - c

ESBOÇO DA ORAÇÃO

- I. Revista-se de toda a armadura de Deus.
 - A. Cingindo-se com a verdade.
 - B. Vestindo-se da couraça da justiça.
 - C. Calçando os pés com a preparação do evangelho da paz.
 - D. Embracando o escudo da fé.
 - E. Tomando o capacete da salvação.

- F. Empunhando a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.
 - G. Orando em todo o tempo no Espírito.
- II. Erga a cerca de proteção.
- A. Tomando por base estas três razões:
 1. Porque fizemos do Altíssimo a nossa morada.
 2. Porque a ele nos apegamos com amor.
 3. Porque conhecemos o seu nome.
 - B. Fazendo esta afirmação: "Ele é o meu refúgio e meu baluarte; Deus meu em quem confio."

Sétima Parte

LOUVOR

"Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre.
Amém."

CAPÍTULO DEZESETE

O Mais Dinâmico Mandamento Divino

Como já observamos anteriormente, o Pai Nosso inicia-se com uma expressão de louvor e se encerra com outra. O mais dinâmico mandamento da Palavra de Deus é "louvai". Por que afirmo isso? Porque o louvor e adoração constantes têm a propriedade de restaurar o povo de Deus. Eles nos elevam ao estado espiritual em que Deus tencionava que estivéssemos, e nos dão as energias e forças dinâmicas, sobrenaturais, tão essenciais à vitória, à harmonia e à integridade espiritual. Então, precisamos aprender a extravasar nosso coração a Deus

em louvor e ações de graça, para exaltar e engrandecer seus grandes feitos, sua perfeição, e agradecer-lhe por todos os seus benefícios.

A Bíblia afirma que os ímpios se recusam a dar louvores a Deus (Rm 1.21; Ap 16.9). Mas em compensação o povo dele sempre foi e sempre será um povo que louva. Não nos surpreende o fato de a Palavra de Deus conter inúmeras formas de expressarmos amor, gratidão e adoração ao Senhor. Se fizermos um levantamento desse assunto nas Escrituras, veremos que elas nos instruem para que louvemos a Deus com os lábios, com gestos e movimentos, e com música e cânticos. No Velho Testamento, há três termos hebraicos para designar o modo como devemos usar os lábios ao adorar a Deus. Um é *hallel*, que significa "sentir-se vigorosamente animado; louvar, engrandecer, celebrar, falar em voz alta". Esse tipo de louvor é proferido em voz alta. Outro é *barak*, cujo sentido é "bendizer, afirmar que Deus é nossa fonte de força para a vitória, de prosperidade e fertilidade; estar em silêncio". Esse tipo de louvor pode ser dado silenciosamente, em voz baixa. O outro termo hebraico que significa louvor é *shaback*, cujo sentido é "elogiar, gritar, dirigir-se a alguém em alta voz". Quando deliberamos adorar a Deus de modo aceitável, o Espírito Santo nos ensina como e quando abrir os lábios para entoar louvores a Deus.

Outro fato associado ao louvor é a postura corporal, identificado por dois termos hebraicos do Velho Testamento. Um deles é *todah*, que significa "estender as mãos em ações de graça". O outro é *yadah*, que quer dizer "adorar a Deus com as mãos estendidas" — estender os braços no gozo da presença de Deus.

Já está na hora de o povo de Deus entender que erguer os braços em adoração a Deus não é um modismo criado pelo movimento carismático, mas, sim, um princípio escriturístico. Nos salmos, por exemplo, encontramos o seguinte mandamento: "Erguei as mãos para o santuário e bendizei ao Senhor." (SI 134.2.) E no Salmo 107 aparece quatro vezes um insistente apelo: "Rendam graças (*yadah*) ao Senhor por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens."

Então, nos momentos de adoração a Deus, vamos obedecer ao impulso do Espírito Santo. Não precisamos ter receio de ajoelhar, ficar de pé, de nos inclinar, dançar, bater palmas ou

erguer os braços. Todas essas formas de adoração são perfeitamente bíblicas, quando praticadas com decência e ordem.

Mas não é só com os lábios e com os braços que podemos adorar a Deus; podemos também louvá-lo com música. A palavra *zamar* significa "tanger instrumentos de corda, louvar a Deus com cânticos", e *tehillah* quer dizer "cantar no espírito ou entoar salmos ou *hallals*. Então, outra maneira de louvamos a Deus também é cantar e tocar hinos de louvor.

Não precisamos ter medo de deixar que o Espírito Santo nos inspire; permitamos que ele nos ensine a usar os lábios, os movimentos corporais, e a música para adorá-lo.

Então, depois de elevarmos nossas petições a Deus o Pai, devemos passar ao louvor. Para muitas pessoas, a frase "Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre" não passa de mero palavreado. Há muitos crentes que ainda não entenderam que aí Deus está-nos convidando, carinhosamente, a que nos tornemos participantes do seu reino, seu poder e sua glória.

O REINO

"Pois do Senhor é o reino", afirma o salmista. E Jesus diz "Pois teu é o reino" (SI 22.28 e Mt 6.13). Mas Cristo disse também o seguinte: "Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino." (Lc 12.32.)

Paulo também ensina que somos participantes do reino de Deus. Diz ele: "Dando graças ao Pai... Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor." (Cl 1.12,13.) E para Timóteo escreve: "O Senhor me livrará também de toda obra maligna, e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém." (2 Tm 4.18.)

Portanto, quando orarmos "Pois teu é o reino", vamos dar glórias a Deus Pai, que nos livrou do poder das trevas e nos transportou para o seu reino de amor e luz. Façamos a afirmação de fé: "O Senhor me livrará de toda obra maligna e me preservará para conduzir-me ao seu reino celeste." Dê graças a Deus, pois ele o convida para participar do seu reino.

O PODER

Davi escreveu o seguinte: "Na tua mão há força e poder" (1 Cr 29.12), e afirmou também: "Exalta-te, Senhor, na tua força! Nós cantaremos e louvaremos o teu poder." (SI 21.13.) Deus criou a terra pelo seu poder (Jr 10.12) e reinará para sempre também pelo seu poder (SI 66.7).

E, no entanto, o Deus Pai nos torna participantes de seu poder. Ele dá força e poder ao seu povo (SI 68.35), e nos dá força para adquirirmos riquezas (Dt 8.18). Faz forte ao cansado (Is 40.29), e nos guarda pelo seu poder (1 Pe 1.5). E Deus Pai,

que ressuscitou a Jesus, também nos ressuscitará pelo seu poder (1 Co 6.14).

Jesus fez a seguinte declaração: "Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada absolutamente vos causará dano." (Lc 10.19.) E pouco antes de sua ascensão deu a seguinte instrução aos discípulos: "Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder." (Lc 24.49.) E em Atos 1.8 encontramos o seguinte: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra."

Outra instrução que Paulo nos dá é "Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder" (Ef 6.10). E em 1 Coríntios 4.20 diz: "Porque o reino de Deus consiste, não em palavra, mas em poder."

Demos glórias a Deus Pai pois ele nos convida para sermos participantes de seu poder, e torna esse poder acessível a nós.

A GLÓRIA

O salmista lança a pergunta: "Quem é o Rei da Glória?" e responde: "O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas." (SI 24.8.) "Glória e majestade estão diante dele." (1 Cr 16.27.) E o próprio Deus declara: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra às imagens de escultura." (Is 42.8.)

O que é a glória de Deus? É a perfeição manifesta de seu caráter, principalmente sua justiça. Sabemos que todas as pessoas estão destituídas da glória de Deus (Rm 3.23 — I. B. B.), contudo ele convida os crentes para serem participantes de sua glória. E, como vemos em Hebreus 2.9,10, isso se torna possível por intermédio de Jesus. Quando ele sofreu pelos pecados da humanidade, conduziu muitos filhos à glória. E Paulo assegura aos crentes que, se sofrermos com ele, com ele também seremos glorificados (Rm 8.17). O apóstolo não se preocupava com o sofrimento, pois sabia que os sofrimentos do tempo presente não são para se comparar com a glória que há de ser revelada em nós (Rm 8.18).

E quando contemplamos a glória do Senhor — isto é, seu caráter e sua maneira de ser manifestos por intermédio de Cristo — vamos lentamente sendo transformados na sua

própria imagem pelo Espírito de Deus (2 Co 3.18), e assim o caráter e a maneira de ser do Pai e do Filho se reproduzem em nosso interior. Tornando-nos semelhantes a Cristo, entraremos na bem-aventurança eterna, pois o Deus Pai nos chamou à sua eterna glória. (1 Pe 5.10.)

Portanto, não é de se estranhar que Paulo conclame o crente a viver "por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória" (1 Ts 2.12). Demos glórias a Deus pelo chamado que nos faz para sermos participantes de sua glória.

Davi insta com o crente para que dê testemunho a outros a respeito do reino, poder e glória de Deus.

"Todas as tuas obras te renderão graças, Senhor; e os teus santos te bendirão.

"Falarão da glória do teu reino, e confessarão o teu poder, para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos, e a glória da majestade do teu reino.

"O teu reino é o de todos os séculos, o teu domínio subsiste por todas as gerações.

"O Senhor é fiel em todas as suas palavras, e santo em todas as suas obras." (SI 145.10-13.)

"Nós te louvamos, Pai, pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre, mas tu nos convidas para sermos participantes deles. Que nunca entremos ou saíamos de tua presença sem nos inclinar humildemente diante de ti, e oferecer-te sacrifício de louvor. Possamos nós proclamar como Davi:"

"Pelo que Davi louvou ao Senhor perante a congregação toda, e disse: Bendito és tu, Senhor, Deus de nosso pai Israel, de eternidade em eternidade.

"Tua, Senhor, é a grandeza, o poder, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos.

"Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força.

"Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos, e louvamos o teu glorioso nome." (1 Cr 29.10-13.)

Louvor: "Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre."

QUESTÕES PARA REVISÃO

1. O mais dinâmico mandamento da Palavra de Deus é

2. No texto de Hebreus 13.15, lemos o seguinte: "Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome."
3. O Pai Nosso se inicia e se encerra com
4. Deus instituiu um meio pelo qual podemos participar do seu reino, seu poder e sua glória. Esse meio é
5. Agora que você já sabe como se deve orar, deseja pedir ao Espírito Santo que transforme seu coração numa casa de oração? Então faça-o agora registrando aqui seu pedido:
ESBOÇO DE ORAÇÃO

I. O reino

- A. Dê glória a Deus porque ele o tirou do reino das trevas e o transportou para o reino do Filho do seu amor, reino de luz e amor.
- B. Faça a seguinte afirmação de fé: "O Senhor me protegerá de toda obra maligna, e me levará salvo para o seu reino celestial."
- C. Dê glória a Deus pelo convite que ele lhe faz para participar de seu reino.

II. O poder

- A. Dê glória a Deus pelo convite para participar de seu poder.
- B. Medite sobre o poder de Deus, seu Pai. Compare seus problemas pessoais com as poderosas e miraculosas obras por ele realizadas e com seu grande amor por você.
- C. Faça a seguinte afirmação de fé: "Sou fortalecido no Senhor e na força do seu poder. Fui revestido com poder do alto. Maior é o que está em mim do que o que está no mundo. Meu Pai me dá força e poder para

adquirir riquezas. Ele faz forte ao cansado. Conforme forem minhas necessidades diárias, assim serão minhas forças. Ele me guarda pelo seu poder. Ele me deu autoridade para pisar serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo. Nada, de maneira nenhuma, me causará dano."

III. A glória

- A. Contemple a glória do Senhor — seu caráter e sua maneira de ser manifestos em Cristo. Peça ao Espírito Santo que o transforme, nessa mesma imagem, reproduzindo Cristo em seu interior. Peça-lhe que o transforme pela renovação da sua mente.
- B. Peça ao Senhor para ajudá-lo a viver de modo digno dele, e a servi-lo como ele merece.
- C. Louve a Deus: dê glórias a ele.

Oitava Parte

PRÉ-REQUISITOS EXEMPLOS A SEREM SEGUIDOS PARTICIPAÇÃO CAPÍTULO DEZOITO

Dar o Primeiro Lugar às Coisas Mais Importantes

Os anos de 1972 a 1978 foram de muita luta para mim e para minha esposa, pois estávamos sobrecarregados e às vezes quase ficávamos loucos tentando equilibrar nossas tarefas prioritárias. Como se não bastasse o trabalho de liderança que exercíamos na Igreja Batista de Beverly Hills, com cerca de mil jovens, Melva estava fazendo seu mestrado na Universidade Estadual do Texas, em Denton, que ficava a cerca de 60 quilômetros; e eu fazia o meu no Seminário Teológico Batista de Fort Worth, que também fica a quase 60 quilômetros. Foi também nesse período que nasceram nossos filhos, um atrás do outro. É provável que nossos amigos se referissem a Melva como "aquela santa". Ela foi simplesmente extraordinária. Quanto a mim, não era aquele homem de Deus, que ele queria que eu fosse.

Qual o problema? Parecia que a presença ungida de Deus estava-se afastando de minha vida. Por quê? Porque não estava-me levantando cedo diariamente para adorar meu Pai, para orar e receber dele tudo de que precisava.

Não costumava iniciar os dias entrando na presença dele com ações de graça e nos seus átrios com hinos de louvor. Displícitamente, negligenciava as suas preciosas e mui grandes promessas pelas quais somos co-participantes da natureza divina (2 Pe 1.4). Não estava-lhe dando lugar para que fosse

minha justiça, minha paz, meu provedor, minha bandeira, meu pastor, nem que fosse aquele que me cura e santifica, nem que sua presença estivesse comigo. Por isso, várias vezes tomei seu santo nome em vão.

E como não usava o leme de minha vida (a língua) para direcionar as atividades prioritárias estabelecidas por Deus para mim, afirmando: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade em mim, em minha família, minha igreja e minha pátria", parecia que minha ordem de prioridades estava quase sempre invertida. O dinheiro andava meio escasso e ao fim do mês mal tínhamos o suficiente para as despesas. É verdade que dávamos o dízimo e outras ofertas, mas como não estava sendo fiel em orar "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje", passávamos dificuldades em algumas áreas.

Além disso, por causa de minhas fraquezas e falhas, vez por outra tinha a sensação de não estar agradando a Deus "no amado" (Ef 1.6). Constantemente ficava a pedir perdão ao Senhor por erros que cometera havia muito tempo, e dos quais já me arrependera, esquecendo-me de que me encontrava purificado dos pecados do passado (1 Pe 1.9). Tinha a impressão de que me achava numa espécie de "liberdade condicional", e de que se algum dia me tornasse um homem muito bom, Deus me aceitaria.

Durante anos, pratiquei a "penitência dos protestantes". Na Igreja Católica, existe o costume de se fazer penitência, que consiste de repetir-se um determinado ato de contrição certo número de vezes, para demonstrar arrependimento pelos pecados, e pelo qual o penitente se sentirá perdoado. Mas nós, os protestantes, não temos tal prática. (É que nós somos muito mais espirituais, sabe?) Então, sempre que cometemos algum pecado, ficamos duas semanas ou duas décadas nos recriminando por ele. Não é verdade? É a "penitência dos protestantes". Na realidade, Deus nos perdoa no instante em que lhe confessamos o erro.

A oração que fazia ao me levantar era meio vaga. Não chegava a ponto de dizer: "Senhor, confesso a ti todos os pecados de que tenho consciência e até os de que não tenho. Aceito teu perdão, e temo a decisão também de perdoar aqueles que pecam contra mim." Mas, como não definia bem os termos da oração, demorei a me dar conta do que se passava: ao confessar repetidamente meus pecados, estava relembando a Deus fatos dos quais ele já se esquecera.

Nessa ocasião, lutei muito com problemas de temor e depressão, e na maioria das vezes perdi a luta. Como poderia

vencer se lutava contra um inimigo astuto e bem armado, e se eu não tinha armadura, não sabia manejar bem a espada do Espírito, nem empregar o escudo da fé para apagar seus impiedosos dardos?

Como poderia empenhar-me no bom combate da fé se não orava diariamente em minha língua especial para a oração, e não vivia em atitude de comunhão com Deus?

Ademais, não estava deixando o louvor fluir continuamente de meus lábios. Não sabia que poderia re-vestir-me das vestes de louvor (tehillah) em vez de espírito angustiado, entoando hinos de louvor a Deus (Is 61.3).

Ainda não me achava espiritualmente consciente de que Deus Pai me fizera participante de seu reino, poder e glória.

Mas de 1978 para cá — quando o Espírito Santo me revelou que o Pai Nosso é um esboço de oração — tenho entrado na presença de Jesus todos os dias. E o que tenho recebido em troca?

PROMESSAS

Diariamente dou graças a Deus porque posso chamá-lo de Pai, pela virtude do sangue de Jesus. Glorifico seus gloriosos nomes, aproprio-me de suas poderosas promessas e procuro santificar seu nome em meu viver.

PRIORIDADES

Embora hoje eu me encontre ainda mais atarefado que nunca, gozo imensa paz interior, bem como em meu lar e em minha igreja. Por quê? Porque oro por mim inosmo, por minha família, igreja e pátria, no sentido de que a ordem de prioridades de Deus seja estabelecida em todas essas esferas do meu viver. Também afirmo ousadamente que a vontade de Deus seja feita e que venham sua justiça, gozo e paz.

PROVISÃO MATERIAL

Hoje não sou mais um joguete das ansiedades provocadas por situações imprevistas ou mutáveis. Estou aprendendo a viver com a provisão abundante do meu *Jeová-jiré*, aquele que vê nossa necessidade antecipadamente, e cuida dela. Não deixo as bênçãos de Deus ao acaso, não. Todos os dias, ao orar, tomo a determinação de colocar o reino de Deus em primeiro lugar, e depois oro a respeito de minhas necessidades. Peço a prometida provisão divina e a recebo. Ele me concede diariamente o meu pão.

E você também, leitor, pode vir a sentir-se cada vez mais livre dessas frustrações, se ordenar corretamente suas prioridades. Se a luta pelo pão de cada dia está difícil, não fique ansioso, nem preocupado com isso. Deus me deu uma promessa que, acredito, você também poderá reivindicar para si: "No dia que você atender o meu chamado à oração, começarei a suprir as suas necessidades."

RELACIONAMENTO COM OUTROS

Quem está sempre atormentado por sentimentos de culpa ou com dificuldade no relacionamento com outros, lembre-se de que deve perdoar. O perdão não é um ato automático. Temos que perdoar os nossos devedores todos os dias, se quisermos receber a purificação de Deus e tomar a decisão consciente de perdoar àqueles que nos ofenderem no decorrer do dia. À medida que perdoamos e entregamos a Deus nossos devedores e as ofensas cometidas contra nós, criamos as condições necessárias para receber as sobrenaturais bênçãos de Deus.

PODER

Se alguém não quer mais ficar à mercê do diabo, se quer levá-lo a nocaute pelo menos uma vez, precisa aprender a revestir-se de toda a armadura de Deus diariamente, e a erguer, pela oração, uma cerca de proteção em torno de si, de seus entes queridos e de tudo que possui. Aprenda a derrotar Satanás pela oração, pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de seu testemunho; do contrário, será derrotado.

Depois que aprendi a dar prioridade à oração, recebi muitos benefícios espirituais e materiais. Você também pode recebê-los. A Palavra de Deus ensina isso claramente. Se quisermos assumir nossa posição de participantes do reino de Deus, de seu poder e glória, temos que atender ao chamado dele para orarmos.

Pensemos um pouco no seguinte: se Jesus precisava orar todos os dias, quanto mais nós! Para ficar bem claro como a oração era importante para Jesus, gostaria de abrir um parêntese e examinar um dia na vida de Cristo. Vejamos o capítulo 1, do Evangelho de Marcos, que descreve essas vinte e quatro horas.

Depois de haver caminhado pelas margens do mar da Galiléia e de haver chamado Pedro, André, Tiago e João para seguirem-no e se tornarem pescadores de homens, Jesus dirigiu-se à sinagoga de Cafarnaum. Ah pregou, e ao encerramento da

reunião expulsou um espírito imundo de um homem que perturbara o culto.

Em seguida, foi para a casa de Pedro e André, onde curou a sogra do primeiro de uma febre. A tarde, ao pôr-do-sol, toda a cidade acorreu para a casa de Pedro. Haviam trazido muitos doentes e endemoninhados para que ele os curasse, e ele o fez.

Imagine como ele devia estar cansado naquela noite, quando finalmente conseguiu colocar a cabeça no travesseiro e dormir. Mas o que diz o verso seguinte? Marcos 1.35: "Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava."

E todos os dias de seu ministério foram iguais a esse. E era na prática da oração que Jesus obtinha poder e discernimento para cumprir diariamente a vontade do

I'ui. Ele era o Filho de Deus, mas orava. Era o homem mais ocupado que já andou sobre a face da terra, e também o mais importante, e, no entanto, a oração era a principal atividade de sua vida.

Não está na hora de você também combinar de se encontrar com o Senhor todos os dias, pela oração? Se optar por um horário matutino, ponha o relógio para despertar. E quando o alarme soar, salte logo da cama. Não faça como muita gente que desliga o alarme, vira para o outro lado e resmunga que precisa dormir um pouco mais por isso e por aquilo. Se agir assim, depois de alguns dias nem escutará mais a campainha. Mas levante-se logo. Se acha que tomar o café irá deixá-lo mais disposto e acordado, então vale a pena fazer o jejum antes de ir orar.

Quem quiser cultivar uma comunhão eficaz terá que derrotar os três inimigos da oração: interrupções, sonolência e devaneios. Então, vamos ver como se derrotam tais inimigos.

INTERRUPÇÕES

O telefone e a campainha da porta podem tornar-se terríveis inimigos do crente que deseja cultivar a disciplina da oração. É por isso que muitas pessoas preferem orar pela manhã, antes que ambos comecem a tocar. O Rei Davi não tinha telefone, nem campainha, mas tinha pelo menos oito esposas, dez concubinas, vinte e dois filhos, e um país para governar. Portanto, não nos admira que um dos momentos em que orava fosse cedo de manhã. Diz ele: "De manhã, Senhor, ouves a minha voz; de manhã te apresento a minha oração e fico esperando." (SI 5.3.)

Já Susana Wesley, por exemplo, que tinha dezenove filhos (dentre os quais João e Carlos Wesley, que fundaram a Igreja Metodista), orava entre uma e duas horas da tarde. Todos os dias, à uma hora, ela fechava a porta de seu quarto, ajoelhava-se ao lado da cama, abria a Bíblia, e ali conversava com Deus.

Imagine só! Naquela época, não havia supermercados, nem escola pública, nem lojas de departamentos, nem lanchonetes, nem máquinas de lavar e secar, nem os modernos eletrodomésticos que encontramos hoje. E essa mulher — cujo marido era pastor — tinha que costurar para os filhos, lavar as roupas à mão, arrumar a casa e a cozinha, preparar as refeições e dar aulas para suas crianças. Ainda assim tinha tempo para passar uma hora com Deus. Você gostaria de explicar para ela por que não tem tempo de orar?

Mas alguém pode estar dizendo: "Larry, esse negócio de orar de manhã não vai dar certo para mim."

Tudo bem. Existem muitas pessoas, inclusive pastores, que não têm condições de se deitar antes de meia-noite. Por isso não vou insistir em que todo mundo separe uma hora da manhã para orar, embora para mim seja a melhor hora. Ninguém é mais "santo" por orar às quatro da manhã. O importante é que cada um escolha o horário que melhor lhe convier, e comece a orar uma hora por dia.

Aprendamos a seguir a orientação do Espírito Santo, deixando que ele estabeleça a hora. Seu relógio está marcado para despertar às 5:30, por exemplo, mas pode acontecer de ele acordá-lo às 3:30 e dizer: "Está na hora de orar." Ou pode ser que seu horário seja 20:00, mas ele lhe dê um toque às 18:30, chamando-o à oração. Obedeça ao chamado dele. Quer dizer, não fiquemos amarrados a um horário; mas sejamos obedientes aos comandos do Espírito de Deus.

A verdade é que orar não é apenas observar uma hora de oração por dia. Essa hora é importante para criarmos uma atitude de oração para o dia todo. Jesus sempre atuava e vivia em espírito de oração, porque o lugar que ela ocupava em sua vida não era de apenas uma hora de comunhão pelas madrugadas; era bem mais que isso. E é assim também que deve ocorrer conosco, se quisermos nos tornar guerreiros vitoriosos, e não esses soldados sonolentos que às vezes somos em nossa relação com Deus. Paulo resumiu essas verdades muito bem quando disse: "Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos." (At 17.28.) É isso aí, amigo. Esse é o segredo. Que Deus nos ajude a não nos contentar com menos.

Não importa o horário escolhido, seja pela manhã, ao meio-dia ou à noite. O importante é que tenhamos uma *hora* certa e um *local* definido. Instruindo os discípulos acerca da oração, Jesus disse o seguinte: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto." (Mt 6.6.) Quer dizer, temos que definir um lugar calmo, em particular, onde possamos ter nossa comunhão com Deus diariamente. Não precisa ser nada muito rebuscado. Basta haver ali uma cadeira, junto à qual possamos ajoelhar-nos. O fato é que determinar o momento certo ajuda-nos a superar a questão das interrupções.

SONOLÊNCIA

Como podemos vencer esse inimigo, a sonolência? Conta-se que alguns dos primeiros líderes do movimento metodista, companheiros de João Wesley, decididos a livrar-se desse problema, costumavam molhar uma toalha e passá-la em torno

da cabeça, e assim continuavam orando. Eu não usaria esse recurso, mas admiro a determinação deles. Mas, se alguém sente-se sonolento quando ajoelha e apóia a cabeça nos braços, por que não experimenta orar sentado? Ou, então, poderia orar caminhando. Afaste as cadeiras ou mesa do caminho, e ande de um lado para outro no aposento, ou então num corredor. Verá que logo se acostumará com essa trilha. Assim poderá concentrar-se apenas em orar, derrotando esse inimigo que é a sonolência.

DEVANEIOS

Quem tem esse tipo de problema, isto é, seus pensamentos vagueiam, e não consegue pensar no que está orando, poderá superar o problema orando em voz alta; isso nos ajuda a fixarmos a mente no que estamos dizendo. Talvez seja essa uma das razões por que Jesus falou aos discípulos: "Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino." (Lc 11.2.)

Assim que conseguirmos superar esses problemas — as interrupções, sonolência e devaneios — o *desejo* de orar se transforma em *disciplina*. E à medida que nos disciplinamos para orar, a disciplina vai-se tornando um santo *deleite*.

E se alguém se preocupa porque vez por outra não ora com intensidade, não chora e não se emociona, não se aflija. É possível que os momentos em que menos *sentimos* vontade de orar, sejam aqueles em que mais *precisamos* fazê-lo. Além disso, não é por nossas lágrimas e emoções que levamos Deus a operar em nosso favor, e, sim, pela sua Palavra e por nossa obediência e persistência.

Outro detalhe importante a ser observado é estarmos sempre atentos aos toques do Espírito Santo, e orar em favor de cada pedido da maneira que ele nos orientar, pois Deus enviou seu Espírito em nosso auxílio, para interceder por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26). Desenvolvemos essa sensibilidade usando a nossa língua de oração, orando no Espírito e procurando estar atentos a seus apelos. Haverá momentos em que ele nos levará a transformar em petições determinado verso da Bíblia, ou então a fazer firmes declarações de fé com base em certos textos. Em outros momentos, poderemos nos encontrar chorando ou sentindo grande peso com relação a um problema sério. Em outras, romperemos em cântico ou riso, sentindo a paz e o gozo divinos inundarem nosso coração. Não tentemos transformar nossos momentos de oração numa eterna rotina. Vamos nos orientar pelos toques silenciosos ou fortes impulsos

do Espírito Santo, pois as decisões e instruções dele são sempre positivas. Seja sensível ao Espírito. Seja flexível, obediente ao seu comando. Não entristeça o terno Espírito, tentando impor sua vontade.

O pastor B. J. Willhite, que é o encarregado da oração em nossa igreja, e que há trinta anos levanta-se cedo pela manhã para ter comunhão com Deus, diz o seguinte acerca da oração:

"Durante alguns dias ficamos a cavar buracos; mais alguns dias, assentamos os postes. Em outros dias, colocamos os fios. E finalmente chega o dia em que o circuito se completa e conseguimos o desejado contato."

Deus, o nosso Pai, nos faz essa promessa: "Assim que você atender ao meu chamado à oração, começarei a suprir as suas necessidades."

Então, o que é que você decide? Está disposto a marcar um encontro com Deus diariamente para buscar sua face em oração? É só dizer o lugar e a hora. Ele não chegará atrasado.

CAPÍTULO DEZENOVE

Exemplos a Serem Seguidos

Fizeram um recenseamento em Waco, Texas, e descobriram que lá havia mais batistas do que gente! Sério! É verdade mesmo! E todos os batistas — e mesmo quem não é batista — conhecem ou provavelmente já ouviram falar de W. A. Criswell, um dos mais velhos líderes da Convenção Batista do Sul. Como admiro e amo esse irmão querido!

Criswell nos ligou, certo dia — eu já estava à frente do pastorado da Igreja Sobre a Rocha havia alguns anos. Pediu que eu e os diáconos da igreja tivéssemos uma entrevista com ele em seu gabinete, no centro de Dallas. Ficamos muito surpresos, mas ao mesmo tempo encantados com seu convite para visitar a Primeira Igreja Batista, da qual é pastor.

Assim que chegamos, trocamos algumas palavras informais com esse nobre e afável servo de Deus, e logo em seguida ele se virou para mim e indagou:

— Queria fazer-lhe uma pergunta. Por que você não é batista?

Como eu nascera e fora criado numa igreja batista do Sul, preparei-me para ouvir a maior repreensão de minha vida.

É possível que ele tenha sentido minha apreensão, e reformulou a pergunta.

— Rapaz, se não fosse pelos batistas, você não saberia ler nem escrever. Por que não é batista?

— Dr. Criswell, comecei a responder meio hesitante, ao mesmo tempo em que tentava prever onde ele queria chegar, o senhor teria alguns momentos?

— Claro, replicou amável.

Então lhe relatei meu testemunho. Contei-lhe como Jesus me salvara numa instituição psiquiátrica, quando sofria de um esgotamento nervoso, como ele me curara e me chamara para ser pregador. Relatei-lhe que, quando estudava na Faculdade Batista de Dallas, me pusera a ler os textos em vermelho e a buscar o poder de Deus. Narrei-lhe que certo dia, depois de orar nos seguintes termos: "Senhor, se este evangelho tem algum poder, eu o quero", comecei a falar uma língua estranha que nunca tinha escutado antes.

E fui contando àquele amado pastor como Deus me chamara para orar, e como esse chamado ficara ecoando em meu coração até que o atendera. Contei-lhe que, em obediência a uma ordem do Senhor, fundara uma igreja em Rockwall, toda consagrada ao propósito de levantar-se cedo pela manhã para orar, e depois obedecer à voz de Deus.

Não sabendo ao certo até onde Criswell estava disposto a ouvir-me, parei. Vendo que eu hesitava, ele se inclinou mais para mim, com lágrimas a lhe rolar pelo rosto, e fez sinal para que parasse.

— Já basta, falou, sem entrar em discussão por causa de nossas diferenças doutrinárias.

Aqui ele apertou minha mão, e concluiu:

— Tudo que você fez foi bíblico.

Então nós dois choramos juntos por uns instantes. Depois de uns momentos de emoção, enxuguei as lágrimas e indaguei.

— E o senhor, Dr. Criswell, qual é o seu segredo? O senhor está há quarenta anos na mesma igreja e sempre com sucesso.

E não deveria ter ficado surpreso com a resposta dele.

— Levanto-me cedo todos os dias, e passo as primeiras cinco horas do dia em comunhão com Deus. A primeira hora, passo-a em oração; as duas seguintes, em estudo bíblico; a outra, em meditação, e na última fico a planejar as atividades do resto do dia.

Terminada a conversa, quando já me encaminhava para a porta, Criswell me perguntou:

— Conhece esse tal Dr. Cho? Li todos os seus livros e ouvi suas fitas, e estou muito curioso a seu respeito.

Respondi-lhe que sim e que aliás tinha até o compromisso de pregar na igreja dele na semana seguinte. Prometi dizer a Cho que Criswell desejava conhecê-lo.

E na semana seguinte, quando estava em companhia de Cho, sentado a uma mesa, de repente ele me perguntou:

— Conhece esse tal Dr. Criswell? Li todos os seus livros e ouvi as fitas dele.

Isso é que é "santa coincidência". Então respondi:

— Dr. Cho, na semana passada conversei com o Dr. Criswell, e ele me fez a mesma indagação com relação ao senhor.

Assim que regressei a Dallas, liguei para o Dr. Criswell e indaguei:

— O que o senhor diria se eu lhe dissesse que o Pastor Cho estaria pronto a pregar na Primeira Igreja Batista de Dallas, num domingo à noite?

Sem hesitar nem por um instante, ele replicou:

— Diria: "Glória a Deus! Vamos marcar a data!"

E foi assim que no final de 1984 fui com o Dr. Cho à Primeira Igreja Batista de Dallas, num domingo à noite. Ele pregou, e após o encerramento do culto saímos com alguns membros da liderança da igreja que nos conduziram a uma limusine. E ali estava eu, sentado ao lado de homens que tanto admirava. Minha intenção era ficar o mais silencioso possível, e escutar muito.

Foi Criswell quem iniciou a conversa.

— Sabe de uma coisa, Cho, principiou ele, vou ser muito sincero com você, apesar de admirá-lo muito já há vários anos. Depois de ler seus livros e ouvir suas fitas, fiquei convencido de que tudo que realizara na Coréia nada mais era do que um fenômeno sociológico — um evento que não poderia ter ocorrido em nenhum outro lugar, e em nenhuma outra época. Mas depois conheci este rapaz aqui — e aí apontou para mim. Então, Lea, continuou Criswell, quer me explicar como conseguiu repetir esse fenômeno de Seul, Coréia, aqui no Texas?

Troquei um olhar de compreensão com o Dr. Cho e respondi:

— Eu oro e obedeço.

E no jantar que se seguiu passei momentos gloriosos, pois aqueles dois homens eram profundamente sinceros, abertos. Em dado momento, o Pastor Criswell disse:

— Dr. Cho, ouvi dizer que ora muito.

Eu devia ter mencionado que Cho já pregara em nossa igreja, no culto das oito da manhã. Aiites do início do culto, eu e alguns diáconos estávamos reunidos em uma pequena sala de oração intercedendo pela reunião, quando chegaram o Dr. Cho e seu auxiliar Cha. Convidei-os para virem orar conosco, e o pastor respondeu polidamente:

"Já orei. Passei três horas em oração pela manhã, a favor do culto."

Mas, apesar disso, ele e seu colega se ajoelharam e oraram conosco mais um pouco. E por ocasião do culto ele pregou com poderosa unção. Mas sei também que, mais tarde, ele orou mais duas horas antes de ir pregar à noite na Primeira Igreja Batista. Então o Pastor Criswell tinha razão: Cho ora muito.

Durante o jantar, ele fez uma confidência a Cho em tom brincalhão. Disse ele:

— Cho, quando passo quinze minutos em oração, fico com a sensação de que Deus já está cansado de mim, e eu também me sinto cansado de orar. Como é que você pode orar tanto? O que faz?

E a resposta que Cho lhe deu deixou-me muito alegre, pois não respondeu com uma explicação tipicamente pentecostal como: "É que eu falo em línguas, e você não." Não; ele deu um sorriso tranqüilo e respondeu:

— É que todos os dias faço uma espécie de "corrida" no Espírito. Sei quando já fiz um quinto do trajeto, e depois dois, e três e quatro quintos, e quando já terminei. Ai, se ainda tenho tempo, faço o percurso de novo, como um corredor que dá voltas numa pista.

No dia seguinte, fomos jogar golfe, eu e Cho. Ou pelo menos eu joguei. Ele ficava mais tempo em comunhão com o Espírito. Era assim: ele dava uma tacada, e logo se virava e ia para o carrinho, sem querer saber onde a bola tinha ido parar. Foi a mais estranha partida de golfe que já disputei.

Afinal, reuni bastante coragem e fiz a pergunta que desejava dirigir-lhe.

— Dr. Cho, indaguei, que negócio é esse de pista de corrida que mencionou para o Dr. Griswell ontem?

E a resposta dele me deixou boquiaberto, pois começou a expor muitos dos mesmos princípios que o Espírito Santo me ensinara. Senti uma vibração interior ao ouvir as palavras dele, pois explicou que essa "pista de corridas" para a oração é o "Pai Nosso". As voltas que ele dá em torno da pista são os seis princípios eternos encontrados na oração-modelo que Jesus ensinou aos seus discípulos.

E os primeiros seguidores de Jesus seguiram esse modelo dado por ele? Os relatos históricos mostram que sim. O Didaquê, um documento elaborado pelos primeiros judeus cristãos, instruía os discípulos no sentido de recitar o Pai Nosso três vezes ao dia (Didaquê, 8,2,3). E as instruções de Cristo para sua Igreja ainda não foram modificadas. Ela deve ser uma casa de oração, de pureza, de poder e de perfeito louvor. A que altura dessa progressão espiritual se encontra você, que é um templo de barro onde habita o Altíssimo? Em que ponto estará daqui a um ano? Desejo? Disciplina? Deleite? A decisão é sua. Se não começar a orar logo, daqui a um ano não terá avançado quase nada com Deus. O Espírito de Deus está ansioso para ensiná-lo a caminhar de acordo com o jugo que preparou para você.

Todo mundo quer modificar-se. Mas uma mudança assim requer primeiro desejo e disciplina, para depois se transformar em deleite. Antes de qualquer perspectiva de mudança, há sempre a agonia da tomada de decisão. E nesse caso em particular, é necessário uma consciente e incisiva decisão de avançar com Deus.

Se fizermos a oração do Pai Nosso da maneira como deve ser feita, estamos decidindo obedecer às principais mensagens da vida e ministério de Cristo. Conseqüentemente santificaremos o nome de Deus em nosso viver, em nosso culto a ele. Também arrependemos de nossos erros, colocaremos em primeiro lugar as atividades a que Deus dá prioridade; e nos tornaremos participantes do movimento do seu reino. Tomaremos a decisão de perdoar os nossos ofensores, e de viver em harmonia com Deus e com os outros. Faremos orações específicas a respeito de nossas provisões diárias, suplicando com persistência. Revestidos de toda a armadura de Deus e envolvidos por sua cerca de proteção, resistiremos às tentações e derrotaremos o diabo e os poderes malignos. E daremos todo louvor ao nosso Pai, que nos tornou participantes de seu reino, seu poder e sua glória.

Irmão, dou-lhe a minha palavra. Se você tomar a decisão de posicionar-se ao lado de Deus, alguma coisa de sobrenatural irá

acontecer em sua vida. Ele me tirou de uma ala psiquiátrica de um hospital. Transformou um *hippie* chamado Jerry Howell em um pastor. E quando meu pai pegou a mão que Deus lhe estendia, abandonou uma vida de alcoolismo e miséria. Se você estiver pronto a deixar que Deus realize uma obra nova em sua vida, dê o passo que já sabe que deve dar.

"Nem uma hora pudeste vigiar comigo?" Alguém está-lhe dirigindo essa pergunta neste momento. E o nome dele não é Henry; o nome dele é Jesus.

CAPÍTULO VINTE

Por Causa de Dez

Certa vez o Dr. Cho, em conversa comigo, fez a seguinte observação:

"Os americanos contribuem muito, cantam hinos, constroem templos e pregam muito; mas não oram."

Mas graças a Deus que ele está modificando esse quadro. O Espírito de intercessão, o Espírito Santo de Deus, está derrotando a carne. Estamos vivendo os primeiros estágios de uma grande operação divina que será a mais poderosa que o mundo já viu, e irá transformar vidas e renovar a nação. Deus está iniciando o avivamento da oração — um avivamento, não uma doutrina, nem um ensino edificado em torno de homens dotados de carisma; está derramando um espírito de intercessão no coração de seu povo. E qual a razão disso? É que já estamos ficando cientes de um fato: ou oramos ou perecemos.

Quem de nós não se acha consciente da presença das nuvens que prenunciam as chuvas do juízo final? Parece que já se avistam no horizonte as imensas massas nebulosas da ira divina; sentimos que o trovejar profético de uma calamidade que se aproxima se faz ouvir por toda a terra.

Em seus dias, Abraão viu essas nuvens nos céus de Sodoma e Gomorra. E certo dia, Deus mesmo, em pessoa, foi levar a seu servo a temida mensagem. E de sua conversa com ele e dos eventos que decorreram dela, podemos extrair quatro princípios espirituais que nos ensinam muitas coisas e podem levar-nos a interceder mais. Esses quatro princípios se acham relacionados com a total ignorância dos ímpios, a influência preservadora do

justo, bem como sua intercessão perseverante e o forte impacto de sua presença.

A TOTAL IGNORÂNCIA DOS ÍMPIOS

Os ímpios, de modo geral, desconhecem o fato de que Deus está atento à condição moral das cidades. Os versos 20 e 21 de Gênesis 18 revelam essa verdade:

"Disse mais o Senhor: *Com efeito o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado e o seu pecado se tem agravado muito.*

"Descerei, e verei se *de fato* o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo *até mim*; e, se assim não é, *sabê-lo-ei.*"

Segue-se então a eloqüente e intensa intercessão de Abraão em favor das duas cidades:

"Se houver, porventura, cinquenta *justos* na cidade, destruirás ainda assim, e não pouparás o *lugar* por amor dos cinquenta justos que *nela se encontram*?

"Então disse o Senhor: Se eu achar em *Sodoma* cinquenta justos *dentro da* cidade, pouparei a cidade *toda* por amor *deles.*" (Gn 18.24,26.)

E em seguida, com muita reverência, ele repete quatro vezes a súplica em favor da cidade, e a cada vez vai abaixando o número de justos que seriam necessários para deter a mão de Deus, e evitar o castigo e a destruição. Ele destruiria a cidade se ali fossem encontrados quarenta e cinco justos? Quarenta? Trinta? Vinte?

Abraão não estava apenas "barganhando" com Deus, que não tem prazer na morte do ímpio (Ez 33.11).

Ele conhecia a natureza compassiva e longânima do Senhor, e por isso permaneceu em sua presença, e fez uma última petição para que ele tivesse misericórdia. "Se, porventura, houver ali dez? Respondeu o Senhor: Não a destruirei por amor dos dez." (Gn 18.32.)

É provável que os pecaminosos e ingratos habitantes de Sodoma ficassem muito admirados ao descobrir o valor que Deus dá a um justo. Toda a cidade poderia ter sido poupada se ali, no interior de suas muralhas, fossem encontrados dez justos. E na verdade somente Ló, o único homem justo que havia em Sodoma, e seus familiares foram salvos (Gn 19.16).

E se os habitantes daquela cidade tivessem ouvido Deus assegurar a Abraão que, se encontrasse cinqüenta, quarenta, trinta, vinte, ou até mesmo dez justos, ele não destruiria a cidade, certamente teriam ficado estarecidos ao constatar um fato impressionante: não é a presença do mal entre os homens que esgota a misericórdia e a longanimidade de Deus, mas, sim, a ausência do bem.

A INFLUÊNCIA PRESERVADORA DO JUSTO

Os orgulhosos inimigos de Deus, que depreciam e perseguem aqueles que querem viver "no presente século, sensata, justa e piedosamente" também desconhecem a influência preservadora do justo (Tt 2.12).

Pelo que diz Sam Shoemaker em seu livro *Extraordinary Living for Ordinary Men* (Uma vida fora do comum para homens comuns) William Lecky, que fez um estudo da história da Igreja, e que viveu no século XIX, atribuía a João Wesley o fato de não ter havido uma sangrenta revolução na Inglaterra, nos dias daquele pregador. Wesley havia organizado em todo o país grupos cristãos, compostos de doze crentes. Cada grupo tinha um dirigente, e se reunia uma vez por semana. O objetivo deles era auxiliarem-se mutuamente para viverem de acordo com os padrões do cristianismo.¹

Agora vamos pensar um pouco e ver por nós mesmos. Não é verdade que esse pequeno remanescente, que ergueu o nível moral e espiritual da Inglaterra, impediu que essa nação tivesse o mesmo destino da França, onde naquele mesmo século houve uma revolução sangrenta que derrubou o governo? O que teria acontecido na França se lá existisse um Wesley, ou ocorresse ah

um avivamento que preservasse a nação do declínio moral e da destruição?

Lembre-mo-nos de que, se em Sodoma fossem encontrados dez justos, Deus teria poupado a cidade por amor a eles. Alguns calculam que dez corresponda a um décimo de um por cento da população da cidade — uma pitada de sal no meio de uma imensa podridão, ou um filete de luz em meio a densas trevas. E, no entanto, aos olhos de Deus, dez justos seriam suficientes para salvar Sodoma.

A PERSEVERANTE INTERCESSÃO DO REMANESCENTE

A intercessão de Abraão por Sodoma resultara de uma comunicação que fora feita por Deus: "Disse o Senhor: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer?" (Gn 18.17.) Há ocasiões em que o Espírito Santo leva alguns crentes a orar, mostrando-lhes algo que está para acontecer. Deus revela suas intenções a seus amigos, e dessa forma os convida a intercederem.

Embora Deus esteja-nos convocando à intercessão, devemos lembrar-nos de que nossa petição tem que estar em harmonia com o caráter dele e com sua aliança com a humanidade. Observemos que, quando Abraão apresentou a Deus suas razões para fazer aquele pedido, não revelou uma visão tacanha, egoísta, mesquinha. "E aproximando-se a ele disse: Destruirás o justo com o ímpio?... Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.23,25.)

Deus age de acordo com sua natureza e com sua aliança com a humanidade. Ele não pode fazer nada que não seja irrepreensivelmente justo. Foi por isso que Abraão baseou seu apelo na preservação de seu nome e sua honra perante o mundo; ele apelou também para a perfeita justiça divina. Deus não destruiria o justo com o ímpio, o inocente com o culpado. Não seria melhor que o ímpio fosse misericordiosamente poupado, do que perecer o justo injustamente?

O FORTE IMPACTO DA PRESENÇA DO JUSTO

Deus tem para seu povo uma promessa inalterável:

"Se o meu povo, que se chama *pelo meu* nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu *ouvirei dos céus*, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra." (2 Cr 7.14.)

Mas mostra também uma alternativa que dá o que pensar.

"Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se *colocasse* na brecha perante mim a *favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas* a ninguém achei.

"*Por isso eu* derramei sobre eles a minha indignação, com o *fogo do meu furor os consumi; fiz cair-lhes sobre a cabeça o castigo do seu procedimento, diz o Senhor Deus.*" (Ez 22.30,31.)

Às vezes a igreja tem a tendência de avaliar a influência de alguém em termos de cifras ou cifrões. Mas não é pela matemática que se mede o impacto que um justo causa na sociedade. Deus salva com muitos ou com poucos. Não me acanho de confessar que Deus me instruiu para que chamasse, orientasse, incentivasse e inspirasse 300.000 crentes, mobilizando-os para orar. Visto por um prisma, isso representa bem mais que os dez justos de Sodoma; mas por outro, não. Esse número é exatamente um décimo de um por cento da população dos Estados Unidos. Se o povo de Deus se arrepender dos pecados da nação e buscar a face dele, o Senhor não deixará que ela seja destruída. Se nós orarmos, a destruição poderá ser evitada, e o castigo suspenso.

Então a pergunta que lhe dirijo agora é: quer fazer o pacto de orar uma hora por dia, intercedendo por si mesmo, por seus entes queridos, pelos incrédulos e pelos que desconhecem a Deus? Estaria disposto a orar pela Igreja de Deus, hoje tão cheia de mácula e ruga? Acredite-me, é nossa única esperança. Deus está marcando com um sinal a testa de todos aqueles que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem na terra (Ez 9.4-6). E, como aconteceu nos dias do profeta Ezequiel, aqueles que possuem essa marca serão poupados do extermínio.

E que hoje possa ecoar em nossos ouvidos o velho juramento divino: "Não a destruirei por amor dos dez", e nos faça cair de joelhos em oração.

1. Samuel Shoemaker, *Extraordinary Living for Ordinary Men*, (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1965).

Plano de Oração

- I. "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome."
- A. Procure visualizar mentalmente o Calvário, e dê graças a Deus por poder chamá-lo de Pai, pelos méritos do sangue de Jesus.
 - B. Santifique os nomes de Deus que correspondem às cinco bênçãos da Nova Aliança, fazendo as declarações de fé.

Bênção	Nome	Significado
Santificação	<i>Jeová-tsidkenu</i> <i>Jeová-m'kadesh</i>	O Senhor Justiça Nossa O Senhor que vos santifico
Espírito	<i>Jeová-shalom</i> <i>Jeová-samá</i>	O Senhor é paz O Senhor está ali
Saúde	<i>Jeová-rafá</i>	O Senhor que te sara
Sucesso	<i>Jeová-jiré</i>	O Senhor proverá
Segurança	<i>Jeová-nissi</i> <i>Jeová-roí</i>	O Senhor é minha bandeira O Senhor é o meu pastor

II. "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade."

- A. Em sua própria vida
 - B. Em sua família
 - 1. Esposo/esposa
 - 2. Filhos
 - 3. Familiares
 - C. Em sua igreja
 - 1. Pastor
 - 2. Líderes
 - 3. Fidelidade dos membros
 - 4. Colheita de almas
 - D. Em sua nação
 - 1. Liderança política municipal, estadual e nacional
 - 2. Líderes espirituais
 - 3. Uma outra nação específica
- III. "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje."
- A. Estar alinhado com a vontade de Deus:
 - 1. Na vida espiritual
 - 2. Na igreja
 - 3. Nos hábitos de trabalho
 - 4. Na contribuição
 - B. Crer que Deus quer fazê-lo prosperar.
 - C. Fazer citações específicas.

- D. Ser persistente.
- IV. "E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores."
- A. Peça a Deus que o perdoe.
 - B. Perdoe aos que o ofenderam, para libertá-los.
 - C. Tome a decisão prévia de perdoar àqueles que vierem a ofendê-lo.
- V. "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal."
- A. Revista-se de toda a armadura de Deus, o Senhor Jesus Cristo.
 - 1. Cingindo-se com a verdade.
 - 2. Vestindo a couraça da justiça.
 - 3. Calçando os pés com a preparação (a prontidão) do evangelho da paz.
 - 4. Embracando o escudo da fé.
 - 5. Tomando o capacete da salvação.
 - 6. Empunhando a espada do Espírito, que é a Palavra (*rhema*) de Deus.
 - 7. Orando em todo o tempo no Espírito.
 - B. Ore a Deus pedindo-lhe que erga uma cerca de proteção ao seu redor. (O Senhor é o seu refúgio e o seu baluarte; o seu Deus em quem você confia.)
 - 1. Porque você fez do Senhor a sua morada.
 - 2. Porque se apegou a ele com amor.
 - 3. Porque você conhece o nome dele.
- VI. "Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre."
- A. Faça declarações de fé.
 - B. Volte a louvar a Deus.